

Priscilla Caires Santana Afonso (Org.)

Os 60 anos do curso de Geografia – da FUNM à UNIMONTES





Os 60 anos do curso de Geografia – da FUNM à UNIMONTES

©Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes

Wagner de Paulo Santiago
Reitor

Dalton Caldeira Rocha
Vice-Reitor

Ivana Ferrante Rebello
Pró-Reitora de Ensino

Marlon Cristian Toledo Pereira
Pró-Reitor de Pós-Graduação

Maria das Dores Magalhães Veloso
Pró-Reitora de Pesquisa

Cláudia Luciana Tolentino Santos
Pró-Reitora de Planejamento, Gestão e Finanças

Rogério Othon Teixeira Alves
Pró-Reitor de Extensão

©Editora Unimontes

Maria Clara Maciel de Araújo Ribeiro
Editora Chefe

Conselho Editorial

Maria Clara Maciel de Araújo Ribeiro
Gustavo Henrique Cepolini Ferreira
Ivana Ferrante Rebello
Leandro Luciano Silva Ravnjak
Luiz Henrique Carvalho Penido
Patrícia Takaki Neves
Tânia Marta Maia Fialho
Vanessa de Andrade Royo

Priscilla Caires Santana Afonso (Org.)



Os 60 anos do curso de Geografia – da FUNM à UNIMONTES

Jacqueline Duarte de Souza
Projeto gráfico, capa e diagramação

Os organizadores
Revisão linguística

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

60 anos do curso de Geografia [livro
eletrônico] : da FUNM à UNIMONTES /
Priscilla Caires Santana
Afonso (org.). -- 2. ed. -- Montes Claros,
MG :
Editora Unimontes, 2025.
PDF

Bibliografia.
ISBN 978-85-7739-745-7

1. Geografia 2. Universidade Estadual de
Montes Claros (UNIMONTES) - História I.
25-281169 CDD-378.98151

Índices para catálogo sistemático:

1. Universidade Estadual de Montes
Claros : História 378.98151

Aline Graziele Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Elaborado por Biblioteca Central Professor Antônio Jorge / Roseli Damaso – CRB-6/1892

©Editora Unimontes

Campus Universitário Prof. Darcy Ribeiro
Montes Claros - Minas Gerais - Brasil
CEP 39401-089 - CAIXA POSTAL 126

www.editora.unimontes.br | editora@unimontes.br

Filiada à



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

INTRODUÇÃO

Priscilla Caires Santana Afonso

PARTE 1: 60 ANOS DE HISTÓRIA DO CURSO DE GEOGRAFIA: OS DESAFIOS PARA A IMPLANTAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR NA REGIÃO NORTE DE MINAS GERAIS 13

FRAGMENTOS DA HISTÓRIA DO CURSO DE GEOGRAFIA DA UNIMONTES: DA FUNM À UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS - UNIMONTES (1964-1989) 15

Priscilla Caires Santana Afonso, Filomena Luciene Cordeiro Reis

A HISTÓRIA DO CURSO DE GEOGRAFIA DA UNIMONTES: A ESTADUALIZAÇÃO DA FUNM E O CURSO DE GEOGRAFIA NO CONTEXTO ATUAL (1989-2024) 40

Priscilla Caires Santana Afonso, Filomena Luciene Cordeiro Reis

SESSENTA ANOS DO CURSO DE GEOGRAFIA DA UNIMONTES: REPENSAR AS CONQUISTAS E INQUIETUDES NA/DAS CAMINHADAS ACADÊMICA 60

Iara Maria Soares Costa da Silveira, Márcia Verssiane Gusmão Fagundes

PARTE 2: O CURSO DE GEOGRAFIA DA UNIMONTES E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES NO NORTE DE MINAS GERAIS 83

FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA NA FUNM: ANÁLISE CURRICULAR (1964-1967) 85

Dulce Pereira dos Santos, Adriany de Ávila Melo Sampaio, Rahyan de Carvalho Alves, Janete Aparecida Gomes Zuba, Carlos Alexandre de Bortolo

**MEMÓRIAS DAS GEOGRAFIAS FÍSICA E HUMANA NA LICENCIATURA
DO CURSO DE GEOGRAFIA DA UNIMONTES – 1992 - 2002 139**

Cássio Alexandre da Silva, Ana Ivania Alves Fonseca

**EDUCAÇÃO E PANDEMIA: ESTRATÉGIAS E DESAFIOS FRENTE AO
ENSINO DE GEOGRAFIA DURANTE A COVID-19 157**

Ricardo Henrique Palhares

**EXPERIÊNCIAS COM A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NO CURSO DE
GEOGRAFIA DA UNIMONTES 169**

*Romana de Fátima Cordeiro Leite, Rachel Inêz Castro de Oliveira, Christian Yago
Vieira de Souza, Grazielle Pereira Santana*

SOBRE OS AUTORES 189

APRESENTAÇÃO

Com muita honra e satisfação, apresentamos o livro “Os 60 anos do Curso de Geografia – da FUNM à Unimontes”. O sentimento de alegria é ainda maior diante da elevada qualidade editorial e do conteúdo desta publicação, que celebra uma trajetória marcada por conquistas e dedicação à educação superior no Norte de Minas.

Destacamos e enalteçamos a competência da professora Priscilla Caires Santana Afonso, que não mediu esforços para se dedicar ao movimento de pesquisa que resultou nesta obra. Egressa do curso de Geografia da Unimontes e doutora pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), ela organizou este trabalho com profundo conhecimento, fruto de uma formação sólida e de uma carreira comprometida com a área.

A professora Priscilla Caires Santana Afonso contou com a valiosa colaboração de docentes igualmente dedicadas e reconhecidas: Iara Maria Soares da Costa Silveira e Márcia Versiani Gusmão Fagundes, expoentes do curso de Geografia da Unimontes, além da professora Filomena Luciene Cordeiro Reis, pesquisadora vinculada ao Departamento de História da Unimontes e atual diretora da Diretoria de Documentação e Informações (DDI) da Universidade.

Graças ao trabalho da organizadora e suas colaboradoras, o livro se estrutura em dois capítulos que narram a trajetória gloriosa do curso de Geografia. Da Universidade Estadual de Montes Claros. O primeiro capítulo resgata os 60 anos de história do curso, abordando os desafios da implantação do ensino superior na região norte-mineira, os caminhos trilhados para sua criação e territorialização, bem como as potencialidades e os obstáculos superados ao longo do tempo. O segundo capítulo foca na formação de professores no Norte de Minas, analisando os rumos, as demandas e as perspectivas futuras para a continuidade e fortalecimento do curso.

A história do curso de Geografia se confunde com a própria história da nossa Universidade. A graduação em Geografia foi uma das primeiras do Norte de Minas, ao lado dos cursos de História, Pedagogia e Letras,

implantados na antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (Fafil), unidade da Fundação Norte Mineira de Ensino Superior (FUNM), hoje Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes.

Ao relembrar essa trajetória, é fundamental reconhecer o protagonismo das pioneiras na criação do curso. As professoras Maria Dalva Dias de Paulo (in memoriam) e Maria Florinda Ramos Marques foram figuras essenciais nesse processo, unindo-se a outras mulheres que também estiveram à frente da criação da Fafil, carinhosamente apelidada de “Faculdade das Meninas”. Entre elas, destacam-se:

- Isabel Rebello de Paula (organizadora do curso de História),
- Maria Isabel Figueiredo Sobreira (responsável pelo curso de Pedagogia),
- Maria da Consolação de Magalhães Figueiredo (que coordenou o início do curso de Letras).

Desde a sua criação, o curso de Geografia enfrentou e superou inúmeros desafios. Ele foi instituído antes mesmo da regulamentação da profissão de geógrafo, oficializada pela Lei Federal nº 6.664, de 26 de junho de 1979, e pelo Decreto nº 85.138, de 15 de setembro de 1980.

A Geografia é a ciência que estuda a superfície terrestre e a relação entre os fenômenos naturais e a ação humana. O geógrafo investiga as interações entre sociedade e ambiente, analisa a distribuição dos recursos naturais, as dinâmicas espaciais e os impactos das ações humanas sobre o território.

Até o momento, a Unimontes já formou mais de 2.200 profissionais da Geografia, entre os cursos ofertados no campus-sede e no campus de Pirapora. A instituição também conta com o Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGEO), que oferece cursos de Mestrado e Doutorado com conceito 4 pela Capes/MEC. O programa atua em diversas linhas de pesquisa, como Produção dos Espaços Urbanos e Rurais e Território, Cultura e Meio Ambiente.

Assim, com imenso orgulho e júbilo, a Unimontes celebra os 60 anos do seu curso de graduação em Geografia. Por meio do trabalho de

professores, pesquisadores e estudantes, seguimos contribuindo para um mundo mais justo e sustentável, gerando conhecimento e promovendo ações que garantam qualidade de vida às futuras gerações.

A Unimontes tem como missão “contribuir para a melhoria e a transformação da sociedade, atender às aspirações e aos interesses de sua comunidade e promover o Ensino, a Pesquisa e a Extensão com eficácia e qualidade”. E, por meio do curso de Geografia, essa missão é cumprida de forma concreta, por meio de ações acadêmicas e sociais que impactam, positivamente, nossa região e nosso país.

Professor Wagner de Paulo Santiago
Reitor da Unimontes

INTRODUÇÃO

O curso de Geografia completa 60 anos (1964-2024). Essa história confunde-se com a criação da Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes e com outras tantas histórias, como a de seus alunos que contribuíram para construção e desenvolvimento da sociedade norte mineira. Esta obra apresenta parte dessa história, momentos que ficaram eternizados nas memórias daqueles que construíram o curso e nos documentos disponibilizados pela universidade, em especial pela Diretoria de Documentação e Informação – DDI da Unimontes.

O objetivo desta obra é compreender a trajetória do curso de Geografia ao longo de seus 60 anos. Para tanto, utilizou-se como metodologia a pesquisa bibliográfica, a história oral e a consulta a diversas fontes disponibilizadas pelos diversos departamentos e setores da universidade, em especial a já citada DDI/Unimontes.

Cabe ressaltar que nenhuma obra é completa. Neste caso, esta obra conta com fragmentos dos acontecimentos documentados e/ou lembrados pelos sujeitos que construíram com luta, objetividade e clareza o curso. Isso pode ser verificado ao analisar a história da professora Regina Maria Peres Figueiredo Dias que, apesar de não ter tido o seu nome citado nas fontes pesquisadas, aparece em conversa com os professores da época da criação do curso como uma importante professora do Departamento de Geociências. Esta obra e os seus autores reconhecem a sua importante contribuição como chefe de departamento, professora de Cartografia e líder de pesquisas.

Sendo assim, o presente livro está dividido em duas partes. A primeiro, *60 anos de história do curso de Geografia: os desafios para a implantação do ensino superior na região norte de Minas Gerais*, analisa a criação e territorialização do curso no contexto histórico da época (1964), apontando potencialidades e percalços superados. Já a parte 2, *o curso de Geografia da UNIMONTES e a formação de professores no norte de Minas Gerais*, identifica e avalia a formação de professores, apontando para as necessidades e o direcionamento futuro para o curso.

Espera-se contribuir para o entendimento do que é o curso de Geografia da Unimontes, apresentar o caminho pelo qual o curso terá que trilhar e como deverá ser orientado, além de mostrar aos professores, às autoridades e à sociedade, o quanto este pode continuar a ser um grande aliado para a construção de uma sociedade mais equânime e justa, tendo em vista as suas atividades de pesquisa, ensino e extensão.

Priscilla Caires Santana Afonso

**01. 60 ANOS DE
HISTÓRIA DO CURSO
DE GEOGRAFIA:
OS DESAFIOS PARA
A IMPLANTAÇÃO DO
ENSINO SUPERIOR
NA REGIÃO NORTE
DE MINAS GERAIS**

FRAGMENTOS DA HISTÓRIA DO CURSO DE GEOGRAFIA DA UNIMONTES: DA FUNM À UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS (1964-1989)

Filomena Luciene Cordeiro Reis

Priscilla Caires Santana Afonso

Introdução

O curso de Geografia completa 60 anos! Maduro e seguro, não perdeu sua característica primordial, ou seja, o arrojo e a capacidade de se reinventar e de se atualizar. Esse fato pode ser comprovado a partir do entendimento de sua(s) história(s) que se mistura com a história da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), a antiga Fundação Universitária Norte Mineira (FUNM)¹.

Far-se-á, neste capítulo, uma incursão histórica da FUNM/Unimontes para relembrar e registrar a história desse curso que transformou a vida de muitos alunos, célebres personagens de nossa sociedade. Igualmente, é importante entender de onde vem e para onde vai esse curso, como ensina os historiadores, aliando espaço e tempo em todas as suas dimensões, passado, presente e futuro.

É preciso lembrar que essa narrativa parte de obras como os livros organizados pelos historiadores Regina Célia Lima Caleiro e Laurido Mekie Pereira (2002), além de Carla Maria Junho Anastasia (2012), escritas à época das comemorações dos 40 e 50 anos, respectivamente, da Unimontes.

A revista Vínculo (1989), especialmente o artigo escrito pela professora do curso de Geografia, Maria José Narciso Gomes (1989), foi de suma importância para balizar os dados apresentados nessa escrita que,

¹ A FUNM foi mais amplamente conhecida como Fundação Norte Mineira de Ensino Superior. A nomenclatura foi mudada por exigência do Conselho Estadual de Educação para o reconhecimento do curso de Medicina para Fundação Universidade Norte Mineira.

junto aos documentos de valor secundário, conhecidos pelo senso comum como históricos, e a história oral, possibilitou conhecer um pouco mais a caminhada dos sujeitos históricos da Geografia. Com essa metodologia, reforçam-se alguns fatos já conhecidos e somam-se “novos” episódios até então desconhecidos ou “esquecidos” pela comunidade acadêmica, viabilizando, também, corrigir equívocos, com o devido cuidado teórico-metodológico.

A pesquisa histórica, a partir de fontes disponíveis no acervo da Diretoria de Documentação e Informações (DDI) da Unimontes, bem como da história oral, é parte dos procedimentos metodológicos deste trabalho, como se discute a seguir.

Procedimentos metodológicos: revisitando o passado do curso de Geografia através de vestígios históricos

A FUNM, atual Unimontes, foi criada em 24 de maio de 1962 por meio de um grupo idealizador do processo transformador da educação no norte de Minas Gerais. Com o intuito de possibilitar a essa região melhorias, em especial no campo da agropecuária, articulou-se a concepção dos cursos de Agronomia e Veterinária. Entretanto, os primeiros cursos a surgirem, na FUNM, foram Geografia, História, Pedagogia e Letras com suas atividades iniciadas, em 13 de abril de 1964, como se discute no próximo tópico.

De 1964 a 2024, trajetórias foram percorridas e cada um desses cursos se constituiu e consolidou, formando muitas pessoas, as quais se engajaram no desenvolvimento da sociedade local, regional e nacional. Esses sujeitos passaram por embates, conflitos, lutas e conquistas, permeando disputas em variados aspectos para, em 2024, além desses primeiros cursos implantados em 1964 e os outros implementados posteriormente, conseguirem a estrutura da atual Unimontes, universidade de excelência reconhecida no âmbito nacional e internacional.

Dentre os cursos criados na época da FUNM, “os pioneiros” – História, Geografia, Letras e Pedagogia -, destacam-se Direito, Medicina,

Filosofia, Ciências Sociais, Administração, Contabilidade, Economia, Artes, etc., os quais materializaram e fortaleceram o ensino superior e, mais tarde, junto a outros novos, abarcaram as regiões geográficas do norte, noroeste e nordeste de Minas Gerais e se tornaram em uma universidade multicampi².

Para que se chegasse até esse ponto (2024), caminhos foram trilhados com alcance em sessenta anos de existência dos cursos de Geografia, História, Letras e Pedagogia, narrativa construída nesse tópico com o objetivo de se fazer conhecer essa(s) história(s). Completar sessenta anos, significa construir vivências, culminando em viabilizar sentidos e significados com o “envelhecer”, implicando em maturidade.

O curso de Geografia, nos seus sessenta anos de vida cumulada de experiências, desperta o interesse dos professores que o mantêm nos dias atuais para o “contar” suas histórias e memórias. Conhecer nossos antecedentes é fundamental para compreender “quem somos”, “de onde viemos” e “para onde iremos”, ou seja, é se (re)conhecer no passado motivado pelo tempo presente. Há várias possibilidades de fazer esse exercício por meio de fontes históricas. Barros afirma que,

“Fonte histórica” é tudo aquilo que, por ter sido produzido pelos seres humanos ou por trazer vestígios de suas ações e interferência, pode nos proporcionar um acesso significativo à compreensão do passado humano e de seus desdobramentos no Presente. As fontes históricas são as marcas da história. (...) em todas essas situações, e em muitas outras, homens e mulheres deixam vestígios, resíduos ou registros de suas ações no mundo social e natural (Barros, 2019, p. 09).

² Além do *campus* sede, localizado em Montes Claros, denominado Campus Professor Darcy Ribeiro, a Unimontes conta com os *campi* de Almenara, Bocaiúva, Brasília de Minas, Espinosa, Janaúba, Januária, Paracatu/Unaí, Pirapora, Salinas, São Francisco, Joáima e Pompéu.

Verifica-se a importância e o papel das fontes históricas para a produção do conhecimento, pois viabilizam análises das ações humanas, entretanto, faz-se necessário problematizá-las. Elas não estão, apenas, para disponibilizar e comprovar informações, mas, contém discursos variados que precisam ser analisados, indagados, interpretados e compreendidos. Barros esclarece que, sem o encontro entre um problema e suas fontes possíveis não há História (Barros, 2019, p. 23).

Nessa direção, essa construção narrativa perpassou as proposições metodológicas de um estudo científico ocupado e preocupado em apresentar as histórias e memórias do Curso de Geografia e, para tanto, utilizou-se de atas, correspondências, relatórios, recortes de jornais e oralidade.

Ao se propor a analisar documentos escritos, o destino das pesquisadoras com o intuito de achar suas fontes foi o arquivo e, nesse caso, encontradas na Diretoria de Documentação e Informação - DDI da Unimontes. Para a construção narrativa e histórica do curso de Geografia, constatou-se que, o cotidiano da pesquisa no arquivo, como afirma Farge (2009), se apresentou como uma construção do seu sabor/saber.

Fizeram-se necessárias adequações de horários na rotina de trabalho das pesquisadoras para acessarem o acervo documental a partir das especificidades da DDI e, observou-se que, sua sala de consulta impõe o silêncio dos arquivos, muito mais violento que qualquer algazarra de pátio de escola (Farge, 2009, p. 53).

E, ao coletar as informações nos documentos, fabrica-se um objeto novo, constitui-se outra forma de saber, escreve-se um novo arquivo, (Farge, 2009, p. 64), sendo completamente [...] absorvido pelo arquivo a ponto de nem saber mais interrogá-lo (Farge, 2009, p. 71). Esse lugar, o arquivo de documentos, proporcionou conhecer mais sobre o curso de Geografia, evidenciando que, trata-se nesse texto de “pessoas, gente, seres humanos”, que fizeram o citado curso até o momento.

Enfatiza-se que, o curso de Geografia existe, porque há pessoas que o movimenta, articula, experiencia e vivencia com seus sabores e saberes diversos: palatável, agradável, alegre ou, muitas vezes, insípido, insosso,

conflituoso e tenso. Nessa dualidade, ele foi se construindo e se tornando potente para pensar os espaços urbanos e rurais, paisagens, lugares, populações, manifestações terrestres ambientais, relações sociais, etc. em variados tempos e territórios, abrangendo desde o local ao global.

Esse lugar comum e carregado de histórias, o ambiente arquivístico, aproximou e possibilitou contato com as fontes e, desse modo, com documentos do passado, manuscritos, os quais tratam das relações entre as pessoas e das pessoas com os seus lugares. Bacellar expõe que,

O trabalho com fontes manuscritas é, de fato, interessante, e todo historiador que entra por essa seara não se cansa de repetir como os momentos passados em arquivos são agradáveis. Grandes obras historiográficas tiveram sua origem nas salas de arquivo, onde muito suor e trabalho foram gastos, após semanas ou meses de paciente e dedicada fase de pesquisa. O abnegado historiador encanta-se ao ler os testemunhos de pessoas do passado, ao perceber seus pontos de vista, seus sofrimentos, suas lutas cotidianas. Com o passar dos dias, ganha-se familiaridade, ou mesmo certa intimidade, com escrivães ou personagens que se repetem nos papéis. Sente-se o peso das restrições da sociedade, ou o peso da miséria, ou a má sorte de alguém, e deseja-se ler mais documentos para acompanhar aquela história de vida, o seu desenrolar. Os personagens parecem ganhar corpo, e é com tristeza que, muitas vezes, percebe-se que o horário do arquivo está encerrando, que precisamos fechar os documentos e partir, sem continuar a leitura até o dia seguinte. Essa é a vida da pesquisa: dura, cansativa, longa, mas gratificante, acima de tudo (Bacellar, 2008, p. 24).

Trabalhar com as fontes manuscritas intensificou a vontade de esmiuçar os textos vorazmente, em especial as atas, cujos documentos

narram, com detalhes, a criação do curso; as reuniões com seus debates acalorados; os projetos assumidos para concretizar as teorias em práticas; os trabalhos de campo; as contratações de professores; documentos acadêmicos; pastas funcionais de professores e funcionários; legislações; listas nominativas; a atuação estudantil; enfim, os acertos e desacertos, os quais fazem parte da história dos protagonistas do curso de Geografia. Como pesquisadoras descobriu-se nomes anteriormente mencionados, entretanto, sem a devida “honraria” relatada, bem como novos atores sociais. As abordagens orais e o senso comum possibilitaram, dessa maneira, revermos alguns equívocos históricos.

Os recortes de jornais analisados foram, sobretudo documentos oficiais, os quais apresentavam reconhecimento e autorização do curso de Geografia, relevante para confirmá-lo, respaldá-lo e legitimá-lo frente à sociedade. Contudo, as informações desses recortes de jornais publicados nos Diários Oficiais da União e do estado de Minas Gerais, igualmente, se encontram impressos em documentos datilografados em suporte de papel e encaminhados diretamente das instituições produtoras à FUNM/Unimontes.

A história oral também consistiu em procedimento metodológico para conhecer o curso de Geografia e, para tanto, Alessandro Portelli (2016) orientou as normativas desse método. Portelli ensinou a trabalhar a oralidade, manifestando o fundamento da relação “dialogal” entre o pesquisador e narrador, pois acontece a cocriação entre os sujeitos envolvidos, revelando, muitas vezes, o inesperado, inusitado ou contraditório. Seguindo os caminhos apontados pelo autor, as pesquisadoras construíram esse estudo, no intuito de “narrar” os sessenta anos do curso de Geografia, trazendo à tona seus protagonistas e realidades diversas e adversas nessa longa jornada.

A história do curso de Geografia: a FAFIL e a FUNM

O curso de Geografia, como outras licenciaturas da FUNM - História, Pedagogia e Letras -, nasce do sonho de algumas mulheres, em específico,

das professoras Maria Dalva Dias de Paulo (Fotografia 1) e Maria Florinda Ramos Marques³ (Fotografia 2). Tais professoras citadas compunham o grupo de mulheres que criaram a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FAFIL) (Anastasia, 2012).

Fotografias 1 e 2: professora Maria Dalva Dias de Paulo (*in memoriam*) e Professora Maria Florinda Ramos Marques, respectivamente.



Fonte: DDI/Unimontes e Arquivo particular, 2024, respectivamente.

A “faculdade das meninas⁴”, a FAFIL, foi fundada, também, pelas professoras Isabel Rebello de Paula, organizadora do curso de História; Maria Isabel Figueiredo Sobreira, responsável pelo curso de Pedagogia; e, sua irmã, Maria da Consolação de Magalhães Figueiredo, fundadora do curso de Letras. Elas foram orientadas pelo professor Tabajara Pedroso, um

³ O nome da professora Maria Florinda, conforme pode ser consultado nos livros da história da Unimontes, mudou quando ela se casa. Portanto, Maria Florinda Pires Ramos, passou a Maria Florinda Ramos Marques a partir do seu casamento.

⁴ Segundo Maia e Cordeiro (2002), assim foi conhecida a FAFIL nos seus primeiros tempos por ser seus alunos, em sua maioria, mais idosos que as fundadoras e primeiras mestras.

dos fundadores da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Esses professores decidiram implantar a primeira célula de ensino superior do norte de Minas (Maia; Cordeiro, 2002).

Por cerca de um ano, 1961-1962, esse grupo de professoras, recém-egressas da UFMG, promoveram diversas iniciativas como reuniões envolvendo autoridades locais e regionais para sensibilizá-las quanto à necessidade de reestruturar os cursos secundários com a finalidade de promover a melhoria da educação básica regional através da habilitação de professores, principalmente na área de Ciências Humanas, que contava com a maioria dos professores leigos (Maia; Cordeiro, 2002).

Interessa dizer que, para elas, não bastava reproduzir modelos de escolas superiores já existentes, mas, implantar uma proposta inovadora, capaz de uma reestruturação profunda na educação básica regional:

O perfil dessa nova escola se resumia na fuga do tradicionalismo pedagógico, da rotina, do livresco e do erudito, males e vícios do ensino na época. Na determinação de diretrizes atualizadas e basicamente de interesse regional, na formação de uma ética estudantil e profissional. Na avaliação constante dos seus resultados e efeitos na comunidade em que se propunha atuar, finalmente, na formação de uma equipe aberta, ampla, direta e objetiva, que perseguisse pacientemente estes objetivos (Paula *apud* Maia; Cordeiro, 2002, p. 53).

Esse pioneirismo, arrojamento e profissionalismo foram demonstrados, ainda na pesquisa realizada a partir do ano de 1960, que pretendia verificar a viabilidade de uma faculdade na cidade de Montes Claros, Minas Gerais. Esse estudo demonstrava a época que, o município possuía 71.971 habitantes, dos quais, apenas 1/3, frequentava a educação básica. Quanto a realidade regional apontava que, o norte de Minas

computava 57 estabelecimentos de nível médio para uma população de mais de um milhão de habitantes. Destes estabelecimentos, apenas 8,7%, eram públicos (Maia; Cordeiro, 2002).

Ainda, segundo a pesquisa, dos 1.500 estudantes que chegavam a terminar o ensino médio em Montes Claros, cerca de 500 tinham condições financeiras para bancar seus estudos fora da região, em especial, em Belo Horizonte. Geralmente, esses profissionais, quando qualificados, não retornavam para contribuir com o desenvolvimento regional (Maia; Cordeiro, 2002).

Os dados da referida pesquisa mostram quão importante a criação de uma faculdade para a época, todavia, para sua efetiva criação e funcionamento, uma questão se impunha, a necessidade de uma instituição mantenedora. Foi, após inúmeras tentativas junto ao Bispo Diocesano, José Alves de Sá Trindade, e à Universidade Católica de Minas Gerais (PUC/MG), que o projeto ganhou força com o apoio de Luís de Paula Ferreira, presidente da Fundação Educacional Luiz de Paula (FELP), entidade que tinha a experiência em fundar escolas secundárias em outras regiões e resolve, em assembleia, criar e manter a FAFIL (Maia; Cordeiro, 2002).

Em 1963, o primeiro regimento criou os cursos de Geografia, História, Pedagogia e Letras/Francês, para iniciarem seus trabalhos em 1964. Os cursos foram escolhidos, tendo em vista, as necessidades do ensino regional e a disponibilidade do corpo docente (Maia; Cordeiro, 2002). No caso da Geografia, foram os professores Manoel Nazareno Procópio, geólogo da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE); Mayáve Ribeiro, jornalista; além das professoras de Geografia, Maria Dalva Dias de Paulo e Maria Florinda Ramos Marques, os docentes a lecionarem no ano de funcionamento do curso, iniciando suas aulas em 13 de abril de 1964. Os demais professores, que ministravam aula no curso, eram também dos cursos de História e Letras (Gomes, 1989).

Desde sua criação, em 1964, o curso de Geografia e demais licenciaturas funcionavam no Colégio Imaculada Conceição (Fotografia 3) e, por esse motivo, teve o seu primeiro pedido de autorização para

funcionamento indeferido pelo Parecer nº 128/1964 do Ministério da Educação e Cultura. O referido parecer alegava a inconveniência de funcionamento de duas escolas no mesmo prédio. Iniciou-se a exigência por uma edificação própria, onde as licenciaturas pudessem funcionar (Anastasia, 2012).

Fotografia 3: Colégio Imaculada Conceição, 1964.



Fonte: DDI/Unimontes, 2004.

Em 06 de dezembro de 1965, a FAFIL passa a ser mantida e incorporada a FUNM. Nesse período, havia constituído uma diretoria da FAFIL e incorporado o curso de Direito. Está fundada a “faculdade das meninas”, a FAFIL. Maia e Cordeiro afirmam que A professora Isabel Lafetá Ribeiro foi indicada para coordenar o grupo de trabalho visando ao cumprimento das exigências legais perante o Ministério da Educação e da Cultura (Maia; Cordeiro, 2002, p. 59).

Em dezembro de 1966, o curso de Geografia e as outras licenciaturas foram transferidas para o casarão da Rua Coronel Celestino, nº 75, imóvel doado a FUNM. Entretanto, apenas em junho de 1967, através do Parecer nº 196/1967 do Conselho Estadual de Educação, que é aprovado

o funcionamento dos cursos da FUNM. O Curso de Geografia e as outras licenciaturas foram aprovados pelo Parecer nº 838/1970 do Conselho Federal de Educação. De acordo com Anastasia,

A aprovação só se torna definitiva em 13 de janeiro de 1971, quando o então presidente Médici editou o Decreto Federal 17/72 que reconheceu a FAFIL tendo em vista Resolução do Conselho Federal de Educação, homologando seus cursos (Anastasia, 2012, p. 28).

Importa dizer que, o curso de Geografia passa por nova transformação em 07 de janeiro de 1968, cujo documento encontrado, a ata, altera o regimento da FAFIL. O curso oferta a licenciatura plena e o bacharelado em Geografia. Entretanto, o bacharelado seria um passo que, só se concretizaria muito adiante nessa história, devido, principalmente, a falta de estrutura do edifício que abrigava o curso e se encontrava em situação precária com vagarosas reformas, demandando estrutura de laboratórios, inexistentes na época (DDI, 2024).

Muitos desafios constituem a trajetória do curso de Geografia e os problemas prosseguem ao se analisar o ensino, a pesquisa e a extensão, conforme se relata a seguir.

Entre lutas e fortalezas: o ensino, a pesquisa e a extensão no curso de Geografia

O curso de Geografia enfrentou muitas lutas, contudo, por meio delas, apresentaram-se vitórias consistentes. Quanto as conquistas, ressaltamos a formatura da primeira turma do curso. O Quadro 1 mostra os nomes do primeiro grupo de acadêmicos formados no ano de 1967, e a Fotografia 4, apresenta parte dessa turma.

Quadro 1 – alunos da primeira turma do curso de Geografia (FUNM)

Número	Nome
1.	Carlos Rodrigues Monção

2.	Camélia de Castro Macedo
3.	Eustáquio Machado Coelho
4.	Hermildo Rodrigues
5.	José Omar Peres
6.	Laurita Mendes Ruas
7.	Luís Gonzaga Oliveira
8.	Márcia Valadares de Melo Franco
9.	Maria das Dores Rocha
10.	Maria José Narciso Gomes
11.	Maria Sebastiana Rabelo
12.	Raimunda da Conceição Rabelo
13.	Regina Maria Peres Figueiredo Dias

Fonte: Gomes, 1989, p. 97.

A Fotografia 4 apresenta a referida turma do curso de Geografia, os formandos de 1967, constando a presença da professora Maria Dalva Dias de Paulo, professor Antônio Jorge e estudantes pioneiros.

Fotografia 4: Formandos da primeira turma de Geografia, 1967. A esquerda, professora Maria Dalva Dias de Paulo e ao fundo, o professor Antônio Jorge.



Fonte: Acervo DDI/Unimontes, 2024.

Mais tarde, parte desses alunos se tornaram professores do curso. Desde a época de estudantes até se tornarem docentes, eles relatam o quanto era difícil o acesso a livros que compunham a bibliografia básica do curso. Essas dificuldades em encontrar literatura constavam, em primeiro lugar, devido à ausência de obras em português. Portanto, professores e alunos tinham que construir uma fluência em francês e inglês para a leitura de obras clássicas de autores como Emmanuel Demartone, Willian Morris Davis, Henri Lefebvre, entre outros. Por outro lado, havia um grande obstáculo em acessar essas obras e materiais didáticos, tendo em vista que

Esses livros vinham diretamente da Europa, a preços enormes, exorbitantes, através de encomendas feitas a padres premonstatenses que visitavam seus familiares, anualmente. O material didático era pouco e escasso. Professores e alunos faziam campanha para dar início ao acervo geográfico (Gomes, 1989, p. 98).

A busca por uma biblioteca de qualidade era ambicionada por toda a FUNM. Em 1964, a diretoria da Faculdade foi a Brasília, DF, buscar apoio para a compra de livros e encontraram adesão do professor Darcy Ribeiro que, na época, fazia parte do governo João Goulart (Maia; Cordeiro, 2002).

Foi assim que, em 30 de março de 1964, um telegrama comunica que o acervo bibliográfico para as licenciaturas, dentre elas, a Geografia, chegaria a uma semana em Montes Claros. No entanto, com o Golpe Civil-Militar, o professor Darcy Ribeiro foi considerado subversivo pelos militares e como resultado foi exilado. Quanto aos livros que seriam instrumentos usados para as leituras teóricas do ensino superior no Norte de Minas, esses, nunca chegaram (Paula *apud* Maia; Cordeiro, 2002). Anos mais tarde, o professor Darcy Ribeiro viria a FAFIL para ministrar sua primeira aula após o exílio.

A partir do Golpe Civil-Militar de 1964, as aulas de Geografia, em especial, eram consideradas subversivas. Gomes aponta que,

Professores e alunos sequer podiam “manusear revistas ou livros que ao menos citassem as palavras Socialismo, União Soviética ou Cuba”, tudo era subversão para o regime militar que passou a dominar a partir do golpe de 31.03.1964. Professores eram presos por adotarem uma postura crítica ao regime de recessão cultural, político e econômico que se iniciava no Brasil (Gomes, 1989, p. 98).

As aulas de Geografia, na educação básica, são diminuídas a uma aula por semana, sendo transformada na disciplina chamada de Estudos Sociais. Igualmente, é criada, ainda, a disciplina de Educação Moral e Cívica, ministrada pelos diretores de escolas ou por professores submissos ao sistema. Foram muitas as discussões travadas no âmbito da Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB) em virtude do papel do geógrafo no período e com a participação efetiva do curso de Geografia da FUNM. Fato interessante é que, foram consultadas, por diversas vezes, o Conselho Estadual de Educação, entendedor do futuro do curso de Geografia da FUNM (Gomes, 1989).

Um fato que desperta atenção é que, em 22 de dezembro de 1982, chega um telegrama do Conselho Federal de Educação esclarecendo que não há solicitação de mudança do curso de Geografia e História para o curso de Ciências Sociais. Esse fato é compartilhado pelo presidente do Conselho Departamental da época, professor Antônio Jorge, em reunião dos conselheiros (DDI, 2024).

Ressalta-se que, no período em questão, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) era um importante defensor do ensino de Geografia e do conhecimento geográfico e, com seu apoio político, o tema passa a ser considerado assunto de segurança nacional pelo Ministério de Guerra e Exército (Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1980).

Apesar de tantos percalços, o curso de Geografia não perdeu a razão de existir em Montes Claros. Conforme já abordado, foram justamente,

esses poucos participantes dos congressos e encontros da AGB - professores e alguns alunos - os multiplicadores de ideias e ideais conquistados de maneira gradativa, mas, de modo firme e seguro.

Uma das principais vitórias consistiu no reconhecimento da profissão de geógrafo, em 1969⁵. Esse fato permitiu ao geógrafo bacharel realizar o registro no Conselho Regional de Engenharia e Agronomia (CREA) e o licenciado poderia lecionar no ensino fundamental I, II e Ensino Médio. Também, os eventos viabilizaram conquistas como aconteceu no caso do Encontro Nacional de Geografia (ENG), onde e quando um documento foi redigido, contando com a participação do curso de Geografia da FUNM e, que subsidiou a construção de um relatório a favor do reconhecimento da profissão (DDI, 2024).

Destaca-se uma pesquisa que modificou a realidade já descrita do curso de Geografia durante o período militar, em especial, o estudo desenvolvido pela Secretaria de Educação Superior (SESu) / Ministério da Educação (MEC) a partir do pedido da AGB, na década de 1980, sob o título “Avaliação e Diagnóstico do Ensino de Geografia no Brasil”, que inseria o município de Montes Claros no setor III. Esse setor era chefiado pela professora Guiomar Gulart Azevedo, professora da UFMG, que se reuniu com o diretor da FAFIL, professor Antônio Jorge, e os professores do curso: Regina Maria Peres Figueiredo Dias, Maria Aparecida Costa, Maria José Narciso Gomes, os professores da educação básica e diretores de várias escolas do município (DDI, 2024).

Nesses encontros discutiu-se os problemas ligados ao ensino de Geografia para o preenchimento dos questionários exigidos pelo SESu/MEC. Nesse processo, a grande maioria dos acadêmicos do curso participaram, ativamente, da produção desse diagnóstico e foram brindados com um exemplar do resultado da pesquisa que mudou, de fato, o rumo da educação geográfica local. Relevante pontuar a participação dos acadêmicos no processo transformador, inovador e consolidador do curso de Geografia da FUNM/Unimontes (Gomes, 1989).

⁵ Ver: Lei nº 6.664/69, que regulamenta a profissão de geógrafo.

Foi, a partir desse diagnóstico, que surgiu a ideia das precursoras, Maria Florinda Ramos Marques e Maria Dalva Dias de Paulo, em se fazer uma educação inovadora, para além do ensino positivista, incorporando direções teórico-metodológicas “de e para” uma Geografia Crítica. O ensino, a pesquisa e a extensão iniciam uma fase de ideias progressistas no curso.

Sempre presente nos eventos da AGB como o Congresso Brasileiro de Geógrafos e Geógrafas, Encontro Nacional de Geógrafos e o Fala Professor, professores e estudantes da Geografia da FUNM iniciaram seus próprios eventos como a “Semana do Meio Ambiente”, cuja primeira edição aconteceu na primeira semana do mês de junho de 1989. Esse evento, ainda na atualidade (2024), é referência no curso, sendo realizado anualmente. Em 2001, o “Encontro Regional de Geografia (ERG)”, realizado a cada dois anos, é criado e se encontra, hoje (2024), na XIV edição. Em 2008, o “Colóquio Cidade e Região” realizou-se e tornou-se periódico, ocorrendo a cada dois anos. No ano do aniversário de 60 anos do curso, o Encontro Nacional de Geografia: A Geografia Regional (ENGeR), apresentará como reflexão o tema “perspectivas globais na região”, evento criado com o intuito de englobar os dois últimos citados - “Encontro Regional de Geografia (ERG)” e “Colóquio Cidade e Região” - com a intenção de ser efetivado a cada dois anos (DDI, 2024).

Os trabalhos de campo, outra atividade relevante da Geografia, marcam o curso desde seu nascimento, mesmo com os problemas e enfrentamentos vivenciados e relatados pelos professores e estudantes. Esses experimentos científicos e geográficos foram realizados pelos professores das diversas disciplinas do curso contemplando roteiros locais, regionais, nacionais e, até mesmo, internacionais. O Quadro 2 mostra exemplos de trabalhos de campo realizados nas décadas de 1970 e 1980.

Quadro 2 – Trabalhos de Campo do Curso de Geografia: 1970 e 1980

Número	Roteiro do Trabalho de Campo	Professor(a) / Disciplina
1.	Morro do Frade / Parque Municipal / Rio Vieira / Distrito de Meteorologia / Laboratório de Solos (UFMG)	Geografia do Brasil III / Geografia de Minas Gerais
2.	Gruta da Claudina e Lapa Grande	Fundamentos de Geologia / Petrografia/ Pedologia
3.	Barragem da Copasa	Geografia Física
4.	Visita aos projetos da CODEVASF – Jaíba, Vale do Gortuba – Janaúba, Irrigação de Pirapora, Cooperativas Copercotia e Fruitcop	Geografia Física / Geografia Humana I
5.	Viagem de estudos ao Vale do Aço – USIMINAS / Ouro Preto / Gouveia/ Grão Mogol / Itacambira / Olhos d'Água – Bocaiúva	Biogeografia / Geografia Humana I e II
6.	Sul do Brasil – Visitado para participar do ENG (Porto Alegre) Araxá, Franca, Ponta Grossa, Parque Nacional de Vila Velha, Curitiba, Lages, Caixias do Sul, Gramado, Canela, Santa Vitória do Palmar, Uruguai, Argentina (Buenos Aires), Foz do Iguaçu, Paraguai e Bolívia	Diversas disciplinas (quase todas do curso)
7.	Pantanal Matogrossense – Uberlândia, São José do Rio Preto, Usina da CHESP de Ilha Solteira, Presidente Prudente, Campo Grande, Aquidauana, Miranda, Corumbá, Maciço do Urucum, fronteira Brasil-Bolívia	Diversas disciplinas (quase todas do curso)
8.	Nordeste brasileiro – capitais nordestinas	Geografia Física/ Geografia do Brasil II

9.	Belém-Manaus – encontro no Rio Negro e Solimões, visita a floresta de seringueiras e castanheiras, Icoroaci, Museo Emílio Goeldi, Mercado Ver-o-peso, estrada Belém-Brasília (cidades Gurupi, Araguaína), Planalto Central (Cristalina, Brasília)	Geografia Física I / Geografia do Brasil I, II e III
----	---	--

Fonte: Gomes, 1989.

O Quadro 2 chama a atenção para os roteiros de campo concretizados dentro do trajeto das diversas localidades e realizados nos ENG's. Essa tradição perdurou por alguns anos, ou seja, até o fim da década de 1990. Esses momentos e movimentos levaram professores e alunos a roteiros internacionais, talvez, pouco prováveis de execução, se não fosse o esforço de todo o curso em participar dos encontros da AGB.

A pesquisa, outro papel universitário, merece destaque nessa trajetória sexagenária. Inicia-se com pesquisas locais que trabalham o espaço urbano, especialmente com a professora Maria Aparecida Costa com a publicação do artigo “Considerações sobre o fato urbano em Montes Claros” na Revista Vínculo, em 1984. O estudo do espaço rural – urbano, por meio do tema educação ambiental, foi alvo dos professores do Departamento de Geociências e do Conselho Municipal de Conservação e Defesa do Meio Ambiente de Montes Claros (CODEMA), em 1991. Vários foram os levantamentos executados sobre o município através do diagnóstico realizado para a criação de projetos de educação ambiental. Esses estudos, na sua maioria, encontram publicados, sobretudo nos relatórios da FUNM/Unimontes (DDI, 2024).

Nos anos 2000, a primeira bolsista de Iniciação científica é contemplada pelo programa Bolsa de Iniciação Científica (BIC/Balcão FAPEMIG), Priscilla Caires Santana Afonso, que é, também, a primeira acadêmica a participar de um evento, onde há apresentação de trabalho científico sob supervisão de um orientador. Essa pesquisa foi apresentada

durante o “XV Encontro Nacional de Geografia Agrária (ENGA)”, em Goiânia, Goiás (Afonso, 2024).

Em relação à extensão, essa prática universitária se inicia, efetivamente, com o envolvimento dos alunos em trabalhos nas escolas da educação básica no final da década de 1980 e início de 1990. A partir dos projetos de educação ambiental, o curso se tornou conhecido na cidade de Montes Claros e os acadêmicos são convidados para ministrar palestras e oficinas nas escolas públicas urbanas e rurais. Diversos convites são apresentados ao Departamento de Geociências para a organização de eventos dessa natureza, como se comenta nos moldes a seguir.

O Departamento de Geo-ciências: “Quem é o menor tem que ser o melhor!”

O Departamento de Geociências nasce com a entrada da FAFIL para a FUNM em 1965, sendo mantenedora dessa última instituição, a Unimontes. O termo/nome Geo-ciências, escrito com hífen, foi criado pelos primeiros professores que entendiam que, Geociências, com a escrita gráfica correta, impediria a inserção de novos cursos da área de Geociências ao Departamento sem descaracterizar a presença do curso de Geografia. Com o tempo, a escrita com hífen foi entrando em desuso, porque os novos professores não viram esses cursos serem implantados, tão pouco, se atentaram a esse detalhe morfológico na escrita de documentos oficiais.

O Departamento de Geociências, como os demais seis departamentos da FAFIL – Letras, Educação, Ciências Humanas, Ciências Exatas, Ciências Metafísicas e Ciências Biológicas - foi instituído para acomodar disciplinas, professores e representações discentes das suas respectivas áreas, cujo fato reverberou na Geografia. A partir de 1987, os departamentos passaram a ser organizados por curso e, dessa maneira, foram criados outros, entre eles, História, além de serem extintos os Departamentos de Ciências Humanas e Ciências Metafísicas, e outros (Anastasia, 2012).

O lema do Departamento de Geociências era “Quem é o menor tem que ser o melhor!”. Esse era o *slogan* dos docentes do Departamento de Geociências que, na década de 1970, contava, apenas, com quatro professores. Na década de 1980, esse número aumentou e compôs o quadro docente com seis professores, contemplando disciplinas específicas do curso, conforme mostra o Quadro 3.

Quadro 3 - Professores e Disciplinas do Departamento de Geociências em 1980

Número	Professor	Disciplinas acadêmicas /Atividades
1	José Omar Peres	Geografia Humana
2	Maria Aparecida Costa	Geografia do Brasil / Chefia da extensão do curso de Geografia / Representante do curso na AMANS
3	Maria Ivete Soares de Almeida	Geo-Física / Cartografia / Presidente do Conselho Municipal de Defesa do Meio Ambiente (CODEMA)
4	Maria José Narciso Gomes	Geo-Física / Metodologia Científica / Chefe de Departamento em 1989
5	Marina de Fátima Brandão Carneiro	Fundamentos de Geologia / Petrografia / Mineralogia e Pedologia / Geografia Regional / Presidente da seção local da AGB
6	Fernando Aroldo Costa Nobre	Fundamentos de Geologia / Mineralogia / Petrografia e Pedologia / Disciplinas da Geografia no Curso de Ciências

Fonte: Gomes, 1989.

Esse corpo docente contava com o apoio de professores de outros departamentos como de Estágios e Práticas Escolares, que possuía uma geógrafa de formação para ministrar a disciplina denominada “Estágio Curricular Supervisionado”, em Geografia, professora Elza Guimarães. Os departamentos de Letras e História, também, colaboravam com seus

professores que ministravam outras disciplinas, as quais compunham o Projeto Político do Curso da época.

No entanto, os problemas econômicos perduravam desde a ocasião da fundação da FAFIL, sendo que, a referida Faculdade correu o risco de ter suas atividades findadas devido aos grandes problemas financeiros (Diário de Montes Claros, 1988). Os jornais da época relatam que os alunos não conseguiam quitar suas mensalidades e acabavam por abandonar os cursos. A grande evasão dos estudantes constituía um problema refletido nos salários dos professores e comprometia a seguridade social, incorrendo no “não pagamento” do décimo terceiro salário aos docentes.

Na década de 1980, a chefe do Departamento em exercício, professora Maria José Narciso Gomes, denuncia em seu artigo “Retrospectiva do curso de Geografia”, que eram destinadas três horas semanais para a realização das atividades da chefia do departamento, sendo (...) as condições de trabalho do Departamento de Geociências são as mais precárias possíveis e o trabalho dos professores e da chefia é realizado mais pelo amor ao curso que pela compensação financeira (Gomes, 1989, p. 107).

O regime horista de trabalho submetidos aos docentes da FUNM era um impeditivo para a representação do curso em comissões, conselhos e realização de projetos. No entanto e mesmo assim, os professores doavam horas de trabalho para que o curso realizasse as atividades necessárias para a construção de uma representatividade sólida. Após tantos esforços e dedicação, a recompensa pelo trabalho árduo demonstrou resultados. Comprova o sucesso do curso, os prêmios recebidos pelo Departamento de Geociências durante seus anos de história como a menção honrosa do Exército Brasileiro, Medalha de Mérito Ecológico, Prêmio Ivo das Chagas, entre tantos outros.

A preocupação com a qualidade do curso por parte das pessoas envolvidas no Departamento era diuturna, sendo registrado nas diversas atas do Conselho Departamental, relatos das posturas de alguns poucos professores substitutos, que atuaram, eventualmente, no curso. Nas atas foram registrados os questionamentos dos acadêmicos referente a

qualidade das aulas e/ou o não cumprimento dos encargos docentes por parte de alguns poucos professores. As apurações e sanções administrativas impostas foram assentadas nas diversas atas pesquisadas, em especial na década de 1980 (DDI, 2024).

Verifica-se que, apesar das condições de trabalho e a tentativa de organização das atividades do curso para a construção de sua credibilidade, a efetivação do processo de solidificação do curso de Geografia se deu, de maneira efetiva, a partir da estadualização da FUNM, quando professores e alunos passaram a contar com o aparelho do Estado de Minas Gerais para mediar conflitos, organizar a situação financeira da instituição e criar uma estrutura que permitiu uma revolução dos cursos, em especial das licenciaturas da FUNM.

Considerações finais: algumas pinceladas

A Geografia constrói uma trajetória de lutas e superações de desafios ao longo dos seus 60 anos de história na FUNM/Unimontes. Referenda essa realidade, o curso estruturado na atualidade (2024), contando com uma licenciatura nota “cinco”, maior pontuação a ser avaliada pelo Conselho Estadual de Educação; um bacharelado que, apesar de novo, tem uma procura maior do que em outras IES brasileiras; e uma pós-graduação *stricto sensu* com dez anos de história e nota “quatro” pela Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), sendo que, essas notas podem variar de 1 a 7, pelos critérios da referida instituição, e uma promessa de criação do programa de doutorado (Unimontes, 2024).

Oferece ainda, na forma de projeto especial, o convênio Universidade Aberta do Brasil - UAB/Unimontes, graduação na modalidade Educação à Distância (EAD), sendo avaliado com nota “quatro” pelo MEC. Por outro lado, novos desafios se estruturam, justamente, em função da modalidade EAD implantadas em instituições sem qualidade e comprometedoras da formação dos profissionais da educação, em especial. Esse tipo de instituição, em sua maioria situada no setor privado

da economia, termina sendo alternativa para diversos alunos trabalhadores que se “rendem as facilidades” da metodologia EAD, mesmo sabendo que, o mau uso dessa modalidade de ensino implica na formação, muitas vezes, ineficiente e precária de professores e de outros profissionais (CEAD/Unimontes, 2024).

Há, ainda, um quadro desafiador para a profissão docente, que conta com uma carreira composta por baixos salários e a vivência de situações, muitas vezes, insalubres, em escolas e no dia a dia da sala de aula. Essa não é a realidade, apenas, dos professores da Geografia, mas, atinge esses sujeitos em especial, devido à própria necessidade de uma visão crítica para a investigação do seu objeto de estudo, ou seja, o espaço geográfico, e compromete a formação de cidadãos críticos, objetivo da educação geográfica.

Para onde caminhará, tendo em vista esses e outros desafios, são os próximos capítulos a serem escritos pelos novos professores e acadêmicos do curso de Geografia da Unimontes. Fato é que, o curso de Geografia da Unimontes continua a ver/sentir/vivenciar, que o amor à profissão e a vontade de melhorar a cada dia é o que move a todos, PROFESSORES E GEÓGRAFOS!

Salve a Geografia! Salve a Universidade Pública e de Qualidade!
Salve os 60 anos do curso de Geografia da Unimontes!

Fontes

Documentais:

Diretoria de Documentação e Informações/Unimontes: atas, pareceres, recortes de jornais, jornais, relatórios (AGB, 1980), correspondências recebidas e expedidas, fotografias, etc.

Orais

AFONSO, P. C. S. *Entrevista concedida a Filomena Luciene Cordeiro Reis*. Montes Claros, MG, 20/03/2024.

GOMES, M. J. N. *Entrevista concedida a Priscilla Caires Santana Afonso*. Montes Claros, MG, 20/03/2024.

Jornais

Diário de Montes Claros. 27 de julho de 1988.

Referências

ANASTASIA, C. M. J. (org). *Unimontes 50 anos: história e memória*. Montes Claros: Editora da Unimontes, 2012.

BACELLAR, C. Fontes documentais: uso e mau uso dos arquivos. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi Pinsky (org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2008.

BARROS, J. D'A. *Fontes históricas: introdução aos seus usos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

CENTRO DE EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA. Universidade Estadual de Montes Claros. *Plataforma de ensino*. Disponível em: <https://www.ead.unimontes.br/>. Acesso em: 29 mar. 2024.

FARGE, A. O sabor do arquivo. São Paulo: Edusp, 2009.

GOMES, M. J. N. Retrospectiva do Curso de Geografia. *Vínculo*: edição comemorativa dos vinte e cinco anos da FAFIL, Montes Claros, p. 97-110, 1989.

MAIA, C. de J.; CORDEIRO, F. L.. As Faculdades da FUNM. *In*: CALEIRO, R.C.L., PEREIRA, L. M. (org.). *UNIMONTES: 40 anos de história*. Montes Claros: Editora da Unimontes, 2002.

NAPOLITANO, M. 1964: História do Regime Militar Brasileiro. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

PLATAFORMA LATTES. Disponível em:

<https://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/busca.do>. Acesso em: 04 abr. 2024.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS. *Nossa história*. 2024.

Disponível em: <https://unimontes.br/>. Acesso em: 11 abr. 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. *História da UFMG*. Disponível em: <https://www.ufmg.br/95anos/historia-da-ufmg/>. Acesso em: 02 abr. 2024.

O CURSO DE GEOGRAFIA E A UNIMONTES: DA ESTADUALIZAÇÃO DA FUNM AO CONTEXTO ATUAL (1989 - 2024)

Filomena Luciene Cordeiro Reis
Priscilla Caires Santana Afonso

Introdução

A Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes) nasceu em 1962, especificamente no dia 30 de junho, a partir da criação da Fundação Universidade Norte Mineira (FUNM). Junto a essa Fundação, precisamente em 13 de abril de 1964, nasceu o curso de Geografia que completa, em 2024, 60 anos de história. Essa história inclui muitas lutas e conquistas, entretanto, essencialmente com sucesso comprovado nas muitas vidas transformadas por meio da aquisição do diploma de licenciado e/ou bacharel em Geografia. Ressalta-se que, o bacharelado em Geografia, almejado desde o início pelo grupo de professores fundadores, contudo, criado, de maneira definitiva recentemente, ou seja, em 2017.

Os embates e batalhas enfrentados fortaleceram os envolvidos e consolidaram o curso, todavia, há, ainda, muitas e outras lutas nos dias de hoje (2024). A trajetória atual do curso de Geografia revela esses caminhos difíceis, cuja prática dos docentes e geógrafos revela o compromisso com a *práxis* social. Essas e outras questões impostas nos “tempos recentes”, chamando a Unimontes a responsabilidade social por meio do trabalho e estudos dos docentes e discentes da Geografia são temas deste capítulo.

Criação da FUNM: compromisso e responsabilidade para a integração regional

Universidade, de acordo com Ferreira significa “1. Universalidade. 2. instituição de ensino e pesquisa constituída por um conjunto de faculdades e escolas destinadas a promover a formação profissional e científica de

peçoal de nível superior” (Ferreira, 2001, p. 696). De fato, universidade se insere nessa definição, constituindo-se como um dos espaços que oferece a educação de nível superior, promovendo pesquisa, ensino e extensão. É um termo que remete, igualmente, a cultura, ciência e autonomia. Na sua origem, as universidades são Herdeiras das instituições do mundo greco-romano, as universidades foram assumindo uma forma específica no contexto religioso do oriente islâmico e do Ocidente cristão (Wanderley, 2003, p. 10).

A primeira universidade europeia foi a escola de medicina de Salerno, Itália, criada em 1991, como uma comunidade de médicos. A Universidade de Bolonha, criada em 1088, considerada uma das mais antigas, ainda, funciona nos dias de hoje. Desse período até o momento (2024), as universidades foram se transformando e apresentam objetivos voltados para fornecer educação de qualidade e contribuir na formação profissional dos seus estudantes por meio dos cursos de graduação e pós-graduação, referentes a vários campos do conhecimento, através do movimento do ensino, pesquisa e extensão. Há diversos tipos de universidades, entre elas, públicas, privadas, *online*, de pesquisa e de artes e *design* e, independentemente dessas características, apesar de muitas controvérsias, elas exercem papel relevante na educação e desenvolvimento da sociedade (Wanderley, 2003, p. 10). Hoje, uma universidade popular se faz premente e necessária.

A América Latina fez seu percurso para a criação de suas universidades, tendo como referência o contexto sócio-político-cultural de dominação colonial e, após as declarações de independência com os novos formatos governamentais, medidas foram tomadas nesse sentido. Verifica-se nesse cenário, dois movimentos importantes - Córdoba de 1918 e a Reforma Universitária Brasileira de 1968 –, que geraram aproximações e distanciamentos em relação aos princípios, objetivos e consequências no contexto latino de educação superior (Janotti, 1992).

No Brasil,

Diferentemente do que aconteceu na América Espanhola, no Brasil o Governo Português, em todo o

período colonial, não fundou nenhuma universidade. Havia apenas cursos superiores para a formação dos futuros padres. Os que quisessem tornar-se médicos ou advogados, ou engenheiros, precisavam atravessar o Atlântico e estudar em Universidades europeias, geralmente em Coimbra, ou em Paris. Esta diferença se percebe simplesmente ao considerar que a Universidade de São Marcos, no Peru, já tinha sido criada no século XVI, em 1551 (Lino; Joslin, 2017, p. 81).

Somente, quando Dom João VI, em 1808, chega ao Brasil, território que se tornou sede da metrópole portuguesa, criaram-se os cursos superiores para a formação de médicos, cirurgiões e engenheiros com a finalidade de servir o exército e a marinha. Após a independência do Brasil, em 1827, criaram os cursos jurídicos em São Paulo e Olinda. Desse período até os dias de hoje, a caminhada das universidades:

(...) a Universidade hoje, no mundo inteiro, passa pela reformulação provocada seja pelos fenômenos da globalização e das novas tecnologias da informação, como pela reconsideração do caminho da ciência que precisa ser colocada a serviço do bem da humanidade: da humanidade toda e do homem em todas as suas dimensões. Dessa maneira, voltando às lições do passado e direcionando o futuro para os valores mais humanos, a Instituição Universitária poderá renovar-se, sempre garantindo a “indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão” (Lino; Joslin, 2017, p. 86).

Em Minas Gerais, a primeira universidade, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), foi criada em 7 de setembro de 1927 através da união de quatro escolas de nível superior existentes em Belo Horizonte: a Faculdade de Direito (criada em 1892 em Ouro Preto e transferida para a atual capital em 1898), a Escola Livre de Odontologia (1907), a Faculdade de Medicina (1911) e a Escola de Engenharia (1911) (UFMG, 2024, *Online*).

Já no norte de Minas Gerais, os primeiros cursos superiores surgiram em 1964, sendo eles, História, Geografia, Letras e Pedagogia. Entretanto, a articulação para criação de uma instituição de ensino superior emerge na década de 1960, configurando-se, em 24 de maio de 1962, com a Lei nº 2.615/1962 sancionada pelo governador Magalhães Pinto, tendo o deputado Cícero Dumont como mentor do projeto de lei. Jardim *et al* denomina esse momento como “ato inaugural da UNIMONTES” (Jardim *et al.*, 2002, p. 17).

A ideia de uma universidade no norte de Minas é um anseio regional voltada para atender as demandas de uma região grande, pois constituía-se de 30% da área total do estado, inserida no “Polígono das Secas” e/ou no sertão das Gerais. Jardim *et al.*, afirmam que,

Na perspectiva de imprimir um novo perfil ao Norte de Minas, lideranças locais iniciaram esforços na tentativa de criar o ensino superior na região. Em 24 de maio de 1962 deu-se o primeiro passo concreto. Através de projeto de Lei DO Deputado Cícero Dumont foi criada a Universidade Norte de Minas. A Lei foi sancionada pelo Governador Magalhães Pinto: Lei 2.615 de 24 de maio de 1962. A legislação criou a Universidade Norte-Mineira e deu outras providências como a criação, em Montes Claros, da FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE NORTE-MINEIRA – FUNM – uma entidade autônoma, com personalidade jurídica, com objetivo de criar e manter a Universidade Norte-Mineira, uma unidade orgânica, integrada por institutos de pesquisa e ensino e por faculdades. Estas, seriam as responsáveis por ministrar os cursos de graduação e pós-graduação (Jardim *et al.*, 2002, p. 19-20).

O pensamento concretizado resulta na primeira unidade da FUNM, a Faculdade de Direito (FADIR), efetivada em 1965. Os cursos de História, Geografia, Letras e Pedagogia foram inseridos na primeira unidade

denominada Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FAFIL), cuja entidade mantenedora consistiu na Fundação Educacional Luiz de Paula (FELP), iniciando suas atividades em 13 de abril de 1963 no prédio do Colégio Imaculada Conceição.

O Conselho Estadual de Educação, em visita técnica, recomendou a aquisição de outro prédio para abrigar esses cursos, pois não deveriam funcionar duas escolas em um único espaço. Por essa razão, em 1965, os cursos da FAFIL foram transferidos para o casarão, localizado na rua Coronel Celestino, conhecido como “Casarão da FAFIL”, conforme mostra a Fotografia 01.

Fotografia 1: Ato do Governador de Estado de Minas Gerais, Israel Pinheiro da Silva entregando a escritura pública de doação do prédio da rua coronel Celestino, em 26 de novembro de 1969. Da direita para esquerda: Cícero Dumont, Israel Pinheiro, Raul Belém Nelson de Sena, João Valle Maurício e Konstatin Christoff



Fonte: DDI/Unimontes, 2024.

Em 1976 e 1977 aconteceu a compra do terreno e um prédio pertencente à Mitra Diocesana de Montes Claros, local onde funcionava a FAMED e a Reitoria da FUNM. Hoje, esse é o espaço que sedia o Campus Universitário Darcy Ribeiro. As Fotografias 02 e 03 mostram a assinatura da aquisição do referido terreno:

Fotografia 2 e 3: Assinatura da aquisição do terreno da FUNM. Da esquerda para a direita: Reginauro Silva; Dom José Alves Trindade; José Nunes Mourão; João Valle Maurício - D. José Alves Trindade, bispo diocesano; João Valle Maurício, reitor da FUNM; e Ildefonso José de Oliveira, respectivamente



Fonte: Acervo DDI/Unimontes, 2024.

Em 1992, esses cursos e outros criados, posteriormente, da FAFIL foram transferidos para o atual Campus Universitário Darcy Ribeiro, onde encontrava-se a e Faculdade de Direito (FADIR), criada em 1965; a Faculdade de Medicina (FAMED), em 1969; a Faculdade de Administração e Finanças (FADEC), em 1972, como mostra a Fotografia 04.

Fotografia 4: Lançamento da pedra fundamental do atual prédio do Centro de Ciências Humanas



Fonte: DDI/Unimontes, 2024.

A institucionalização da FUNM constituiu-se de um processo, cujos administradores foram:

A primeira foi assumida pelo Prof. João Valle Maurício (1964-1978) responsável pela institucionalização da Fundação, seguindo do Prof. Fernando Dias Costa, substituído pelo Prof. Raimundo Poincaré Desdará, (1978-1980) que prepararam o processo de transição para uma nova administração, a do Prof. Raimundo Avelar (1980-1988), que deu continuidade à expansão e consolidação da Fundação. A última administração da Fundação foi a do Prof. José Geraldo de Freitas Dumond (1988-) que concretizou o processo de transição da FUNM para Universidade. Todos estes Reitores em suas administrações fizeram com que a FUNM avançasse rumo ao que se tornou hoje: a Universidade estadual de

Montes Claros – UNIMONTES (Jardim *et al.*, 2002, p. 22-23).

Essa trajetória estabeleceu-se com muitas lutas e embates. Houve participação da comunidade norte mineira, envolvendo as classes políticas, bem como gestores, professores, funcionários e estudantes. Fazia-se necessário uma universidade pública na região norte mineira e, nessa direção, avanços nos debates e tomadas de decisão nesse sentido se efetivaram. Estudantes abraçaram essa causa, pois para a população regional desde o valor das mensalidades e, sobretudo a produção de conhecimento vinculado ao ensino, pesquisa extensão viabilizaria crescimento em várias dimensões. A Fotografia 05 apresenta os debates na Assembleia Legislativa de Minas Gerais, onde foi discutida a estadualização da Unimontes.

Fotografia 5: Reunião na Assembleia Legislativa de Minas Gerais – discussão sobre a estadualização da Unimontes. Presenças: Deputados Gil Pereira e Dimas Rodrigues; José Geraldo de Freitas Drumond, reitor da Unimontes; Aluísio Pimenta, reitor da UEMG; Fernando Deusdará, professor da Unimontes



Fonte: DDI/Unimontes, 2024.

Essa articulação nas várias instâncias culminou com a estadualização efetiva por meio da Lei Estadual nº 11.517, de 13 de julho de 1994, reorganizando a Instituição nos aspectos administrativo e funcional.

Extinguíram-se as faculdades – FADIR, FAFIL, FAMED e FADEC e criaram-se os Centros de Ensino: Centro de Ciências Humanas (CCH), Centro de Ciências Biológicas e da Saúde (CCBS), Centro de Ciências Sociais Aplicadas (CCSA) e Centro do Ensino Médio e Fundamental (CEMF), depois, substituído pelo Centro de Educação Profissional e Tecnológica (CEPT) (Unimontes, 2024, *Online*).

As Fotografias 06 e 07 revelam essa Solenidade de reconhecimento, no Palácio da Liberdade em Belo Horizonte:

Fotografias 6 e 7: Solenidade de reconhecimento da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), no Palácio da Liberdade em Belo Horizonte



Fonte: DDI/Unimontes, 2024.

Essa é uma nova realidade para a antiga FUNM e a atual Unimontes. Consolidar a instituição como centro do saber na região, Minas Gerais e do

país, compôs uma luta diária e constante. Foi nesse percurso que, a Unimontes, a Universidade Estadual de Minas Gerais esperança (Freire, 2006) novos tempos com compromissos e responsabilidades possibilitadoras da integração regional.

A estadualização: promessa de um tempo bom!

Em seus 27 anos de história, a FUNM passou por diversos problemas, em especial, de ordem financeira, pois, as mensalidades dos estudantes eram insuficientes para manter a instituição. A tarefa de reverter esse quadro, coube ao professor Raimundo Avelar que deveria buscar novos recursos para manter a FUNM. Em entrevista a um jornal local, o professor relatou que: [...] a situação financeira da FUNM é crítica. A única fonte de renda são as anuidades, daí a necessidade de se partir para outras alternativas (Jornal do Norte *apud* Jardim *et al.*, 2002). Raimundo Avelar foi o último diretor geral da FUNM (1980-1988), nomeado pelo governador Francelino Pereira, no entanto, a revelia de alguns professores que se afastaram do trabalho em protesto.

Jardim *et al.* (2002) afirmam que foi a década de 1980, especialmente os anos de 1987 e 1988, os mais “duros” para a FUNM. O corpo docente reivindicava, entre outras pautas, o reajuste salarial, fato que culminou em uma greve dos professores em 1987, sobretudo da FADEC e FAFIL. Em 1988, [...] foi a vez dos servidores pararem suas atividades em função da defasagem salarial (Jardim *et al.*, 2002, p. 32). Ainda, segundo os autores, em contrapartida, o saldo geral era positivo ao ser analisado o contexto da FUNM de 1980 a 1988. Tais conquistas foram se organizando e levaram a uma situação favorável para a criação da Unimontes.

Para Jardim *et al* (2002)., a FUNM:

[...] avançou bastante na melhoria da qualidade do ensino e de sua estrutura física: construiu o prédio da FADEC; reformou o ambulatório da FAMED; incentivou a qualificação dos professores através de convênios com

a CAPES; intensificou a luta pela federalização ou estadualização; equiparou salários de professores com o mínimo exigido pela lei; criou Programas de Assistência Pedagógica às escolas rurais desenvolvido por professores da FAFIL, que recebeu elogios do MEC; iniciou os estudos com vistas a construção do prédio da FAFIL, criou a FACEART que viabilizou a transformação da Fundação em universidade, entre tantas outras (Jardim *et al.*, 2002, p. 19).

Pelo exposto, a criação da FUNM estava ligada, ainda, a um sentimento regionalista que articulava uma extensa região distante de grandes centros urbanos e mediada pelo município de Montes Claros. Esse sentimento foi materializado em luta, que permitiu sua transformação em UNIMONTES, em 1989, como a “Universidade de integração regional” (Jardim *et al.*, 2002).

A UNIMONTES foi dirigida, de 1989 a 2002, pelo professor José Geraldo de Freitas Drumond. Ele afirmou na Revista Vínculo durante as comemorações do jubileu de 25 anos da FAFIL:

Da infra-estrutura da Fundação Norte Mineira de Ensino Superior nasce a universidade. Um embrião que nestes 27 anos, de contido desenvolvimento, pôde amearhar cinco faculdades e 13 cursos, além de formar cerca de 7 mil profissionais. (...) Nascerá, então, uma universidade comprometida com a região na medida em que tomará para si a tarefa de repensar o desenvolvimento e oferecer alternativas para os já históricos problemas regionais como a seca, a fome, a migração rural-urbana, a urbanização e a melhoria de vida de sua população (Drumond, 1989, p. 11-12).

O curso de Geografia seguiu essa proposta, ou seja, integrar a região com o conhecimento geográfico e à docência em Geografia. Com a efetivação da estadualização da UNIMONTES, iniciaram lutas por uma nova

forma de se fazer Geografia, comprometida com as questões socioambientais locais-globais, o sonhado “desenvolvimento regional” e as lutas sociais, notadamente, as regionais, como se explora a seguir.

Lutas do curso de Geografia: estrutura física, qualificação do corpo docente e reconhecimento social

O curso de Geografia nasceu do sonho de duas mulheres pioneiras, cuja expectativa se vinculava a necessidade de se criar uma “célula” do ensino superior no norte de Minas. As professoras, Maria Dalva Dias de Paulo e Maria Florinda Ramos Marques, eram geógrafas formadas pela Universidade Federal de Minas Gerais que se juntaram a outras mulheres e fundaram a FAFIL, entre elas, professoras Isabel Rebello de Paula, organizadora do curso de História; Maria Isabel Figueiredo Sobreira, responsável pelo curso de Pedagogia; e Maria da Consolação de Magalhães Figueiredo, fundadora do curso de Letras.

Entretanto, não foi fácil alcançar o que se projetou para a FAFIL, conforme afirmam Paula apud Maia e Cordeiro, 2002:

[...] dessa nova escola se resumia na fuga do tradicionalismo pedagógico, da rotina, do livro e do erudito, males e vícios do ensino na época. Na determinação de diretrizes atualizadas e basicamente de interesse regional, na formação de uma ética estudantil e profissional. Na avaliação constante dos seus resultados e efeitos na comunidade em que se propunha atuar, finalmente, na formação de uma equipe aberta, ampla, direta e objetiva, que perseguisse pacientemente estes objetivos (Paula apud Maia; Cordeiro, 2002, p. 53).

O curso de Geografia vivenciou, a exemplo do contexto nacional, diversas perseguições políticas pelo regime militar de 1964, episódio que o impedia de ter a linha “progressista” sonhada pelas fundadoras. Somente

com o fim da Ditadura Civil-Militar¹ uma nova perspectiva surge para o curso. O marco para esses novos tempos constituiu na realização de um diagnóstico sobre os cursos de graduação em Geografia, no Brasil, que garantiu vida nova, inclusive ao da FUNM. Essa pesquisa envolveu 90% dos acadêmicos do curso, professores e diretores da escola básica e todos os professores do Departamento de Geociências, conforme afirmação de Gomes (1989).

A pesquisa intitulada “Diagnóstico e Avaliação do Ensino de Geografia no Brasil” iniciou-se, em 1981, com o apoio da Secretaria de Educação Superior (SESu/MEC) através da coordenadoria de Apoio ao Desenvolvimento Educacional (CDE) e descrita no relatório da Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB), em 1984, contando com a coordenação do professor Manoel Corrêa de Andrade. Para o coordenador:

[...] é neste nível de ensino [superior] que se processa o produto da escola de 1º e 2º graus, na perspectiva de uma formação adequada destinada a habilitá-lo a integrar-se na força de trabalho do país. Portanto, a proposta visou, desde a sua concepção, ao levantamento de questões, elaborar propostas com vistas ao aprimoramento do ensino de graduação nessa área [Geografia] (Andrade, 1984, p. 1).

E, ainda, que,

[...] a proposta de trabalho apresentada pela CDE por parte da SESu/MEC, pela primeira vez na história do ensino da Geografia no Brasil, reuniu-se, com o apoio governamental, um Grupo de Trabalho – GT, constituído pelos professores: Aldo Paviani (UnB), Gervásio Rodrigo

¹ Ver em: NAPOLITANO, Marcos. 1964: **História do Regime Militar Brasileiro**. São Paulo: Editora Contexto, 2014; BETTO, Frei. **Batismo de Sangue**. A luta clandestina contra a ditadura militar. Dossiês Carlos Marighella e Frei Tito. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1982; MAGALHÃES, Mário. **Marighella: o guerrilheiro que incendiou o mundo**. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

Neves (UFRGS), Guiomar Goulart de Azevedo (UFMG), Livia de Oliveira (UNESP/Rio Claro), Manoel Corrêa de Andrade (UFPE), Margarida Maria Penteado Orellana (UnB), Milton Santos (UFRJ), que participou do GT até maio de 1983, e Rui Moreira (AGB e PUC/RJ), substituído em julho de 1982 por Douglas Santos (Andrade, 1984, p. 2).

Esse elenco de renomados geógrafos foi parte importante da setorização do Brasil para que o referido diagnóstico ocorresse de maneira o mais fidedigna possível e promovesse a mudança nas universidades brasileiras.

Desse momento em diante, um marco temporal se estabelece e mostra a transformação da Geografia da FUNM, que migra de um ensino positivista para uma educação comprometida com a identidade local/regional a partir da formação universitária envolvida com a transformação da sociedade. Soma-se a esse fato, a estadualização e a criação da autarquia UNIMONTES, que proporcionou a melhoria das condições de trabalho dos professores, viabilizando se comprometer com a formação acadêmica, cada vez mais, voltada para a pesquisa e extensão.

Como discutido no tópico 1, os professores da FUNM não contavam com plano de carreira, programas de incentivo a titulação universitários e tão pouco, incentivos como bolsa de estudos com a finalidade de custear as despesas em outras partes do país. Essa pouca titulação do corpo docente dificultava a prática da pesquisa no curso e, em contrapartida, impedia a implantação de uma infraestrutura adequada às necessidades das diversas subáreas da Geografia, uma vez que, a criação de laboratórios e sua manutenção são frutos de estudos subsidiados por órgãos de fomento. Essa realidade pode ser verificada ao analisar o ano de 1989, data da estadualização da FUNM. Nesse período, o Departamento de Geociências contava com cinco professores, sendo esse o corpo docente formado por dois professores graduados, dois especialistas e uma professora mestre, conforme mostra o Quadro 1.

Quadro 1 – Professores do Departamento de Geociências (1964-1989)

N.	Nome	Titulação
1.	Manoel Nazareno Procópio	Graduado
2.	Mayáve Ribeiro	Graduada
3.	Maria Dalva Dias de Paulo	Especialista
4.	Maria Florinda Ramos Marques	Especialista
5.	Maria José Narciso Gomes	Mestre

Fonte: Plataforma Lattes, 2024 e DDI/Unimontes, 2024.

A professora Maria José Narciso Gomes, de acordo com o Quadro 1, era a única professora com titulação de mestrado do Departamento. Essa situação foi modificando-se à medida que novos professores, titulados, ingressaram no curso. Igualmente, novos programas de capacitação foram implantados na Universidade, destacando-se o Programa de Capacitação de Recursos Humanos (PCRH/FAPEMIG), bem como outras possibilidades se apresentaram como aprovação de programas de afastamento ou redução de encargos didáticos e políticas para qualificação do corpo docente que se estruturaram ao longo dos anos.

Marca a expansão do curso de Geografia – Licenciatura, o ano de 1996, quando criou-se o *campus*, em Pirapora/MG, graças aos esforços do geógrafo, Ivo das Chagas (*in memoriam*). Tal *campus* contava com os cursos de Pedagogia e Normal Superior. Essa data, 1996, marca, também, a entrada de novos professores para o quadro do Departamento, pois foram designados dois professores e, à medida que o curso avançava, outros professores eram contratados.

Em 1998, mais dois professores especialistas foram contratados para trabalhar nas licenciaturas. De 2000, ano em que o curso é ofertado para o turno matutino, pois havia somente no período noturno, a 2005, mais cinco professores especialistas passaram a compor o quadro do Departamento, trabalhando manhã e noite na licenciatura de Geografia.

Desses professores, somente um não havia se especializado com a pós-graduação *Stricto sensu*, nível mestrado.

Em 2014, acontece outro marco do curso de Geografia, pois é quando ocorre o início das aulas do programa *stricto sensu* próprio, nível mestrado em Geografia da UNIMONTES (PPGeo). Nesse ano, o Departamento contava com o expressivo número de 13 professores mestres e doutores em Geografia. Essa titulação, somada ao currículo lattes consolidado dos docentes, bem como a realização de pesquisas e projetos de pós-graduação *lato sensu* de maneira contínua, permitiram a construção de um cenário propício a aprovação do citado programa pela CAPES.

O sonhado bacharelado do curso de Geografia advém em 2017. Como discutido no tópico 1, a tentativa da inserção da formação para geógrafos foi frustrada, em 1968, devido à ausência de infraestrutura da FUNM, conquista alcançada a partir das diversas pesquisas financiadas por órgãos de fomento e realizadas pelo corpo docente do Departamento, possibilitando a compra de equipamentos e a construção de laboratórios.

Atualmente (2024), o curso de Geografia conta com uma estrutura de laboratórios como elenca o Quadro 2:

Quadro 2 – Laboratórios do Curso de Geografia (2023)

N.	Laboratório	Professor(a) Responsável
1.	Laboratório de Estudos Urbanos e Rurais (LAEUR)	Iara Soares de França
2.	Laboratório de Geoprocessamento	Marcos Esdras Leite
3.	Laboratório de Geografia Econômica	Luiz Andrei Gonçalves
4.	Centro de Estudos para Convivência com o Semiárido (CECS)	Manoel Reinaldo Leite
5.	Núcleo de Estudos Sismológicos da Unimontes	Manoel Reinaldo Leite
6.	Núcleo de Estudos e Pesquisas em Geografia Rural (NEPGeR)	Ana Ivania Alves Fonseca Cássio Alexandre da Silva

		Vivian Hermano Mendes
7.	Núcleo de Estudos e Pesquisas Regionais e Agrários (NEPRA)	Gustavo Henrique Cepoline Anderson Wilians Bertholi
8.	Laboratório de Educação Geográfica e Estudos populacionais (LABEGEOEP)	Ricardo Palhares
9.	Laboratório de Cartografia	Ricardo Palhares
10.	Laboratório de Geografia Física e Geologia	Ronaldo Belém
11.	Posto Meteorológico	Departamento de Geociências
12.	Grupo de Estudos Socioambientais (GESA)	João Paulo de Sena Souza Manoel Reinaldo Leite
13.	Núcleo de Ensino, Pesquisa e Extensão – Geografia e Educação Popular – NEPEX-GEPOP	Márcia Verssiane Gusmão Fagundes
14.	Laboratório de Educação Geográfica	Romana de Fátima Cordeiro Leite

Fonte: Coordenação Didática do curso de Geografia – Licenciatura, 2024.

De acordo com o Quadro 2, o curso abriga, na atualidade, 14 laboratórios que desenvolvem diversas pesquisas financiadas por diversos órgãos de fomento, destacando-se a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG) e o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Em 2015, o governo do estado realizou concurso público que resultou no atual quadro docente do Departamento, segundo o Quadro 3.

Quadro 3 - Titulação do Departamento de Geociências (2024)

Ano de Entrada no Departamento	Nome	Titulação de Mestre	Titulação de Doutor
1996	Rachel Inêz Castro Oliveira	2005-2007	2012-2016
1996	Romana de Fátima Cordeiro Leite	2001-2003	-
1998	Cássio Alexandre da Silva	2005-2007	2009-2014
1998	Iara Maria Soares Costa da Silveira	2001-2003	2009-2013
2000	Ana Ivânia Alves Fonseca	2000-2003	2009-2012
2004	Priscilla Caires Santana Afonso	2006-2008	2009-2013
2004	Márcia Verssiane Gusmão Fagundes	2014-2016	2019-2023
2005	Marcos Esdras Leite	2005-2006	2007-2011
2005	Iara Soares de França	2005-2007	2008-2012
2009	Vívian Hermano Mendes	2004-2006	2012-2016
2011	Ronaldo Alves Belém	2006-2008	2011-2015
2015	Luiz Andrei Gonçalves	2008-2010	2011-2015
2015	Gustavo Henrique Cepoline	2010-2013	2014-2018
2015	Carlos Alexandre de Bortolo	2009-2010	2011-2015
2015	Manoel Reinaldo Leite	2010-2012	-
2016	Pedro Ivo Jorge Gomes	2008-2010	2012-2016
2017	Anderson Wilians Bertholi	2004-2006	2006-2012
2018	Ricardo Henrique Palhares	2007-2010	2014-2018
2018	Luís Ricardo Costa	2012-2014	2014-2017
2019	João Paulo Sena Souza	2013-2015	2015-2019

Fonte: Plataforma Lattes CNPq, 2024.

Esses professores têm o grande desafio de promover uma educação geográfica que continue a fazer diferença no norte de Minas, contribuindo, de maneira expressiva, no quadro nacional.

Outro ponto importante, conquistado em função das pesquisas com financiamento, é o envolvimento dos alunos que contam com bolsas

originadas desses projetos, assim como de programas específicos de Iniciação Científica (IC) e pós-graduação. Esse é um tema do próximo tópico.

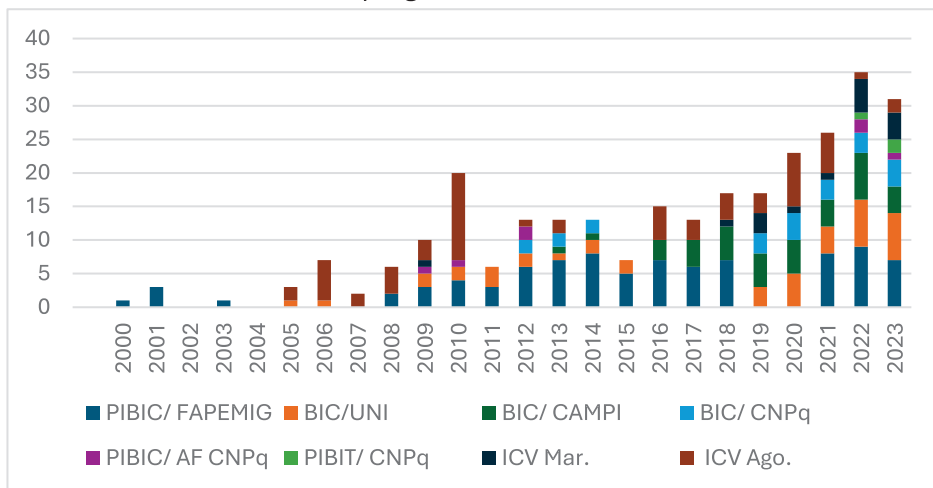
Pesquisa e extensão: envolvimento no processo de ensinar e aprender

A pesquisa proporcionou a transformação do curso de Geografia que entendeu, a partir de 1984, à importância da extensão, fundamental como tripé e sustentáculo da universidade e, conseqüentemente da Ciência Geográfica. O curso só estaria completo com a implementação da pesquisa. A titulação de professores e a solidez dos seus currículos lattes, somadas as políticas públicas de incentivo ao desenvolvimento da pesquisa no estado e no país, fez com que, também, os acadêmicos se beneficiassem. Esses melhoramentos ultrapassaram a sala de aula, pois, hoje, conta com professores qualificados, impedindo a evasão dos acadêmicos, um grande problema enfrentado pela FUNM.

Os alunos bolsistas relatam em entrevista que, as bolsas de Iniciação Científica contribuem para a diminuição da evasão do curso, uma vez que, os auxiliam na manutenção financeira da vida na Universidade e permite, muitas vezes, a permanência em horário integral na UNIMONTES.

O Gráfico 1 mostra a evolução do número de bolsistas de IC no curso de Geografia, nos diversos programas da UNIMONTES, a saber: PIBIC/FAPEMIG, BIC/UNI, BIC/CAMPI, BIC/CNPq, PIBIC/AF CNPq, PIBIT/CNPq, ICV com entrada em março de cada ano, e ICV, entrada em agosto de cada ano.

Gráfico 1 – Evolução do número de bolsistas de Iniciação Científica nos diversos programas da UNIMONTES



Fonte: Pró-Reitoria de Pesquisa/Unimontes, 2024.

As informações do Gráfico 1 possibilita observar a evolução da participação dos acadêmicos do curso de Geografia nos diversos programas da UNIMONTES destinados a IC. O ano de 2000 é marcado pela presença da primeira acadêmica do curso no programa BIC/FAPEMIG, Priscilla Caires Santana Afonso. A pioneira relata em entrevista que:

Fui a primeira bolsista do curso a apresentar um trabalho em um congresso nacional, o XV Encontro Nacional de Geografia Agrária – ENGA no ano de 2000. Apresentei o meu trabalho em um EDP [Espaço de Diálogos e Práticas] coordenado pelo professor Carlos Walter Porto Gonçalves, um dos poucos na sala que já havia ouvido falar na UNIMONTES. Em poucos anos tudo mudou. Hoje a Universidade a qual faço parte [UNIMONTES] ganhou renome internacional (Afonso, 2024).

A acadêmica foi seguida por outros três bolsistas, em 2001, no mesmo programa. As acadêmicas Kenia Kelly da Silva Santos e Marcione

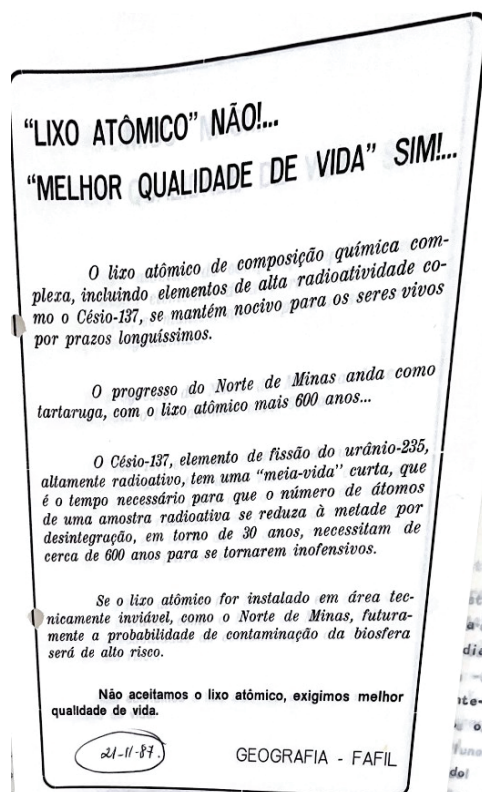
Ribeiro de Oliveira, além do acadêmico Ademar Marques da Silva (Afonso, 2024).

Esses são unânimes ao afirmar que, as bolsas de IC foram importantes para a permanência no curso e contribuíram na progressão da carreira acadêmica, além de incentivar seus colegas contemporâneos a participar de pesquisas científicas a partir de projetos de importância socioambiental local, regional e global.

Em 2024, diferentes projetos estão em andamento, a exemplo de tantos outros que os precederam, ofertando bolsas de IC por parte das agências de fomento, iniciando alunos na pesquisa e proporcionando o seu crescimento acadêmico.

Em relação à extensão, esta esteve presente no curso por todos os anos que sucederam o marco de 1984. O panfleto da Fotografia 08, criado em 1987 pelos alunos do curso de Geografia e distribuído na cidade de Montes Claros, demonstra o posicionamento desses quanto a rejeição do lixo atômico de Goiânia (GO) e expõe o senso crítico da época e o comprometimento dos alunos do curso com questões socioambientais.

Fotografia 8: Panfleto elaborado pelos alunos do curso de Geografia do ano de 1987, que mostra o posicionamento da comunidade acadêmica por um meio ambiente limpo e saudável rejeitando o lixo atômico de Goiânia/GO que cogitou a deposição no norte de Minas



Fonte: DDI/UNIMONTES, 2024.

Outros projetos podem ser citados nos anos posteriores, a saber: atendimento a escolas da educação básica para realização de palestras com temas relacionados a educação ambiental; projeto de arborização da cidade com apoio da Prefeitura de Montes Claros; melhoria das condições ambientais das nascentes do rio Cintra contando com atividades como limpeza e plantio de mudas; manejo do Parque Sapucaia e do Parque Municipal; estudo do impacto ambiental do Rio Vieira; coleta de lixo urbano; carvoejamento no norte de Minas, entre tantos outros (Gomes, 1995).

Atualmente, a coordenação do curso de Geografia/Licenciatura aponta novos projetos e programas que contam com a participação dos acadêmicos, entre eles, participação nas diversas edições do BIOTEMAS, que acontecem nas escolas públicas da cidade; Projeto de Extensão:

Práticas Pedagógicas – reflexão e ação da licenciatura e do bacharelado da Geografia, coordenado pelo laboratório de Educação Geográfica; Ciclo de Estudo: ressignificar as identidades geográficas e plantar as sementes do antirracismo; Ciclo de Estudos: BAOBÁ dos saberes: dialogando com as territorialidades da educação popular antirracista; Canal Geolives; publicação de atividades de extensão no livro: A Geografia do Norte de Minas Gerais: reflexões e proposições; e tantas outras atividades (Coordenação didática da licenciatura do curso de Geografia, 2023).

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) e a Residência Pedagógica (RP) têm proporcionado aos acadêmicos, no âmbito da extensão, o que a IC perpetrou na pesquisa. São muitos os alunos contemplados nos anos de 2009 a 2022, totalizando 200 alunos bolsistas. A RP atendeu 102 bolsistas entre 2020 a 2022.

Pelo exposto, as lutas continuam, contudo, as vitórias falam por si. Desse modo, a caminhada continua!

Considerações finais

Os 60 anos do curso de Geografia conta muito sobre as histórias do norte de Minas. Como essa região, o sonho de melhorias, seja referente a qualidade de vida, bem como dos profundos problemas sociais e ambientais, assim como muitos outros aspectos regionais, fazem parte da própria identidade do curso.

O curso nasceu do sonho de duas mulheres e se materializa em realidade a cada dia, sobretudo a partir dos entraves e progressos vencidos pelo corpo docente, discentes e servidores técnico-administrativos que, apesar do trabalho árduo, estão sempre comprometidos com a sociedade e o serviço público.

Hoje (2024), o curso de Geografia, ainda, luta com problemas enfrentados pela FUNM, no entanto, se apresentam e continuam materializados na UNIMONTES. Parte deles refere-se a respeito da ordem salarial, pois, apesar da conquista do sonhado plano de carreira, assim como a concretização das necessidades da Universidade em forma de

qualificação do corpo docente e técnico-administrativo; e da promoção da pesquisa e extensão, os sujeitos históricos e envolvidos/afetados diretamente pela existência do curso de Geografia e da FUNM/UNIMONTES, ainda, batalham por melhores condições frente a outras universidades, em especial, as federais.

Da luta vive o geógrafo e a Geografia. Vida longa à Ciência Geográfica!

Fontes

Documentais:

Diretoria de Documentação e Informações/Unimontes: atas, pareceres, recortes de jornais, relatórios (AGB, 1980), correspondências recebidas e expedidas, fotografias e dados da Pró-Reitoria de Pesquisa, etc.

Orais

AFONSO, P. C. S. *Entrevista concedida a Filomena Luciene Cordeiro Reis*. Montes Claros, MG, 20/03/2024.

GUSMÃO, M. V. F. *Entrevista concedida a Priscilla Caires Santana Afonso*. Montes Claros, MG, 20/03/2024.

Jornais

Jornal do Norte. Montes Claros, MG, 25 mar. 1980.

Referências

ANDRADE, M. C. de. *Projeto Diagnóstico e Avaliação do Ensino de Geografia no Brasil*. Brasília/DF: Ministério da Educação e Cultura, Secretaria de Educação Superior, Coordenadoria de Apoio ao Desenvolvimento Educacional, 1994.

BETTO, F. *Batismo de Sangue*. A luta clandestina contra a ditadura militar. Dossiês Carlos Marighella e Frei Tito. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1982.

DRUMOND, J. G. de F. *Universitas quae sera tamen. Vínculo*: edição comemorativa dos vinte e cinco anos da FAFIL, Montes Claros, p. 11-16, 1989.

FERREIRA, A. B. de H. *Dicionário Aurélio*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FREIRE, P. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

GOMES, M. J. N. Retrospectiva do Curso de Geografia. *Vínculo*: edição comemorativa dos vinte e cinco anos da FAFIL, Montes Claros, p. 97-110, 1989.

JANOTTI, A. *Origens da universidade*. São Paulo: Edusp, 1992.

JARDIM, A. F. C. J.; BARBOSA, C. C.; BATISTA, D.; ANTUNES, F. V. A Genealogia de uma Universidade: de 1962 a 1989. In: CALEIRO, R. C. L., PEREIRA, L. M. (org.). *UNIMONTES: 40 anos de história*. Montes Claros: Editora da Unimontes, 2002.

LINO, R., Lino; JOSLIN, E. B. J. Identidade, História e Desafios da Universidade. *Revista Ciência Contemporânea*, Guaratingueta, SP, v. 1, n.1, p. 75-87, jan./jun. 2017. Disponível em: http://uniesp.edu.br/sites/guaratingueta/revista.php?id_revista=31. Acesso em: 02 abr. 2024.

MAGALHÃES, M. *Marighella: o guerrilheiro que incendiou o mundo*. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

MAIA, C. de J.; CORDEIRO, F. L. As Faculdades da FUNM. In: CALEIRO, Regina Célia Lima, PEREIRA, Laurindo Mékie (org.). *UNIMONTES: 40 anos de história*. Montes Claros: Editora da Unimontes, 2002.

NAPOLITANO, M. 1964: *História do Regime Militar Brasileiro*. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

PLATAFORMA LATTES. Disponível em: <https://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/busca.do>. Acesso em: 04 abr. 2024.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS. *Nossa história*. 2024. Disponível em: <https://unimontes.br/>. Acesso em: 11 abr. 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. *História da UFMG*. Disponível em: <https://www.ufmg.br/95anos/historia-da-ufmg/>. Acesso em: 02 abr. 2024.

WANDERLEY, L. E. *O que é universidade*. 9 ed. São Paulo. Brasiliense, 2003.

SESSENTA ANOS DO CURSO GEOGRAFIA UNIMONTES: REPENSAR AS CONQUISTAS E INQUIETUDES NA/DA CAMINHADA ACADÊMICA

Iara Maria Soares Costa da Silveira
Márcia Verssiane Gusmão Fagundes

Introdução

Celebrar o sexagenário do curso de Geografia da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes) é, entre outras coisas, um ato de resgate e reafirmação da memória histórica e da identidade próprias do curso. Desde a sua concepção, esteve atento às particularidades sertanejas e urbanas do sertão norte mineiro – nunca descolado do contexto social, econômico e político brasileiro e mundial, vale pontuar –, por meio das categorias de análise geográficas, numa perspectiva ética-política. Como dito pelo professor Milton Santos (1982), o poder da geografia é dado pela sua capacidade de entender a realidade em que vivemos.

É, portanto, neste exercício de resgate histórico que este tópico tem como proposta narrar as conquistas e inquietudes do curso de Geografia da Unimontes, por meio de uma retrospectiva histórica e análise comparativa das construções didático-pedagógicas, dos caminhos geográficos percorridos, dos desafios e das conquistas que orbitaram o percurso da primeira turma (1964-1967) e os que se colocam para a turma atual (2020-2024).

Para essa empreitada, recorreremos à pesquisa documental afim de identificar as(os) estudantes de ambas as turmas e, posteriormente, realizamos um levantamento de informações para localizá-los(as).

Em se tratando das(os) estudantes da primeira turma, o contato com os(as) mesmos(as) só foi possível mediante o auxílio do ex-acadêmico, hoje licenciado em Geografia e atual presidente do Instituto Histórico e

Geográfico de Montes Claros o senhor Hermildo Rodrigues. Sua contribuição foi de suma importância ao considerarmos as dificuldades iniciais para contactar com os(as) licenciados(as) tendo em vista a questão espaço-temporal.

Nesta meta contamos também com a cooperação dos Senhores Carlos Rodrigues Monção, Luiz Gonzaga Oliveira e as senhoras Carmelita de Castro Macedo, Laurita Mendes Ruas, ex-estudantes da primeira turma, durante o processo de construção do presente tópico disponibilizando informações, dados, acervo fotográfico aos quais agradecemos a deferência e a participação efetiva com solicitude, para a construção deste capítulo.

O mesmo procedimento foi adotado para a atual turma de acadêmicas(os) concluintes (2020/2024). Colhemos as narrativas a partir de um roteiro de entrevistas semiestruturado, que foi enviado para as(os) integrantes de ambas as turmas via e-mail e *Whatsapp*.

Concluimos que durante a execução da proposta do presente tópico fizemos muitas descobertas, entre elas destacamos a excelência da memória afetiva e acadêmica dos(as) respondentes da entrevista semiestruturada com relação a pesquisa e o ineditismo das informações disponibilizadas.

Por fim, as informações construídas são apresentadas nas seções a seguir.

Uma (breve) história: o curso de Geografia na Unimontes

Inicialmente, vale pontuar que não é nosso foco uma apresentação minuciosa sobre o curso de Geografia da Unimontes – dado o objetivo principal e os limites próprios das linhas deste capítulo. Pensamos que outras produções importantes já cumprem esse papel, como os trabalhos de Guia e Fonseca (2012) e Santos e Fernandes (2012) e Silveira (2012) por exemplo.

Essa história inicia-se em 1963, a partir da inserção de cursos de licenciatura no ensino superior oferecidos pela Faculdade de Filosofia,

Ciências e Letras (FAFIL), mantida inicialmente pela Fundação Educacional Luiz de Paula (FELP) e, posteriormente, pela antiga Fundação Norte Mineira de Ensino Superior (FUNM). Este é um marco importante, sobretudo para a cidade de Montes Claros, posto que até então não havia nenhuma instituição de ensino superior na cidade, e, com isso, as pessoas interessadas no ensino superior se viam obrigadas a sair para outros locais em busca de formação.

A criação da FUNM¹ ocorreu mediante Lei Estadual 2.615, de 24 de fevereiro de 1962, e sua instituição se deu por meio do Decreto nº 8.245 de 06 de abril de 1965. Inicialmente, a proposta era para a criação da Escola Superior de Agronomia e Veterinária, por serem correlatos com a potencialidade regional e com o intuito de investir e desenvolver a produção comercial da região (Santos; Fernandes, 2012).

No entanto, após 1962 as dificuldades de disponibilidade de um corpo técnico docente para atuar como professores no ensino secundário, que até então era escasso na região, levaram a FUNM a ofertar cursos de Licenciatura Plena para atender as demandas educacionais. Foram selecionados após pesquisas informais os cursos de Geografia, História, Letras e Pedagogia. Com isso,

um grupo de professoras recém-formadas pela Universidade de Federal Minas Gerais, composto por Isabel Rebello de Paula, Maria Isabel Figueiredo Sobreira, Maria da Consolação de Magalhães Figueiredo, Maria Florinda Pires Ramos e Maria Dalva Dias de Paulo, deu início a um movimento em prol do ensino superior regional. Essas professoras, [...] ancorando-se, o mais das vezes, na necessidade da implantação do ensino superior para formar professores para a expansão do

¹ Inicialmente, a FUNM foi chamada de Fundação da Universidade Norte Mineira. Em 1974, por força da Lei nº 6.361/1974, passou a ser chamada de Fundação Norte Mineira de Ensino Superior. E só em 1990 passou a ser Universidade Estadual de Montes Claros.

ensino secundário. O maior intuito das professoras era a formação de uma faculdade de filosofia, ciências e letras, em um direcionamento explícito à formação de professores necessária à ampliação do ensino público regional, principalmente de nível secundário (Rota Júnior; Ide, 2016, p. 155).

As professoras de imediato buscaram apoio nas autoridades e comunidade local com intuito de formar profissionais para lecionar no ensino público secundário, a fim de ampliar e desenvolver as necessidades educacionais básicas da região sertaneja.

Além desse contexto de democratização do ensino secundário, simultaneamente a formação de professores de Geografia foi importante para que profissionais específicos dessa área pudessem atuar na disciplina, tendo em vista que até então era ministrada pelos profissionais de áreas distintas, como engenheiros, advogados, médicos, entre outros.

O curso de Geografia teve seu regimento constituído em 1963, todavia, sua instalação na FAFIL foi intermediada pela FUNM, e o início das atividades acadêmicas da licenciatura ocorreram apenas em 1964. Segundo Guia e Fonseca (2012), em 13 de abril de 1964 foram iniciadas as aulas dos cursos de Geografia, História, Letras e Pedagogia, à época, nas instalações do Colégio Imaculada Conceição, até o ano de 1965, quando os cursos foram transferidos para o casarão centenário da FUNM, localizado na região central da cidade de Montes Claros; atualmente, no local funciona o Museu Regional do Norte de Minas sob a coordenação da Unimontes.

Apesar de se iniciar com dezesseis estudantes aprovados no 1º vestibular realizado em 1964, a turma pioneira de concluintes foi formada por treze discentes. A primeira turma de formandos objetivou capacitar novos docentes para lecionar a disciplina Geografia nas instituições públicas de ensino na região.

A turma pioneira era composta dos seguintes alunos:
Carlos Rodrigues Monção, Carmelita de Castro Macedo,

Eustáquio Machado Coelho [*in memorian*], Hermildo Rodrigues, José Omar Peres [*in memorian*], Laurita Mendes Ruas, Luiz Gonzaga Oliveira, Márcia Valadares de Melo Franco, Maria das Dores Rocha, Maria José Narciso Gomes, Maria Sebastiana Rabelo [*in memorian*], Raimunda da Conceição Rabelo (Irmã Luizilda), Regina Maria Peres Figueiredo Dias [*in memorian*]: Primeiros concluintes do curso de Geografia em Montes Claros (Gomes, 1989, p. 07).

Ingressar no ensino superior era condição considerada distante diante da realidade regional vivenciada pela exclusão, uma região em desenvolvimento, porém, com contrastes e desigualdades, em sua maioria, para muitos uma condição inatingível à época diante das disparidades sociais, econômicas e culturais. Situação perceptível diante da narrativa de Luiz Gonzaga de Oliveira (2024) que ressaltou o seguinte: [...] não via como haveria de surgir oportunidade de entrar para uma Faculdade, de ingressar em Ensino Superior. Felizmente a oportunidade não tardou [...].

As Fotografias 1 e 2, apresentam registros de momentos vivenciados pela primeira turma de Geografia da Unimontes, durante a cerimônia de colação de grau dos discentes com a participação de algumas autoridades e docentes.

Fotografia 1: Turma de formandas(os) do curso de Licenciatura em Geografia (1964-1967). Na primeira fileira, na parte superior, da esquerda para direita, professor Antônio Jorge, Eustáquio Machado Coelho, Luiz Gonzaga Oliveira e José Omar Peres, Carmélia de Castro Macedo, Regina Maria Peres Figueiredo Dias, Carlos Rodrigues Monção (óculos) e Márcia Valadares de Melo Franco. No alinhamento inferior :à esquerda Professora Maria Dalva Dias de Paula (*in memorian*), Laurita Mendes Ruas, Raimunda Nonato Rabelo Conceição (*Irmã Luizilda*) e Hermildo Rodrigues



Fonte: Arquivo pessoal. Reprodução autorizada.

Fotografia 2: Turma de formandas(os) do curso de Licenciatura em Geografia (1964-1967). Da esquerda para a direita, o acadêmico Luís Gonzaga Oliveira. Laurita Mendes Ruas, Hermildo Rodrigues, Raimunda Nonato Conceição Rabelo (Irmã Luizilda), Carmélia de Castro Macedo seguida no final da fila pelo acadêmico de Carlos Rodrigues Monção



Fonte: Arquivo pessoal. Reprodução autorizada.

Desde a conclusão da primeira turma, o curso de Geografia tem vivenciado demandas de ingresso de estudantes. Seja em função do processo em curso de democratização do ensino superior, sobretudo com outras formas de ingresso, como o Sistema de Seleção Unificada (SISU), seja em função das possibilidades e amplitude dos campos de atuação. Atualmente, a turma concluinte do curso de Geografia no primeiro semestre de 2024 perfaz um total de dezoito estudantes.

A Geografia se consolida nas Minas dos Sertões Gerais: em busca de novas conquistas e caminhos

Uma caminhada de sessenta anos, certamente, é marcada por muitas histórias, conquistas, avanços, recuos, perdas e, acima de tudo, perspectivas para desbravar novos caminhos. Essa caminhada, tal como as informações levantadas permitem afirmar, está atrelada ao contexto social, econômico e político, em nível local, estadual, nacional e internacional. Assim, se inicialmente a criação do curso foi um reflexo do contexto de

desenvolvimento e de expansão do ensino superior no país, ao longo dos anos, outros processos orbitaram a sua procura e demanda.

À época de sua criação, o curso atraiu um público que residia em Montes Claros, bem como outros que eram originários de diferentes cidades do norte de Minas, tais como Pedra Azul – MG e Pará de Minas - MG, e de outros estados brasileiros, como São Raimundo Nonato – PI. Atualmente, observa-se que esse mesmo processo se mantém, acentuado pelo SISU que permite aos estudantes de qualquer região do país concorrerem às vagas de instituições públicas de ensino superior a ele vinculadas.

Outro fator preponderante se deve ao fato de a cidade de Montes Claros durante as últimas décadas ser considerada um polo industrial, de serviços e de ensino para o norte de Minas e sul da Bahia, ao longo dos anos a pluralidade de origens dos seus discentes foi uma característica forte do curso de Geografia. Dessa forma, podemos afirmar que a identidade do curso, se consolidou por meio das influências regionais e de outros locais do Brasil.

Mas, voltando ao nosso foco neste capítulo, a comparação de narrativas entre a primeira e a atual turma, demonstra que, ainda que sejam contextos diferentes – que implica uma série de processos distintos, tais como recursos e condições disponíveis, por exemplo -, o curso tem apresentado preocupações muito similares. Sendo elas: formação sólida, crítica, compromissada social, ética e politicamente com as questões que perpassam a educação e a sociedade como um todo, por meio da tríade ensino, pesquisa e extensão universitária. As características inerentes ao curso possibilitaram que a Geografia norte mineira cada vez mais se consolide, destaque e avance nos diferentes campos de atuação e inserção.

Para Hermildo Rodrigues (2024), discente da primeira turma do curso, relatou que na época os(as) estudantes vivenciavam diversas dificuldades para cursar a graduação, em especial pela escassez de recursos, como os livros didáticos, material de apoio, mapas e cartas geográficas entre outros. De acordo com ele, inicialmente não havia

bibliotecas, o que dificultava a elaboração dos trabalhos exigidos. Também não havia bibliotecas públicas na cidade. E acrescenta que, em função disso, “as aulas eram mais expositivas”.

Igualmente, Carmelita de Castro Macedo (2024) em sua narrativa destacou sobre o esforço do Dr. Luiz de Paula Ferreira para garantir a permanência do curso marcado pela precariedade de recursos físicos e outros conforme apontado por Hermildo Rodrigues. Na Fotografia 3, destacamos o Dr. Luiz de Paula Ferreira ao centro, ladeado por autoridades civis da época.

Fotografia 3: Lideranças da instituição à época. Da esquerda para direita, no início da foto o Dr. João Vale Maurício primeiro da Diretor FUNM, em seguida a professora Sônia Prates Gonçalves de Quadros Lopes e o deputado Cícero Drumond e ao centro, está o Dr. Luiz de Paula Ferreira Diretor da FELP cumprimentando a acadêmica Laurita



Fonte: Acervo pessoal de Carmelita de Castro Macedo. Reprodução autorizada.

As narrativas das(os) egressos(as) também apontam as potencialidades de um trabalho articulado e esforço conjunto entre

discentes e docentes da turma inicial, como uma estratégia positiva para superar os obstáculos e as barreiras no caminho. Dessa forma, desde a primeira turma, estudantes e professores estiveram juntas(os), construindo o próprio caminho para a formação em Geografia. Nesse processo coletivo, foram descortinando metodologias e formas de construir uma Geografia que levasse consigo as características do povo sertanejo: a capacidade de (re)criar e se (re)inventar diante das adversidades que surgem no caminho.

Consistiram em várias atividades que a primeira turma esteve presente, destacaram atividades realizadas como trabalhos de campo no norte de Minas, a participação em eventos científicos, como o Congresso Nacional de Geografia, realizado no Rio de Janeiro, na extinta Faculdade Gama Filho entre outros. Desde o início havia participação em distintos espaços e a compreensão da formação para além da sala de aula.

Segundo De La Fuente e Sampaio (2019) a importância e o fascínio que o trabalho de campo exerce no conhecimento geográfico deve ser uma ferramenta composta de uma tônica fundamental no ensino-aprendizagem desta ciência, os autores reforçam que:

O trabalho de campo quando planejado, deve servir como metodologia de ensino; de outra maneira, poderá inviabilizar seu caráter pedagógico. Há ainda a preocupação para que ele não esteja desconectado da teoria, da organização do pensamento e das interdisciplinaridades possíveis. O contexto empírico não deve ser, por si só, a excelência, porque é necessário que ocorra uma articulação com a teoria. (De La Fuente; Sampaio, 2019, p. 459)

Essa tradição entre a teoria e prática alicerçada em um planejamento ordenado para as atividades de trabalho de campo se manteve ao longo dos anos, sobretudo em função da tríade ensino, pesquisa e extensão.

A Fotografia 4 é ilustrativa quanto a esse aspecto:

Fotografia 4: Trabalho de Campo - Disciplina Hidrografia – Observação da área Urbana de Montes Claros-MG. Vista parcial da Lagoa de Interlagos – Bairro: Planalto. Professor Ronaldo Belém com acadêmicos da turma do atual 8º período quando cursavam o 4º período



Fonte: Acervo pessoal. Reprodução autorizada.

A Fotografia 5 reforça sobre a importância do trabalho de campo, os(as) professores(as) realizam um planejamento sistêmico apoiados nos aspectos teóricos em que a prática possa ser evidenciada e absorvida na percepção intrínseca do cotidiano experienciado entre ambos os docentes e discentes do curso de Geografia.

Fotografia 5: Trabalho de campo na cidade Montes Claros – Festa de Agosto – perímetro urbano da turma atual (2020-2024). Da esquerda para a direita, parte superior os(as) acadêmicos(as): Valéria Dias, Sthefany Kristiny, Grazielle Pereira, Filomeno Sena, Jandean Nascimento, Lariany Aguiar, Alisson Nogueira, Ivan Henrique, Daniel Castilho. Parte inferior, da esquerda para a direita: Amanda Ribeiro, Maria Fernanda, Roseany Macedo, Professor Cássio Alexandre da Silva, Deyvison Lopes, Nalanda Vasconcelos, Gabriela Macedo, Wesley Martins e Luiz Henrique (ajoelhado)



Fonte: Acervo pessoal. Reprodução autorizada.

Dessa forma, foi recorrente a menção de que as atividades de ensino, pesquisa e extensão foram importantes para o desenvolvimento profissional das(os) estudantes. Nalanda Cecília Silva Vasconcelos (2024), por exemplo, afirma que teve a oportunidade de participar de diversas atividades que impactaram minha trajetória profissional. E complementa seu relato:

Destaco a experiência na Iniciação Científica Voluntária, onde pude desenvolver-me como estudante e pesquisadora, ampliando meu conhecimento ao longo de todo o período. Essa experiência foi fundamental para meu crescimento como graduanda, fortalecendo meu pensamento crítico e minha compreensão das questões geográficas. Além disso, os trabalhos de campo realizados foram essenciais para meu desenvolvimento, refletindo aspectos característicos da Geografia (Relato de Nalanda Cecília Silva Vasconcelos, 2024).

Um aspecto que se diferencia da primeira turma, é referente aos recursos na atualidade que são disponíveis para essas atividades, tais como auxílios para trabalhos de campo, laboratórios específicos às diferentes áreas da Geografia, materiais didáticos, biblioteca Universitária com empréstimo de livros diversos e remarcação pelo sistema virtual para os(as) acadêmicos (as) e a utilização do espaço físico e do acervo bibliográfico para toda a comunidade regional, programas de iniciação científica, bolsas auxílio para pesquisa e atividades de extensão, Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID e Residência Pedagógica - RP financiados pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, entre outros.

Se, por um lado, a turma pioneira vivenciou dificuldades no que se refere à estruturação do curso e recursos necessários às aulas, por outro lado, as turmas posteriores também experienciaram outras barreiras, conforme o contexto vivido. A turma atual, por exemplo, conviveu com os impactos diretos da pandemia de Covid-19 no sistema educacional, repercutindo em muitas agruras para o processo de ensino-aprendizagem. Nas palavras de Wesley Martins de Almeida (2024) a caminhada rumo à formação:

Infelizmente foi atípica, devido ainda sentirmos os impactos da pandemia. Em relação aos impactos na realidade acadêmica, os estudantes sentiram bastante, negativamente, principalmente a disciplinas que necessitaram de trabalhos de campo, visto que o objeto de estudo da geografia é o espaço, e se limitar em um espaço cibernético, atingiu potencialmente o ensino na graduação (Relato de Wesley Martins de Almeida, 2024).

É importante mencionar que, atualmente, outras dificuldades perpassam a vida de muitas(os) estudantes. A estudante Gabriela Amorim de Macedo (2024), por exemplo, que reside na cidade de Francisco Dumont (MG), descreveu sobre as dificuldades existentes:

Uma dificuldade pessoal, destaco a rotina cansativa de uma pessoa que não mora no município de Montes Claros. Esse empecilho foi enfrentado não apenas por mim, mas por uma parcela significativa da turma. No meu caso, resido em um município distante 120 quilômetros de Montes Claros - minha rotina se resume em sair às 16 horas da tarde e chegar apenas 1h30min da manhã. Confesso que, esse obstáculo foi difícil de superar, porém, cá estou - no 8º período, a menos de 6 meses de concluir o curso (Relato de Gabriela Amorim de Macedo, 2024).

A rotina descrita pela acadêmica se repete no processo formativo da inúmeras(os) outras(os) estudantes que residem em municípios do norte de Minas – nem sempre próximos, vale ressaltar – e que, diariamente, fazem esse percurso à Montes Claros.

Nos limites dessa breve análise comparativa, o que observamos é que ambas as turmas passaram por processos marcados por obstáculos e dificuldades – cada uma em seu tempo, segundo o contexto em que estiveram e estão inseridos. Contudo, historicamente o curso de Geografia esteve sob a égide de uma formação crítica, comprometida e sólida, estendendo para além da sala de aula.

Para Guia e Fonseca (2012, p. 76), o curso de graduação em Geografia da Unimontes é considerado de qualidade. Deste modo, para alcançar uma formação de melhor qualidade exige-se responsabilidade, suficiência teórico-metodológica e, não menos importante, política, além do compromisso social.

Destacamos o avanço das pesquisas que resultaram da publicação em 2003 da primeira edição da **Revista Cerrados** (grifo nosso), sob a coordenação da professora Marina de Fátima Brandão Carneiro e o saudoso Professor Ivo das Chagas (*in memorian*).

O Periódico de publicação com fluxo contínuo foi inicialmente coordenado por professores do Departamento de Geociências e na

atualidade a coordenação e o acompanhamento das publicações está sob a responsabilidade do Programa de Pós-Graduação em Geografia - PPGeo, o que aproximou os(as) discentes para um olhar mais acurado para a pesquisa, ensino e extensão.

As publicações da revista Cerrados, foram importantes para consolidar o interesse dos(as) acadêmicos(as) no decorrer do tempo sobre a importância da continuidade e aprimoramento profissional o Mestrado em Geografia e futuras perspectivas para a efetivação de um Doutorado em Geografia.

Notas finais

Em homenagem ao sexagenário do curso de Geografia da Unimontes, nos propusemos a uma breve análise comparativa entre a turma pioneira de 1964-1967 e a turma contemporânea de 2020-2024. As narrativas das(os) estudantes que participaram como nossas(os) interlocutores, fornecendo suas histórias, dados e informações elementares sobre o processo formativo (ainda que em épocas distintas), desvelam a potência da Geografia norte mineira, ou melhor do nosso Sertão Geografia, que busca elucidar os diversos sertões entre a natureza e o homem.

Percebemos que em ambas as turmas, as dificuldades de ordens distintas se fizeram presentes e orbitaram as experiências individuais e coletivas das(os) formandas(os). Mesmo nessas situações, o respeito entre discente e docente se fez presente, somado ao compromisso de uma formação sólida, ética e crítica. Historicamente, esse esforço conjunto tem contribuído para a construção da nossa Geografia, caracterizada pelas potencialidades da região sertaneja, na qual novas metodologias e formas de fazer a Geografia são descortinadas a todo momento.

A nossa Geografia é VIVA, dinâmica e em constante movimento!

Referências

DE LA FUENTE, A. SAMPAIO, A. de Á. M. O Trabalho de Campo no Ensino de Geografia. In: *Revista Caminhos de Geografia*. v. 20, n. 69, p. 451–466, Mar/2019 Página 451 Uberlândia - MG Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/> ISSN 1678-6343

GOMES, M. J. N. Histórico do Curso de Geografia. *Caderno Geográfico: Revista do Departamento de Geociências*, v. 1, n. 1, p. 7-13, nov. 1989.

GUIA, D. A. S.; FONSECA, G. S. Trajetória do curso de Geografia na Universidade Estadual de Montes Claros-MG: compromisso com a formação docente. *Revista Cerrados*, v. 10, n. 01, p. 57-77, 2012. Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/cerrados/article/view/3011/3010>.

ROTA JÚNIOR, C.; IDE, M. H. de S. Ensino superior e desenvolvimento regional: o Norte de Minas Gerais na década de 1960. *Revista Brasileira de Educação*, v. 21 n. 64 jan./mar. 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782016216408>.

SANTOS, D. P. dos; FERNANDES, M. D. Breve histórico do curso de geografia na Fundação Norte Mineira de Ensino Superior - FUNM em Montes Claros (MG). *Revista Cerrados*, v. 10, n. 01, p. 44–56, 2012. Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/cerrados/article/view/3017>.

SANTOS, M.. Para que a geografia mude sem ficar a mesma coisa. *Boletim Paulista de Geografia*, n. 59, 1982.

SILVEIRA, Y. M. S. C. da; OLIVEIRA, I. M. de. Professor Antônio Jorge, Homem de Perspectivas: uma vida dedicada ao desenvolvimento e integração da Universidade Estadual de Montes Claros – MG – Brasil. In: *Revista Cerrados*, Montes Claros, v. 10, n. 1 – 2012, p. 174, jan/dez. 2012.

02.

O CURSO DE GEOGRAFIA DA UNIMONTES E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES NO NORTE DE MINAS

FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA NA FUNM: ANÁLISE CURRICULAR (1964-1967)¹

Dulce Pereira dos Santos

Adriany de Ávila Melo Sampaio

Rahyan de Carvalho Alves

Janete Aparecida Gomes Zuba

Carlos Alexandre de Bortolo

Introdução

O objetivo do presente trabalho é analisar a estrutura curricular do curso de formação de professores do curso de Geografia da Fundação Norte Mineira de Ensino Superior (FUNM) no período de 1964 a 1967. Para tanto, utilizaram-se como metodologia: revisão bibliográfica, análise do Projeto Pedagógico do curso, entrevistas e resgate de registros iconográficos.

O trabalho está estruturado em dois momentos: inicialmente, realiza-se uma análise da estrutura curricular do curso de Geografia da FUNM; em seguida, realiza uma discussão em relação a esse curso e o desenvolvimento regional e, por fim, naturalmente, apresentam-se as considerações finais.

Foi identificado que as disciplinas ofertadas no curso de Geografia no período 1964/1967, de certa forma, eram descontextualizadas da realidade da dinâmica sociopolítica vivida na época, inclusive, a Geografia

¹ Destaca-se que a base do texto deste trabalho é fruto da tese intitulada “Educação superior e desenvolvimento em Montes Claros/MG: a contribuição do Curso de Geografia da FUNM (1964-1971)”, defendida no ano de 2015 pela professora Dulce Pereira dos Santos. Evidencia-se, também, que todos os quadros constantes neste foram organizados por essa professora.

trabalhada não ofertava conteúdos com análises políticas.

Análise da Estrutura Curricular do Curso de Geografia da FUNM (1964-1967)

Os cursos de licenciatura, bem como o curso de Geografia nas Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras (FAFIL), unidade da FUNM, tiveram sua estrutura curricular voltada, inicialmente, (1939) para o modelo denominado 3+1 em todo o território brasileiro. Assim, salienta Saviani (2001, p. 146): O paradigma resultante do Decreto-lei nº. 1.190 se estendeu para todo o país, compondo o modelo que ficou conhecido como ‘esquema 3+1’ adotado na organização dos cursos de Licenciatura e de Pedagogia.

Todas as licenciaturas seguiam o mesmo esquema, sendo ministrados três anos de formação específica e um único e último ano de disciplinas voltadas à prática pedagógica:

Em ambos os casos, vigorava o mesmo esquema: três anos para o estudo das disciplinas específicas, vale dizer, os conteúdos cognitivos ou “os cursos de matérias”, na expressão de Anísio Teixeira, e um ano para a formação didática (Saviani, 2001, p.146).

A finalidade desse “modelo 3+1” era estabelecer um mesmo padrão de organização de todas as faculdades de filosofia do país. Pelo Decreto-lei n. 1.190, os cursos eram compreendidos em seções e subseções; o curso de Geografia e História fazia parte da seção de Ciências que era composta por seis cursos ordinários: Matemática, Física, Química, História Natural, Ciências Sociais e Geografia e História (Brasil, 1939).

Geografia e História se estabeleciam como uma única graduação, com duração de três anos e tinham esta seriação de disciplinas: Primeira série (Geografia física, Geografia humana, Antropologia, História da

Antiguidade e da Idade Média); Segunda série (Geografia Física, Geografia Humana, História Moderna, História do Brasil, Etnografia); Terceira série (Geografia do Brasil, História Contemporânea, História do Brasil, História da América e Etnografia do Brasil).

Com a aprovação do referido Decreto-lei, passaram a existir dois tipos de diploma: o de bacharel para os alunos concluintes dos cursos nas suas áreas (História ou Geografia), e para os que concluíssem o Curso de Didática o diploma de licenciado. O quarto ano do curso constava de disciplinas relacionadas à formação de professores: Didática Geral, Didática Especial, Psicologia Educacional, Administração Escolar e Educação Comparada, Fundamentos Biológicos da Educação e Fundamentos Sociológicos da Educação.

O Decreto-Lei n. 9.092, de 26 de março de 1946, simplificou esse modelo 3+1 ao reduzir o número de disciplinas pedagógicas exigidas, como relata o seu artigo 4º:

Art. 4º No quarto ano de curso os alunos optarão por duas ou três cadeiras ou cursos, dentre os ministrados pela faculdade.

§ 1º Para obter o diploma de licenciado, os alunos do quarto ano receberão formação didática, teórica e prática, no ginásio de aplicação e serão obrigados a um curso de psicologia aplicada à educação.

§ 2º Os que não satisfizerem as exigências do parágrafo anterior receberão o diploma de bacharel (Brasil, 1946, p. 4566).

Dessa forma, as matérias pedagógicas que os acadêmicos teriam que cursar no 4º ano reduziram-se à formação didática, teórica e prática e a uma disciplina de Psicologia. Com essa medida, o candidato receberia o título de bacharel no quarto ano do curso – não mais no terceiro – desde que:

Fosse aprovado em três disciplinas oferecidas anualmente, e à sua escolha. Ainda poderia receber o título de licenciado, aqueles que, além de cumprirem estágio supervisionado, fossem aprovados em três disciplinas ministradas pelos professores das cadeiras de Psicologia Educacional, Didática Geral e Didática Especial (Roiz, 2007, p. 25).

A lei federal n. 2.594, de 08 de setembro de 1955, desmembrou os cursos de Geografia e História em cursos independentes (Brasil, 1955). Desde então, a estrutura do curso de Geografia passou a ter a seguinte configuração:

1ª série

Geografia Física
Geografia Humana
Geografia do Brasil
Cartografia
Geologia
Antropologia
História da Civilização Moderna

2ª série

Geografia Física
Geografia Humana
Geografia do Brasil
Geografia Regional
Cartografia
Etnografia Geral
História da Civilização Contemporânea

3ª série

Geografia Física
Geografia Humana
Geografia do Brasil
Geografia Regional
Botânica
Etnografia do Brasil e Noções de Tupi- Guarani

4ª série

Mantêm o regimento nº 9092, de 26 de março de 1946. Na quarta série os alunos optarão livremente por duas ou três Cadeiras ou Cursos dentre os ministrados pela Faculdade de Filosofia; quando aprovados terão direito ao diploma de Bacharel. Além disso, poderão cursar as Cadeiras de Psicologia Educacional, Didática Geral e Didática Especial; neste caso terão direito ao diploma de licenciado (Roiz, 2007, p. 25).

Essa nova configuração do Curso de Geografia valorizou a formação de professores para o ensino secundário e ginásial da época, hoje Educação Básica. Em Minas Gerais, o curso de Geografia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) também seguiu as orientações da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (USP), ou seja, o modelo 3+1.

Até o final da década de 1980 a formação do professor de Geografia na Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG seguia o modelo conhecido como “três mais um”, isto é, o licenciando cursava no Instituto de Geociências (IGC) a parte considerada “específica” do curso, na qual aprendia o conteúdo a ser ensinado, e depois se voltava inteiramente para a chamada “parte pedagógica”, que ocorria na Faculdade de Educação (FaE), sem qualquer relação com a primeira parte. Na Faculdade de Educação o estudante começava a ter algum contato com a educação e a escola através de disciplinas como: História da Educação, Estrutura e Funcionamento do Ensino, Sociologia da Educação, Psicologia da Aprendizagem e Didática, que era dividida em geral e especial, sendo que apenas nesta última o licenciando finalmente chegava à sala de aula,

fazendo o estágio, que começava com a observação e finalizava com a regência de sala de aula (Martins; Coelho, 2009, p.5).

Em 1962, aconteceram mudanças significativas na formação do professor, pois o Parecer n. 292, de 14 de novembro, do Conselho Federal de Educação (Brasil, 1962a), estabeleceu os currículos mínimos dos cursos de licenciatura, compreendendo as matérias que foram fixadas para o bacharelado, reduziu as matérias pedagógicas e instituiu a prática de ensino sob a forma de estágio supervisionado nas escolas e não somente nos colégios de aplicação das universidades federais.

Outras modificações aconteceram com o Parecer n. 412/62, cujo relator foi o professor Newton Sucupira. A partir de então, o curso de Geografia passou a ter quatro anos de duração e foi estabelecido o currículo mínimo nacional, cuja habilitação era apenas para a licenciatura:

Geografia Física;
Geografia Biológica ou Biogeografia;
Geografia Humana;
Geografia Regional;
Geografia do Brasil;
Cartografia.
Duas matérias escolhidas dentre as seguintes:
Antropologia Cultural;
Sociologia;
História Econômica Geral e do Brasil;
Etnologia e Etnografia do Brasil;
Fundamentos de Petrografia, Geologia, Pedologia;
Mineralogia;
Botânica.

Os cursos de licenciatura oferecidos pela Fundação Norte Mineira de Ensino Superior (FUNM) seguiram o mesmo modelo das Faculdades de Filosofia do país, conforme as orientações da Lei de Diretrizes e Bases da

Educação (LBD), lei n. 4.024 (Brasil, 1961), com cursos de formação de professores que teriam quatro anos de duração, conforme sintetizado no Quadro 1.

Quadro 1 - Estrutura curricular do curso de Geografia da FUNM (1964-1971)

	1964-1967	1965-1968	1966-1969	1967-1970	1968-1971
1º	- Geografia Física (Geomorfologia normal, Meteorologia e Climatologia) - Geografia Humana (Geografia Urbana, Geografia da População) - Cartografia - Fundamentos de Geologia, Pedologia e Petrografia - Antropologia	- Geografia Física (Geomorfologia normal, Meteorologia e Climatologia) - Geografia Humana (Geografia Urbana, Geografia da População) - Cartografia - Fundamentos de Geologia, Pedologia e Petrografia - Antropologia	- Geografia Física (Geomorfologia Normal, Meteorologia e climatologia) - Cartografia - Geografia Humana (Geografia Urbana, Geografia da população) - Fundamentos de Geologia, Pedologia e Petrografia - Antropologia	- Geografia Física (Geomorfologia Normal, Meteorologia e Climatologia) - Cartografia - Geografia Humana (Geografia Urbana, Geografia da população) - Fundamentos de Geologia, Pedologia e Petrografia - Antropologia	- Geografia Física (Geomorfologia Normal, Climatologia e Meteorologia) - Cartografia - Geografia Humana (Geografia da População, Rural e Urbano) - Geografia do Brasil - Fundamentos de Geologia, Pedologia e Petrografia - Antropologia
2º	- Geografia Física (Climatologia e sistemas morfoclimáticos)	- Geografia Física (Climatologia e Sistemas morfoclimáticos)	- Geografia Física (Climatologia e Sistemas morfoclimáticos)	- Geografia Física (Climatologia e Sistemas morfoclimáticos)	- Geografia Física (Climatologia e Sistemas morfoclimáticos)

	- Geografia Humana (Geografia Agrária e Geografia da Energia) - Geografia do Brasil (grande região leste e grande região sul) - História Econômica Geral e do Brasil	- Geografia Humana (Geografia Agrária e Geografia da Energia) - Geografia do Brasil (grande região leste e grande região sul) - História Econômica Geral e do Brasil	- Geografia Humana (Geografia Agrária e Geografia da Energia) - Geografia do Brasil (grande região leste e grande região sul) - História Econômica Geral e do Brasil	- Geografia Humana (Geografia Agrária e Geografia da Energia) - Geografia do Brasil (grande região leste e grande região sul) - História Econômica Geral e do Brasil	- Geografia Humana (Geografia Agrária e Geografia da Energia) - Geografia do Brasil (grande região leste e grande região sul) - História Econômica Geral e do Brasil
3º	- Geografia Física (Geomorfologia Estrutural) - Geografia Regional (Continente Americano, Continente europeu e África Ocidental) - Geografia Humana (Geografia da Indústria) - Geografia do	- Geografia Física (Geomorfologia Estrutural) - Geografia Regional (Continente Americano, Continente europeu e África Ocidental) - Geografia Humana (Geografia da Indústria) - Geografia do Brasil (Grandes Regiões Meio	- Geografia Física (Geomorfologia Estrutural) - Geografia Regional (Continente Americano, Continente europeu e África Ocidental) - Geografia Humana (Geografia da Indústria) - Geografia do Brasil (Grandes Regiões Meio Norte	- Geografia Física (Geomorfologia Estrutural) - Geografia Regional (Continente Americano, Continente europeu e África Ocidental) - Geografia Humana (Geografia da Indústria) - Geografia do	- Geografia Física (Geomorfologia Estrutural) - Geografia Regional (Continente Americano, Continente europeu e África Ocidental) - Geografia Humana (Geografia da Indústria) - Geografia do

	1964-1967	1965-1968	1966-1969	1967-1970	1968-1971
	Brasil (Grandes Regiões Meio Norte e Nordeste) - Didática - Botânica	Norte e Nordeste) - Didática - Botânica	e Nordeste) - Didática - Botânica	Brasil (Grandes Regiões Meio Norte e Nordeste) - Didática - Botânica	Brasil (Grandes Regiões Meio Norte e Nordeste) - Didática - Botânica
4º	- Psicologia - Práticas de Ensino - Geografia Regional (Continente Asiático, Europa) - Geografia de Minas - Biogeografia	- Psicologia - Práticas de Ensino - Geografia Regional (Continente Asiático, Europa) - Geografia de Minas - Biogeografia	- Psicologia - Práticas de Ensino - Geografia Regional (Continente Asiático, Europa) - Geografia de Minas - Biogeografia	- Psicologia - Práticas de Ensino - Estrutura - Geografia Regional (Continente Asiático, Europa) - Geografia de Minas - Biogeografia	- Psicologia - Práticas de Ensino - Estrutura - Geografia Regional (Continente Asiático, Europa) - Geografia de Minas - Biogeografia

Fonte: Unimontes, 2012.

Como observado no Quadro 1, o curso de Geografia da FUNM seguia a norma nacional e o modelo das demais Faculdades de Filosofia do país, com pequenas dissemelhanças. A disciplina Didática consta no 3º ano, e as demais disciplinas pedagógicas, como Prática de Ensino, Psicologia e Estrutura, constam no 4º ano, ou seja, é o modelo 3+1 melhorado que se organizava de acordo com o Parecer n. 292/1962 do Conselho Federal de Educação (CFE), conforme esse Parecer, as matérias pedagógicas deveriam ser cursadas juntamente com as demais; a disciplina Didática ofertada no 3º ano, e as disciplinas Psicologia e Prática de Ensino ofertadas no 4º ano. A disciplina “Estrutura” só foi incluída em 1970, por decisão do Parecer n. 672, de 4 de setembro de 1969 (Brasil, 1969).

As áreas do conhecimento se subdividiam em Geografia Física, Cartografia, Biogeografia, Geografia Humana e Geografia do Brasil. No curso de Geografia da FUNM (1964-1971), estas disciplinas foram incluídas no currículo: Antropologia, História Econômica, Fundamentos de Geologia, Pedologia e Petrografia, e Botânica. O currículo do curso de Geografia era baseado no Parecer n. 412/1962 do CFE, referido anteriormente. Como as fundadoras do curso e alguns dos primeiros professores foram egressos da UFMG, a estrutura curricular do curso da FAFIL/FUNM se baseou no currículo daquela instituição, segundo relatou uma das entrevistadas.

Ao analisar os documentos (mapa de notas e programa das disciplinas), percebem-se algumas divergências no alocamento das disciplinas Botânica e Antropologia. A disciplina Botânica, no mapa de notas, consta no 3º ano; já no programa elaborado pelo professor consta no 4º ano. Com a disciplina Antropologia ocorreu algo semelhante, no mapa de notas, encontra-se no 1º ano e, no Programa das disciplinas, consta no 1º ano da turma que se iniciou em 1967.

Para análise e entender melhor o currículo desse Curso e como ele foi pensado para a cidade de Montes Claros, selecionaram-se programas de algumas disciplinas. O Quadro 2 mostra o programa da disciplina Prática de Ensino, bem como os trabalhos e seminários propostos.

Quadro 02 - Programa e carga horária da disciplina Prática de Ensino – 1ª turma do curso de Geografia da FUNM (1964 – 1967)

Disciplina: Prática de Ensino		
Ano: 1967	4º ano	Total de aulas prováveis: 95

PROGRAMA

I – Introdução: Conhecimento da classe, apresentação da matéria, discussão do programa com alunos, planejamento das atividades docentes e discentes, teste sondagem etc.

II – O Ensino da Geografia em face Lei Diretriz e Bases Educação Nacional

III – Unidade: Natureza e Função da Geografia

IV – Unidade: O método no Ensino da Geografia

V – Unidade: Planejamento em Geografia

VI – Unidade: Direção e Orientação no Ensino da Geografia

VII – Unidade: Controle no Ensino da Geografia

VIII – Unidade: Importância da Atividade Extraclasse em Geografia

TRABALHOS (EM GRUPO, INDIVIDUAL E SEMINÁRIO)

1 – Objetivos do ensino da Geografia na Escola Secundária

2 – Geografia Aplicada (natureza e função)

3 – Estudo Dirigido no Ensino da Geografia

4 – Uso do Quadro Negro

5 – Recursos Áudio-visuais no Ensino da Geografia

6 – A Gravura como instrumento no Ensino da Geografia

7 – Globos, Mapas e Gráficos como instrumentos de Educação Geográfica

8 – Projeção fixas e animadas no ensino da Geografia

9 – Clube de Geografia

10 – Museu Escolar no ensino da Geografia

11 – Excursões e visitas (valor do trabalho de campo)

12 – Seminários e sua importância na aprendizagem

13 – Motivação no estudo da Geografia

14 – Recursos para verificação e retificação da aprendizagem

15 – Acontecimentos atuais no ensino da Geografia

Seminário: O Professor de Geografia

BIBLIOGRAFIA

- Thralls, Zoe A. O Ensino da Geografia. Editôra Globo.
- Guimarães, Magda Soares. Estudo Dirigido.
- Mattos, Luiz Alves. Sumário de Didáticas Geral.
- Oliveira, Alaíde Lisboa de. Caderno de Didática nº 1 - ano 1.965.
- Ruellan, Francis. Les Methodos modernos d'enseignemtn de la Geographie.
- Cholley, André. La Géographie.
- Fébre, Lucien. La enseñanza de la Hist. Y de la geografia.
- Zaur, Jorge. A Geografia no curso secundário.
- Fonseca, James B. Vieira. Programa e livros didáticos de Geografia para Escola secundária.
- Lebvre, J.; e Rustin, G. Didática de la Hist. Y de la Geografia do Brasil.
- Woldridge, S.W. e EST., W. Gordon . Significado y proposito de la Geografia.
- Sternberg, H. O'Reylly . Contribuição ao ensino da Geografia.
- Lago, Paulo Fernando Araújo. Didática Especial da Geografia.
- Witch; Schuller. Recursos áudio-visuais na Escola.
- Lauro de Oliveira. A Escola Secundária Moderna.
- Seyfert, Richard. Práticas Escolares.
- Esteves, Oyara Peterson. Testes, medidas e avaliação.
- Santos, Theobaldo Miranda. Manual do Professor Secundário.

Fonte: Santos (org.), 2015.

No início de funcionamento desse curso, não existia o documento “Plano de ensino” como vigora atualmente (2015) – um planejamento elaborado pelo professor da disciplina, contendo informações importantes para o acadêmico, como ementa, objetivos, conteúdos, metodologia, cronograma, critérios de avaliação e bibliografia. O que havia e a que se teve acesso depois de uma busca detalhada era o documento denominado “Programa”, o qual continha todas as informações constantes em um plano de ensino, exceto a “ementa”. Segundo relatos de egressos e de algumas professoras das primeiras turmas, a "ementa" das disciplinas ainda não era prevista; o professor da disciplina tinha que apresentar e entregar na Secretaria da FAFIL um programa da disciplina contendo a “contagem do tempo”, que correspondia à quantidade de aulas previstas no ano, bem

como os conteúdos elencados por tópicos, a bibliografia, as formas de avaliação, do estágio e dos trabalhos em grupos/seminários.

Segundo uma das primeiras pedagogas da FUNM: *Só para você ter uma ideia nessa época, os cursos não tinham nem Projeto Político Pedagógico*. (PAIXÃO, Maria Delourdes Ribeiro, informação verbal). As professoras se reuniam e elaboravam os programas das disciplinas, de acordo com a legislação em vigor. Quanto à carga horária das disciplinas, essa era apresentada no Programa, conforme a Tabela 1.

Tabela 1 - Contagem do tempo da Disciplina Prática de ensino/1967: 4 aulas semanais

Mês	Nº de aulas
Março	7
Abril	15
Maio	16
Junho	16
Agosto	16
Setembro	19
Outubro	17
Novembro	11
Total	117
Desconto	22
	95

Fonte: Santos (org.), 2015.

No programa da disciplina Prática de Ensino dessa primeira turma, constavam 117 aulas anuais, mas que, descontadas 22, ficaram 95 aulas. A redução se referia aos feriados e às aulas não dadas no período. Esse quantitativo de horas parece pouco para dar conta de trabalhar todos os conteúdos ofertados; as unidades propostas são interessantes do ponto de vista do ensino da Geografia. O tema Controle no ensino da Geografia merece atenção especial, uma vez que não está claro a qual controle se referia, se seria um controle moral dos alunos, um controle no ensino da Geografia, ou mesmo controle de seleção de conteúdos.

As propostas de trabalho em grupo são relevantes e têm como objetivo prover as aulas de Geografia de diversas técnicas de ensino; quanto ao seminário, o tema “O Professor de Geografia” é bastante interessante, abrangente e, até nos dias atuais (2015), é merecedor de várias discussões.

No ano de 1968, o Programa da disciplina Prática de Ensino aparece mais detalhado, tanto na discriminação dos itens do Programa quanto no que se chamava, na época, de esboço do método de avaliação, conforme pode ser verificado no Quadro 3.

Quadro 3 - Programa da disciplina Prática de Ensino – 2ª turma do curso de Geografia da FUNM (1965 – 1968)

Disciplina: Prática de Ensino		
Ano: 1968	4º ano	Total de aulas prováveis: 130
PROGRAMA Introdução: Teste, sondagem, planejamento, bibliografia, etc. I – O Ensino da Geografia em face da Lei Diretrizes e Bases Educação Nacional 1.1 – Interpretação atualizada dos programas de Geografia no Curso Secundário II – Unidade: 2 - Natureza e Função da Geografia 2.1. O caráter distinto da Geografia 2.2. Sua natureza dinâmica 2.3. O valor funcional da Geografia 2.4. Objetivos imediatos e mediatos da Matéria dentro das finalidades da Educação e objetivos do Ensino 2.5. O Professor de Geografia III – Unidade: 3 O método no Ensino da Geografia 3.1. Os mais aplicáveis a Geografia. 3.2. O método das unidades didáticas em Geografia IV Unidade: 4. Planejamento em Geografia 4.1. Plano de Curso 4.2. Planejamento de unidades e atividades funcionais 4.3. Plano de aula		

V – Unidade: 5. Direção e Orientação no Ensino da Geografia 5.1. A motivação em Geografia 5.2. Apresentação da Matéria
5.3. Escolha do livro texto 5.4. O uso da linguagem e do material didático nas aulas de Geografia VI – Unidade: 6. Controle no Ensino da Geografia 6.1. Recursos para verificação e retificação da aprendizagem 6.2. Critérios de avaliação do rendimento 6.3. Provas clássicas escritas e orais – valor e desvantagens 6.4. Testes (ênfase aos testes de múltipla escolha) vantagens e desvantagens VII – Unidade: 7. Importância da Atividade Extra-classe em Geografia 7.1. O valor dos trabalhos de campo. Seu roteiro. Leitura da paisagem, excursões e visitas 7.2. Clube de Geografia 7.3. Museu escolar 7.4. Biblioteca Geográfica 7.5. Murais e exposições geográficas
TRABALHOS (EM GRUPO, INDIVIDUAL E SEMINÁRIO) 1 – Objetivos do ensino da Geografia na Escola Secundária 2 – Geografia Aplicada (natureza e função) 3 – Estudo Dirigido no Ensino da Geografia 4 – Uso do Quadro Negro 5 – Recursos Áudio – Visuais no Ensino da Geografia 6 – A Gravura como instrumento no Ensino da Geografia 7 – Globos, Mapas e Gráficos como instrumentos de Educação Geográfica 8 – Projeção fixas e animadas no ensino da Geografia. 9 – Clube de Geografia 10 – Museu Escolar no ensino da Geografia 11 – Excursões e visitas (valor do trabalho de campo) 12 – Seminários e sua importância na aprendizagem 13 – Motivação no estudo da Geografia 14 – Recursos para verificação e retificação da aprendizagem 15 – Acontecimentos atuais no ensino da Geografia Seminário: O Professor de Geografia

BIBLIOGRAFIA

- Thralls, Zoe A. – O Ensino da Geografia – Editôra Globo
- Guimarães, Magda Soares – Estudo Dirigido
- Mattos, Luiz Alves – Sumário de Didáticas Geral
- Oliveira, Alaíde Lisboa de - Caderno de Didática nº 1 – ano 1.965
- Ruellan, Francis – Les Methodos modernos d’ enseignemtn de la Geographie
- Cholleyey, André – La Géographie
- Zaur, Jorge – A Geografia no curso secundário
- Fonseca, James B. Vieira – Programa e livros didáticos de Geografia para Escola secundária.
- Leif, J. e Rustin, G. – didática de la Hist. Y de la Geografia do Brasil.
- Lago, Paulo Fernando Araújo – Didática Especial da Geografia
- Witch e Schuller – Recursos áudio-visuais na Escola.
- Lauro de Oliveira – A Escola Secundária Moderna
- Seyfert, Richard – Práticas Escolares
- Esteves, Oyara Peterson – Testes, medidas e avaliação.
- Santos, Theobaldo Miranda – Manual do Professor Secundário.

Fonte: Santos (org.), 2015.

O Programa da disciplina Prática de Ensino da 2ª turma (1965/1968) estava mais detalhado, com maior número de aulas, pois, enquanto foram previstas 95 aulas na primeira turma, na segunda foram 130 aulas. Também se observou na unidade “Controle no Ensino da Geografia” que o controle se referia a métodos de avaliação na disciplina; ainda que tenha sido enfatizado mais o ensino secundário, que no passado era conhecido como a escola preparatória para o ensino superior. Os seminários e trabalhos em grupo talvez tenham sido as primeiras tentativas de uma iniciação à pesquisa no ensino da Geografia.

No Programa dessa segunda turma do curso, observou-se que existem algumas informações importantes de como essa disciplina seria trabalhada durante o ano: as unidades serão estudadas em sala de aula, por meio de exposição oral e ilustração, discussão dirigida, debate, resposta de questionário, análise dos principais problemas e possíveis soluções (FUNM, 1967).

Na análise dos programas das disciplinas do curso de Geografia, os estágios sob a forma de apresentação de trabalhos escritos e orais em sala de aula, com temas pré-definidos pelo professor, eram previstos em todas as disciplinas constantes na estrutura curricular, com exceção das disciplinas da Geografia Física e Geologia.

Por Estágio Curricular supervisionado, tal qual como está previsto atualmente (2015) na legislação, [...] entende-se as atividades que os alunos deverão realizar durante seu curso de formação junto ao campo futuro de trabalho (Pimenta, 2006, p. 21). Esse componente curricular é determinante na formação do docente e está disposto como Aulas Práticas, acrescentadas as seguintes informações: cada aluno terá que ministrar duas aulas no mínimo em colégio particular ou oficial, uma para o 1º ciclo e outra para o 2º ciclo; a média terá peso 2, conforme descrito no programa da disciplina Prática de Ensino, ministrada pelo Professor Antônio Jorge.

O Estágio era dividido em duas experiências, uma no colegial e uma no secundário. Além de professores leigos, nesse curso, também havia alguns alunos formados em outras áreas, conforme abordado pela professora Maria Florinda Ramos Marques em entrevista: Quando nós começamos a divulgação das matrículas, as primeiras turmas foram compostas por professores que já estavam na área e por profissionais liberais, economistas, advogados (Guia, 2009, p. 55).

Segundo relato do entrevistado Hermildo Rodrigues (aluno da primeira turma do curso de Geografia), poucos faziam o estágio em escolas porque a maioria dos alunos dessa primeira turma já lecionava nas escolas de Montes Claros nesse período: *Quase todos os meus colegas já eram professores, e atuavam há um bom tempo.*

Ressalta-se também que o modelo curricular francês influenciou os programas das disciplinas do curso de Geografia da FUNM, revelado nas referências bibliográficas dessas disciplinas. Questiona-se a capacidade de esses alunos trabalharem com bibliografias estrangeiras, envolvendo, principalmente, referências de autores franceses, ingleses, espanhóis e até alguns livros em latim.

Essa diversidade de referências bibliográficas estrangeiras, de certa

forma, constituía um obstáculo na formação do professor de Geografia.

A falta de bibliografia em Português, o que dificultava a formação dos geógrafos deste período no Brasil com leituras mais diversificadas, situação que foi sendo minimizada com as obras geográficas no Brasil, cuja produção e acesso eram maiores em São Paulo e Rio de Janeiro, mediante publicações em periódicos e em livros sobre Geografia (Fiori, 2013, p. 58).

No intuito de compreender melhor como se dava o estudo dessas bibliografias estrangeiras, foram entrevistados uma professora aposentada e ex-aluna da FUNM e um aluno da primeira turma desse período (1964/1971).

Geralmente quem estudou na FUNM nesse período, fez o curso Ginásial na década de 1950, eu mesma concluí em 1955 e já em 1956 comecei a dar aula na Escola Normal, e principalmente nesse Curso Ginásial estudávamos profundamente Latim, francês e inglês, mas o foco mesmo era latim e francês, o Latim era a cadeira dos padres (Milo, Cibele Veloso, 08 jan. 2015).

Antes de entrarmos na faculdade, as aulas do ensino ginásial, hoje Ensino Médio, eram bastante exigentes, as aulas de francês eram bastante rigorosas, aprendemos muito tanto francês como latim (Rodrigues, Hermildo, mar./2015).

Oswaldo Bueno Amorim Filho, professor aposentado da UFMG, ao falar da Geografia mineira, relata a forte influência francesa no meio acadêmico:

A geografia mineira no início era muito caudatária do Rio de Janeiro, principalmente do IBGE e da UFRJ. No

meu tempo de estudante é que começou a se abrir o relacionamento com a USP e logo em seguida com a UNESP que teve um crescimento grande naquele período, com os professores Christofolletti e Lúcia Gerardi. Aliás, esta é a primeira vez que vejo uma reunião da ANPEGE sem Lúcia Gerardi, e nós sentimos muito sua falta. Voltando à geografia mineira, pouco se diz sobre isso, mas ela sempre teve uma janela aberta para os grandes centros geográficos internacionais. É engraçado, mas a geografia mineira sempre teve uma influência muito grande da escola francesa e da escola alemã. Todos os professores mineiros que mencionei tiveram uma influência francesa muito grande. A ponto de nós termos um acordo com o Ministério de Educação da França. Os professores Pebayle e Gervaise tinham cargos de adidos técnicos da embaixada francesa. A gente tinha contato com alguns pontos muito particulares no Brasil e um contato internacional significativo. É uma ligação que nunca deixou de existir (Amorim Filho, 2005, p. 14).

Amorim Filho (2005) afirmou, na entrevista, que a Geografia mineira teve uma ligação com a geografia nordestina por meio de um dos seus principais autores, o professor Manuel Correia de Andrade. Relatou também que a Geografia mineira é plural, refletindo a própria característica do mineiro, parafraseando Guimarães Rosa (1994, p. 436) quando afirma que “Minas são muitas”.

Segundo Hermildo Rodrigues, em entrevista, “*A Geografia Física era bastante enfatizada no curso de Geografia*”. O Quadro 4 mostra o programa da Geografia Física no 1º ano do Curso.

Quadro 4 - Programa e carga horária da disciplina Geografia Física – 1ª turma do curso de Geografia da FUNM (1964 – 1967)

Disciplina: Geomorfologia Normal e Meteorologia (Geografia Física)		
Ano: 1964	1º ano	Total de aulas prováveis: 82
PROGRAMA: 1º SEMESTRE I – Conceitos e métodos de Geomorfologia II – Conceito de erosão normal III – Vertentes IV – Talvegues V – Ciclo de erosão VI		
PROGRAMA: 2º SEMESTRE I – Desenvolvimento Histórico das Ciências da Atmosfera II – Estrutura e Características da Atmosfera III – Fatores do Equilíbrio Atmosférico incluindo: Radiação, Circulação e Fatores Geográficos. IV – Temperatura V – Precipitação		
SEMINÁRIO: 1º SEMESTRE 1 – Origem das cadeias de montanhas 2 – Perfil de Equilíbrio 3 – Nível de base 4 – Ciclo Hidrológico 5 – Orientação para excursão e relatórios		
SEMINÁRIO: 2º SEMESTRE 1 – Aparelhos em Meteorologia 2 – As médias em Meteorologia		
BIBLIOGRAFIA: 1º SEMESTRE 1 – Précis de Géographie Physique Générale. – Birto, P. 2 – Précis de Géomorphologie – Derraun, M. 3 – Geografia Física – Panorama de Geografia – Martonne, E. 4 – Viktor Leinz – Geologia Geral 5 – Imitation aux Travaux Pratiques de Géographie – TRICART, J. de Rochefort.		
BIBLIOGRAFIA: 2º SEMESTRE 1 – Martonne, E. Geografia Física – Panorama de Geografia.		

- 2 – Peguy, P. Précis de Climatologie.
- 3 – Miller, A. – Climatologia.
- 4 – John Wiley C. Sons, Inc. Physical Geography.

Fonte: Santos (org.), 2015.

Entende-se que os conteúdos eram abrangentes e detalhados para serem trabalhados com uma carga horária de 82 horas durante o ano. O Curso era anual, mas, no programa da disciplina, o professor apresentava os conteúdos divididos por semestre. No primeiro semestre de 1964, foi trabalhada a “Geomorfologia Normal” e, no segundo semestre, a “Meteorologia”, predominando uma bibliografia estrangeira. Importante ressaltar que, especificamente nessa disciplina, não se propunha seminários nem temas para o Estágio da forma já discutida anteriormente.

Além da Geografia Física no 1º ano, havia a disciplina Fundamentos de Geologia, Pedologia e Petrografia, com uma carga horária anual de 80 horas bem detalhada, conforme mostra o Quadro 5.

Quadro 5 - Programa e Carga Horária da disciplina Fundamentos de Geologia, Pedologia e Petrografia – 1ª turma do Curso de Geografia da FUNM (1964 – 1967)

Disciplina: Fundamentos de Geologia, Pedologia e Petrografia		
Ano: 1964	1º ano	Total de aulas prováveis: 80
Programa: 1 – Introdução à Geologia 1.1. Conceito de Geologia 1.2. Rápidos traços históricos 1.3. Desenvolvimento da Geologia no Brasil 2 – Terra 2.1. Composição e dimensão 2.2. Características físicas 2.3. Estruturas 3 – Noções de Química		

- 3.1. Noções gerais de Química
- 3.2. Poder de Combinação dos elementos
- 3.3. Combinação química dos minerais

4 – Mineralogia

- 4.1. Generalidades
- 4.2. Rápidos traços históricos
- 4.3. Características que permitem a identificação dos minerais.
 - 4.3.1. Cristalografia
 - 4.3.1.1. Definição e generalidades
 - 4.3.1.2. Cristal
 - 4.3.1.2.1. Formação
 - 4.3.1.2.2. Estrutura interna
 - 4.3.1.2.3. Simetria dos cristais
 - 4.3.1.2.4. Eixos cristalinos
 - 4.3.1.2.5. Sistemas cristalinos
 - 4.3.2. Propriedades Físicas
 - 4.3.2.1. Dureza
 - 4.3.2.2. Pêso Específico
 - 4.3.2.3. Crivageme Fratura
 - 4.3.2.4. Côr
 - 4.3.2.5. Traço ou risco
 - 4.3.2.6. Brilho
 - 4.3.2.7. Fluorescência e Fosforescência
 - 4.3.2.8. Ponto de fusão

4.4. Principais minerais e seu emprego

5. Petrologia

- 5.1. Generalidades
- 5.2. Principais tipos de rochas
 - 5.2.1. Rochas magmáticas ou ígneas
 - 5.2.1.1. Origem
 - 5.2.1.2. Tipos
 - 5.2.1.3. Composição mineralógica
 - 5.2.1.4. Composição química
 - 5.2.1.5. Fatores que permitem a identificação

- 5.2.1.5. Principais rochas magmáticas
- 5.2.2. Rochas sedimentares
 - 5.2.2.1. Origem
 - 5.2.2.2. Composição mineralógica
 - 5.2.2.3. Classificação
 - 5.2.2.4. Principais rochas sedimentares
- 5.2.3. Rochas Metamórficas
 - 5.2.3.1. Origem
 - 5.2.3.2. Metamorfismo
 - 5.2.3.2.1. Estático
 - 5.2.3.2.2. Dinâmico
 - 5.2.3.2.3. Autometamorfismo
 - 5.2.3.2.4. Polimetamorfismo
 - 5.2.3.3. Métodos de estudo
 - 5.2.3.4. Classificação
 - 5.2.3.5. Principais rochas metamórficas
- 5.3. Direção e mergulho das camadas
- 6. Geologia Física
 - 6.1. Generalidades
 - 6.2. Intemperismo
 - 6.3. Diastrofismos
 - 6.3.1. Orogênese
 - 6.3.2. Epirogênese
 - 6.4. Dobras
 - 6.5. Falhas
 - 6.6. Transgressão e Regressão
- 7. Geologia Histórica
 - 7.1. Generalidades
 - 7.2. Métodos de Estudo
 - 7.2.1. Estratigráfico
 - 7.2.2. Paleontológico
 - 7.3. Coluna Geológica
 - 7.4. As várias eras geológicas no Brasil
- 8. Pedologia

- 8.1. Generalidades
- 8.2. Os vários conceitos de solo
- 8.3. Perfil de um solo
- 8.4. Fatores de formação do solo
- 8.5. Tipos de solo
- 8.6. Como reconhecer um bom solo para fins agrícola

BIBLIOGRAFIA

- 1 – Leinz, Victor – Geologia Geral, São Paulo, Editôra Nacional, 1963.
- 2 – Turner, F. J. e J. Verhoogen – Petrologia Ignea Y Metamórfica, Barcelona, Ediciones Omega S.A. – 1963
- 3 – Shevyakov, L. – Mining of Mineral Deposits, - Moscow, Foreign Languages Publishing House.
- 4 – Rankama, K. e Th. G. Sahama, - Geoquímica – Málaga, Aguillar S.A. de Ediciones, 1962.
- 5 – Lahee, Frederic H. Geología Práctica, Barcelona, Ediciones Omega S.A. – 1962.
- 6 – Beurlen, Karl – Introdução a Estratigrafia Geral e comparada, Recife, Expansão Gráfica – 1964.
- 7 – Dana, Hurlbut – Manual de Mineralogia, Barcelona, Editorial Reverté, S.A.

Fonte: Santos (org.), 2015.

Predomina, nesse período, também uma bibliografia estrangeira – o que era comum – e não se apresentava alguma proposta de seminário. Comparando os Quadros 4 e 5, percebe-se que os conteúdos propostos eram bastante abrangentes para o primeiro ano do curso.

A ênfase na Geografia Física, segundo relato da entrevista de um aluno dessa primeira turma, devia-se à formação dos professores que ministravam essa disciplina. Mas afirma que, ainda assim, havia uma leveza didática nas aulas:

A professora Dalva, não obstante a aridez dos temas de Geografia Física tornava a matéria leve dada a forma como ministrava as aulas: fazia expressivos desenhos na lousa. Dr. Manoel N. P. de Moura, geólogo, recém- Chegado a cidade para trabalhar no DNOCS, aliava teoria a prática. Lecionou até 1975, doando à FAFIL a remuneração de suas aulas (Rodrigues, Hermildo, março/2015).

Segundo os ex-alunos e professores entrevistados, os professores Antônio Jorge, Maria Florinda Ramos Marques, Maria Dalva Dias de Paulo eram egressos do curso de Geografia da UFMG, e o professor Manoel Nazareno era formado em Geologia e egresso dessa instituição.

Não havia formações acadêmicas muito distintas no quadro de professores na época da criação do curso de Geografia, o que existia era uma carência de professores para compor o corpo docente, por isso os professores ministravam mais de uma disciplina. Fato corroborado por Fiori (2013) que, ao pesquisar sobre os cursos de licenciatura em Geografia no Brasil, assegura que docentes oriundos de diferentes formações de graduação e pós-graduação se tornaram professores universitários de Geografia.

Somente no último tópico do Programa, percebe-se um item intitulado “Como reconhecer um bom solo para fins agrícolas”, o qual

poderia contribuir para estudos e pesquisas regionais, visando promover o desenvolvimento da região. Nota-se, também, que não havia disciplina direcionada ao estudo da região do Norte de Minas, embora existisse a disciplina Geografia de Minas, mas aquela seria importante por permitir ao aluno realizar análise específica de sua região local. Ao analisar os conteúdos previstos para serem trabalhados na disciplina Geografia de Minas, percebe-se que o Programa inclui temas referentes às regiões economicamente mais importantes sem fazer nenhuma menção à região norte-mineira, conforme aponta o Quadro 6.

Quadro 6 - Programa e carga horária da disciplina Geografia de Minas – 1ª turma do curso de Geografia da FUNM (1964 – 1967)

Disciplina: Geografia de Minas		
Ano: 1967	4º ano	Total de aulas prováveis: 80
PROGRAMA Zona da Mata 1 – Importância do Estudo 2 – A Zona da Mata no Conjunto Mineiro 3 – Aspectos geomorfológicos da Zona da Mata 4 – Clima da Zona da Mata 5 – Vegetação Zona da Mata 6 – Povoamento da Zona da Mata 7 – Distribuição da População 8 – Rede Urbana 9 – Aspectos econômicos 10 – Transportes Zona Metalúrgica 1 – Razões do Estudo 2 – Bases Geológicas da Zona Metalúrgica 3 – Aspectos geomorfológicos estruturais		

- 4 – Aspectos climáticos
- 5 – Vegetação
- 6 – Povoamento
- 7 – Distribuição da População
- 8 – Rede Urbana
- 9 – Atividades econômicas
- 10 – Transportes

TRABALHOS (EM GRUPO, INDIVIDUAL E SEMINÁRIO)

- 1 – Estudo urbano de Leopoldina e Cataguases
- 2 – O crescimento urbano e industrial de Juiz de Fora
- 3 – O regime fundiário e de trabalho na Zona da Mata
- 4 – A cafeicultura na Zona da Mata, importância e evolução
- 5 – A indústria de laticínios na Zona da Mata, importância, principais centros.
- 6 – Distribuição geográfica e importância econômica da pequena propriedade.
- 7 – Aspectos geográficos da fumicultura na Zona da Mata
- 8 – Aproveitamento econômico do minério de ferro de Minas Gerais
- 9 – Atividade siderúrgica na Zona Metalúrgica.
- 10 – Estudo urbano de Belo Horizonte
- 11 – O papel centralizador da Zona Metalúrgica no conjunto mineiro.
- 12 – Significado geográfico do ciclo do ouro
- 13 – O complexo industrial de Belo Horizonte
- 14 – Atividade agropastoril na Zona Metalúrgica

BIBLIOGRAFIA

- Grande Região Leste - IBGE
- Atlas do Brasil - IBGE
- Lester King, Geomorfologia do Brasil oriental – RBG ano XVIII, nº 2
- Estudo Regional da Zona da Mata – Orlando Valverde. RBG ano XX nº 1
- Guia de excursão nº 2 – Zona metalúrgica de Minas Gerais e Vale do Rio Doce.
- Vale do Paraíba, Serra da Mantiqueira e Arredores de São Paulo, Guia de excursão nº 4.
- A marcha do café e as frentes pioneiras – Guia de Excursão nº 3
- Evolução da Rede Urbana Brasileira – Pedro Pinchas Geiger

- Santos, Theobaldo Miranda – Manual do Professor Secundário.
- O quadrilátero ferrífero e seus problemas geomorfológicos – Getúlio V. Barbosa e David. M. Rodrigues
- Dicionário Geológico e Geomorfológico – Antônio Teixeira Guerra.
- Gester King, Geomorfologia do Brasil oriental – RBG ano XVIII, nº 2
- Evolução da Rêde Urbana Brasileira – Pedro Pinchas Geiger
- Boletim Mineiro de Geografia

Zona Metalúrgica de Minas Gerais e Vale do Rio Doce - Ney Strauch – Guia de excursão nº 2.

Fonte: Santos (org.), 2015.

A carga horária prevista em cada disciplina era de 80 horas/aulas. No 1º semestre, os conteúdos previstos se referiam à Zona da Mata e, no 2º semestre, à Zona Metalúrgica. Ao analisar o documento cujos dados constam no Quadro 6, verifica-se que aquele contém uma informação registrada em cartório, sugerindo que o cumprimento dos programas das disciplinas era rigorosamente acompanhado e conferido.

Declaro que o programa acima, aprovado pela Congregação em 3 de março de 1967, foi cumprido em 100% até 30 de junho (matéria semestral). (Marques, Maria Florinda Ramos), documento registrado no 2º Tabelião Montes Claros em 19 de novembro de 1967.

Maria Florinda Ramos Marques era professora da cadeira Geografia de Minas, cuja proposta de conteúdos incluía os aspectos físicos e humanos, tanto da Zona Metalúrgica quanto da Zona da Mata, em unidades separadas. Nessa disciplina, prevalecia uma bibliografia nacional, facilitando os estudos, segundo um dos alunos entrevistados.

Nos dados do Quadro 7, percebe-se que em nenhum momento foram propostos ou previstos trabalhos referentes à região norte-mineira e à cidade de Montes Claros (MG); os estudos populacionais não

contemplavam essa região. Nota-se, portanto, que nessa disciplina não se discutia sobre o local para contribuir com sua transformação, tendo em vista ser esse espaço tão desigual. Talvez faltasse maior criticidade na abordagem desse conteúdo.

Discutiam-se todos os problemas populacionais em todos os continentes, mas não havia nada previsto para discussão acerca das populações locais/tradicionais da região norte-mineira. Em algumas situações, os conteúdos das disciplinas foram mais enfatizados no sentido de propor estudos e análises, principalmente, sobre a cidade de Montes Claros (MG), conforme pode ser verificado no Quadro 7.

Quadro 7 - Programa e carga horária da disciplina Geografia Agrária – 1ª turma do Curso de Geografia da FUNM (1964 – 1967)

Disciplina: Geografia Agrária		
Ano: 1968	2º ano	Total de aulas prováveis: 140
PROGRAMA Introdução: Definição de geografia agrária, métodos e objetivos do curso 1. Aspectos gerais da atividade agrícola no mundo a) Natureza, importância e origem da agricultura b) Bases da agricultura, fatores físicos, fatores sociais, fatores econômicos e política governamental c) A difusão da agricultura e áreas de cultura no mundo 2. Formas primitivas da vida agrícola: as coletas silvestres 3. Culturas itinerantes 4. Culturas com rotação 5. Culturas intensivas científicas 6. Culturas de plantação: o cacau 7. Culturas de plantação: o café 8. Culturas de plantação: a cana-de-açúcar 9. Estudo dos grandes cereais: o trigo 10. Estudo dos grandes cereais: o milho 11. Estudo dos grandes cereais: o arroz		

12. Os grandes tipos de paisagens agrárias

13. A lei de Thunen e a geografia agrária

14. Sistemas de criação de gado

15. Tipos de economia rural não agrícola

a) caça e pesca

b) Exploração Florestal: silvicultura

Seminário: o estudo da agricultura em Montes Claros, histórico, evolução e possibilidades; Pecuária em Montes Claros e sua expansão; A Sudene, suas realizações na Área Mineira do Polígono

BIBLIOGRAFIA

1. Boletim Geografia nº 163 – O café na economia brasileira

2. Boletim Geografia nº 74 – O Brasil precisa de mais agricultores

3. Boletim Geografia nº 86 - Arrendamento rural no Brasil

4. Boletim Geografia nº 86 – Calamidades provocadas pela erosão acelerada do solo

5. Boletim Geografia nº 97 – Origem e distribuição dos solos no Brasil

6. Boletim Geografia nº 173 – Métodos em Geografia Agrária

7. Boletim Geografia nº 156 – Tipos de uso da terra no Nordeste do Brasil

8. Boletim Geografia nº 176 – O problema do estabelecimento rural no Brasil

9. Geografia Econômica – Pierre George

Fonte: Santos (org.), 2015.

Evidencia-se que, especificamente na disciplina Geografia Agrária, os seminários sugeridos remetiam às questões regionais como, por exemplo, um estudo sobre a atuação da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (Sudene) na região, em 1968, quando essa atuava há pouco tempo.

Importante ressaltar como Montes Claros (MG) polariza a região até nos momentos de estudos, pois, dentre as várias proposições dos seminários Geografia Agrária, todos faziam alusão a essa cidade (pecuária,

agricultura de Montes Claros). No programa de 1967 dessa disciplina, também constavam temas interessantes para pesquisar, como a agricultura em Montes Claros, histórico, evolução e possibilidades; a pecuária em Montes Claros e sua expansão; a Sudene, suas realizações na área mineira do polígono; Montes Claros, capital regional do Norte de Minas.

A fim de obter mais informações sobre a dinâmica do Curso de Geografia da FUNM no período de estudo, foi entrevistada a professora aposentada Maria Aparecida Costa, aluna da terceira turma, que ingressou no ano de 1966. Ela afirma:

No ano de 1968 foi criado o Centro de Estudos Geográficos – CEGEO, idealizado pela Professora Florinda, onde eram realizadas as reuniões pelo menos uma vez na semana, e onde discutiam-se temas referentes à Geografia do Brasil e Geral (COSTA, Maria Aparecida, 29 dez. 2014).

A professora Maria Aparecida foi a primeira secretária do Centro de Estudos Geográficos (CEGEO), em que a Professora Maria Florinda, umas das idealizadoras do curso de Geografia, era a presidente.

Através do CEGEO foi que fomentou a Associação dos Geógrafos Brasileiros - AGB, na cidade de Montes Claros, isso já no início da década de 1970 (COSTA, Maria Aparecida, 29 dez. 2014).

O CEGEO efetuou trabalhos pontuais, com pesquisas incipientes, sem nenhum investimento significativo, mas esses estudos foram importantes para pesquisas posteriores, como da ex-aluna, depois professora do Curso, desenvolveu importante trabalho denominado “Geografando os municípios Norte Mineiros”, na década de 1980.

Pela fala de Maria Aparecida Costa, verifica-se que, apesar de as disciplinas serem bastante teóricas e pouco contextualizadas, em alguns

aspectos, já se pensava no envolvimento do curso com a comunidade, como se nota no Quadro 8, onde um dos itens do seminário se refere ao estudo do sítio urbano de Montes Claros (MG).

Quadro 8 - Programa e carga horária da disciplina Geografia Urbana – 1ª turma do Curso de Geografia da FUNM (1964 – 1967)

Disciplina: Geografia Urbana		
Ano: 1964	1º ano	Total de aulas prováveis: 100
PROGRAMA 1) Conceitos e critérios para a definição de cidade, análise de cada critério, exemplos, conclusão prática 2) Origem e evolução das cidades. Exemplos brasileiros 3) Localização das cidades, sítio urbano, conceito de Posição urbana 4) Fatores de crescimento das cidades: Comércio, Indústria e Atividades Agropastoris 5) Decadência e morte das cidades, Fatores de decadência, exemplos brasileiros 6) Funções urbanas 7) Relações externas da cidade, relações rurais – urbanas, área de influência 8) Organização das redes urbanas, hierarquia urbana, classificação das cidades 9) Classificação das cidades 10) Equipamento urbano 11) Metrôpoles, Conurbações, Estudo Comparativo 12) Rede urbana Brasileira		
SEMINÁRIOS 1 – Estudo urbano de São Paulo (sítio, posição, histórico, funções, etc.) 2 – Estudo urbano de Recife (sítio, posição, histórico, funções, etc.) 3 – Estudo urbano de Belo Horizonte (sítio, posição, histórico, funções, etc.) 4 – Estudo urbano de Montes Claros (sítio, posição, histórico, funções, etc.)		

BIBLIOGRAFIA

- 1 – Les fondements de Géographie Humaine – Max Sorre
- 2 – Géographie Humaine – Jean Brunhes
- 3 – Les Villes – Pierre Lavedan
- 4 – Problèmes de Géographie Humaine – Demangeon
- 5 – Geografia Econômica – Pierre George
- 6 – Novos estudos de Geografia Humana – Pierre Mombeig

Fonte: Santos (org.), 2015.

Pela análise do programa dessa disciplina, a Geografia Urbana e a Geografia da População eram trabalhadas no mesmo ano; uma no 1º semestre e a outra no 2º semestre, respectivamente, sendo que as duas faziam parte da “Cadeira” da Geografia Humana, e ambas somavam 100 horas de carga horária. Comparando com os programas constantes nos quadros anteriores, certifica-se que predominava também a bibliografia estrangeira.

Percebe-se ainda que, a partir da segunda turma do Curso de Geografia, a tríade ensino/pesquisa/extensão começa a se configurar, ainda que de forma principiante; e que a Associação dos Geógrafos Brasileiros teve um papel importante na [...] divulgação do conhecimento geográfico existente em algumas instituições de ensino superior do período e que não estava circunscrito apenas a São Paulo e Rio de Janeiro (Fiori, 2013, p. 50).

A estrutura curricular analisada não sofreu alteração significativa no período de 1964 a 1971, permanecendo a mesma carga horária e as mesmas disciplinas oferecidas; poucas mudanças foram percebidas nos programas das disciplinas.

De acordo com a professora Maria Florinda Ramos Marques, em entrevista concedida à Débora Guia, era utilizada uma técnica denominada “curso de aprendizagem para o domínio”, especificadamente nas disciplinas de Geografia do Brasil e Geografia de Minas, por meio da qual os docentes buscavam fazer com que os alunos se dedicassem mais a determinado conteúdo, insistindo na mesma matéria várias vezes até que

o discente a dominasse completamente, o objetivo era que o futuro professor não apresentasse dificuldades no momento de ministrar a aula:

Sendo as primeiras turmas mais dedicadas, foi um dos motivos da implantação do método domínio para aprendizagem, para tentar formar melhor aquele professor, não exatamente o geógrafo, porque a grande carência era de professores de Geografia (Guia, 2009, p. 55).

Pode-se constatar, portanto, que, embora o curso de Geografia da FUNM não apresentasse um maior número de disciplinas direcionadas à prática pedagógica, essa era buscada de outras formas, por meio de trabalhos denominados “estágios”, presentes em quase todas as disciplinas da estrutura curricular do período analisado. Essa prática consistia em uma maneira de os professores incentivarem seus alunos a se aperfeiçoarem cada vez mais por meio de treinamentos e métodos de ensino, capacitando-os para o exercício da função de professores da melhor forma possível. Para exemplificar, destaca-se como funcionava esse estágio na disciplina Geografia Regional:

Temas para trabalho de Estágio da disciplina Geografia Regional

- 1- A significação comercial do Mediterrâneo
 - 2- As duas Economias Alemãs (Ocidental e Oriental)
 - 3- Economia dos países baixos e sua importância
 - 4- Economia da Península Escandinávia e sua importância
 - 5- Regiões da Itália e sua economia
 - 6- Recursos naturais da Europa
 - 7- Transporte da Europa
- O trabalho de estágio será apresentado de forma escrita e oral, antes da prova de Estágio e terá peso 4 (quatro)

Temas para trabalho de Estágio (individual)

Disciplina: Prática de ensino (4º ano/1969)

- 1- Motivação em Geografia
- 2- Objetivo Mediato e Imediato no ensino da Geografia
- 3- Natureza e função da Geografia
- 4- O professor de Geografia
- 5- Técnicas de fixação da matéria
- 6- Geografia e sua importância nacional
(FUNM, 1969)

Antônio Jorge, professor da disciplina Prática de Ensino, aplicava duas provas de estágio, uma na primeira quinzena de julho (1969) e outra na primeira quinzena de novembro (1969), com peso 4. Com o nome de Aulas Práticas, os alunos teriam que ministrar pelo menos 2 aulas em escolas públicas ou particulares.

Por meio dos programas das disciplinas das primeiras turmas de Geografia da FUNM (1964-1971), apesar de a estrutura curricular do curso parecer a estrutura de um curso de bacharelado em Geografia, nota-se que os alunos se preparavam, por meio das aulas propriamente ditas, dos trabalhos de estágio, das aulas práticas e da preparação para o domínio, como já mencionado anteriormente. Em síntese, o curso de Geografia da FUNM seguiu o Parecer n. 292/62 do Conselho Federal de Educação, em que as matérias pedagógicas deveriam ser cursadas juntamente com as demais; a disciplina Didática era ofertada no 3º ano, e as disciplinas Psicologia e Prática de Ensino eram ofertadas no 4º ano.

Observou-se que, em todos os programas da disciplina Prática de Ensino, constava a referência bibliográfica: Thralls, Zoe A. O Ensino da Geografia da Editora Globo. Ao pesquisar sobre essa obra e analisar o período de sua publicação (1965), entende-se que, desde aquela época, havia a preocupação com o estudo do meio em que as pessoas vivem, conforme destaca esse autor [...] a Geografia é mais interessante, mais real e mais viva quando a realidade existente na comunidade é estudada (Thralls, 1965, p.90).

Evidencia-se que a organização do processo de ensino deve ampliar a capacidade de análise do espaço geográfico e os conteúdos serem abordados com enfoque nas dimensões geográficas da realidade econômica, política, socioambiental da região, entretanto, em relação ao curso de Geografia da FUNM, o objetivo principal era a formação de professores para atuarem no 1º e 2º graus e a pesquisa, bem como as atividades de extensão eram abordadas de forma incipiente, não só em Montes Claros, mas em todo o contexto nacional.

Observando as informações contidas nos quadros referentes aos programas das disciplinas da primeira turma do curso de Geografia da FUNM, uma pergunta inquietante fica sem resposta: de que forma esse curso poderia contribuir para o desenvolvimento da região? Na verdade, não se pode generalizar diante do que foi exposto, mas há alguns indícios de que o curso de Geografia iniciado em 1964 teria esse viés associado ao desenvolvimento regional, mesmo que de forma sutil. Isso se manifesta nos temas dos seminários, nas falas de alguns entrevistados, os quais enfatizam a importância da formação desses professores para a região Norte de Minas.

O Curso de Geografia e o Desenvolvimento Regional

A partir dessa primeira turma de concluintes do curso de Geografia, a demanda para ingressar no Ensino Superior aumentou, assim como a procura pelo curso. O mercado de trabalho era promissor, e houve uma ampliação considerável do número de escolas, o que, por consequência, expandiu a demanda por profissionais para atuar nesses estabelecimentos. Uma parte dos formandos da primeira turma do curso de Geografia se tornou professor da FAFIL/FUNM. A professora Dulce Pereira dos Santos teve a oportunidade de conhecer e ser aluna de três desses professores: José Omar Peres (aluno da 1ª turma), Maria José Narciso Gomes (aluna da 1ª turma) e Maria Aparecida Costa (aluna da 3ª turma).

O curso de Geografia da FUNM foi criado em um período no qual se intensificaram as políticas (inter)nacionais de escolarização da população, entre elas, as de formação superior de profissionais para atuar nos ensinos primário e secundário. O Curso foi fruto de articulações da comunidade para atender demandas local e regional. Segundo o livro de matrículas da FAFIL, do ano de 1964, cerca de 40% desses alunos eram oriundos de alguma cidade da região norte-mineira.

Carmélia de Castro Macêdo (São Raimundo Nonato, Piauí), Carlos Rodrigues Monção (Montes Claros), Márcia Valadares de Melo Franco (Montes Claros), Maria das Dôres Rocha (Francisco Sá), José Omar Peres (Montes Claros), Hermildo Rodrigues (Pedra Azul), Antonio Carlos de Souza Lima (Montes Claros), Regina Maria Peres Figueiredo Dias (Montes Claros), Laurita Mendes Ruas (Riacho dos Machados), Wanda Geraldina de Araújo (Monte Azul), Raimunda Nonata Rabelo Conceição, Maria Sebastiana de Queiroz Rabelo (Coração de Jesus), Luiz Gonzaga de Oliveira (Pará de Minas), José Eustáquio Machado Coelho (Montes Claros), Zanotte Chateaubriand Bezerra (Coração de Jesus), Geraldo Cardoso de Almeida (Montes Claros), Tomás dos Santos Rodrigues (Serro), Jair Alves Pinheiro (Teófilo Otoni), Maria José Narciso (Bocaiuva), Roberto Mauro de Amaral (Sete Lagoas) (FAFIL, 1964).

Outro detalhe interessante verificado a partir da análise dessa relação de alunos é o número significativo daqueles oriundos de outras regiões de Minas Gerais e até de outro estado.

Esses dados corroboram a ideia de que a criação da FUNM/Unimontes, desde o início, teve Montes Claros como a cidade-sede, mas sempre vinculada à região norte-mineira, daí a origem do *slogan* que acompanha essa instituição desde 1964, “Universidade da integração

regional”. Assim, pela implantação do Ensino Superior na cidade de Montes Claros/MG e, em especial, do curso de Geografia, diminuiu-se significativamente o déficit de professores habilitados no 1º e 2º graus nas escolas públicas e particulares da região, conforme afirma uma das professoras fundadoras da FAFIL:

A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras [...] veio trazer uma transformação cultural para a região, já comprovada, nesses vinte e cinco anos de funcionamento, com a diplomação de mais de três mil professores, que lecionam nas escolas de 1º e 2º graus, e na própria faculdade, com empenho e consciência do dever a cumprir. Se há contestação quanto ao nível de ensino, deve-se observar que a universidade, de qualquer parte do mundo, atualmente, está em crise, como outros valores, procurando novas formas de vida e expressão [...] Não obstante a soma de muitos problemas, e de erros, a Faculdade de Filosofia tem conseguido formar excelentes professores, que aí estão testemunhando a sua autenticidade e o relevante papel que desempenha dentro do nosso contexto sociocultural. Apesar das grandes dificuldades financeiras da FUNM, que nelas refletem, a Faculdade de Filosofia cresce harmonicamente e continua na sua destinação de formar homens de ideias, capazes de reflexão e de encontrar no humanismo o novo sentido, no quadro da era tecnológica em que vivemos (Silveira, 1989, p. 17).

A importância da Geografia como Ciência e como disciplina escolar advém do fato de que as referências ao fenômeno de dependência e de dominação perpassam pela riqueza de conceitos geográficos dúbios, como centro/periferia, relações Norte/Sul, Primeiro/segundo/terceiro mundos,

tão presentes no recorte temporal deste estudo. Daí a relevância educacional da Geografia para promover o desenvolvimento e modernizar a região onde está inserida. Salienta-se que o Curso de Geografia (Licenciatura) da FUNM não tinha como objetivo preparar a mão de obra para as indústrias, embora tenha contribuído indiretamente para isso; seu propósito era a formação de professores.

Em Montes Claros (MG), os cursos técnicos, responsáveis pela preparação de mão de obra para as indústrias, ofertados principalmente pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), iniciaram suas atividades a partir do final dos anos 1980. Mesmo assim, ter ou estar cursando o ensino superior já era um diferencial para conseguir empregos nas indústrias que começavam a surgir na cidade. *Foi uma conjugação de fatores que ajudou a região a ter um novo perfil.* (Rodrigues, Hermildo, mar./2015).

Segundo o entrevistado, essa combinação de fatores se refere especificamente à chegada da Sudene, à chegada do Ensino Superior e à vontade dos políticos locais/regionais em promover o desenvolvimento na região. As lideranças e a comunidade local se mobilizaram e se articularam para trazer o Ensino Superior para Montes Claros (MG). Essa movimentação envolveu políticos, lideranças locais, determinação das jovens fundadoras do curso (egressas da UFMG) e o apoio do diretor da Faculdade de Filosofia da UFMG, o professor Arthur Versiani Velloso. Conforme consta na Ata de Fundação da FUNM, para ele, a capacitação de professores por meio de uma Faculdade de Filosofia contribuiria para estruturar com mais eficiência os cursos secundários, além de evitar a evasão dos jovens estudantes norte-mineiros. Segundo Hermildo Rodrigues, não se pode esquecer também da atuação do Banco do Nordeste do Brasil (BNB). Para ele, o tripé FUNM/Sudene/BNB representava:

Quando os empresários ficavam sabendo que naquela região tinha faculdade, logo se interessavam em vir pra cá, a fala era: aquela região tem faculdade, melhora o nível da mão de obra.

Não esqueço do Incentivo Fiscal 34/18, a Sudene financiava 70% para as indústrias e empresas agropecuárias que se instalavam na região e os outros 30% eram empréstimos a um juro subsidiado (Rodrigues, Hermildo, mar/2015).

O incentivo fiscal 34/18, para Goodman, Sena e Albuquerque (1971) tem essa denominação por aludir ao artigo 34 da Lei nº 3.395/61, modificado pelo art. 18 da Lei nº. 4.869/65, referindo aos Planos Diretores da Sudene (I, II, III).

O conjunto de incentivos fiscais e financeiros orientados para o desenvolvimento das atividades diretamente produtivas no Nordeste tem como instrumento mais importante e característico o mecanismo de deduções do imposto de renda para fins de investimento, comumente conhecido por 34/18. A Sudene administra a política regional de incentivos do 34/18, e pode concedê-los a projetos industriais, agrícolas e de telecomunicações localizados em sua área de jurisdição. (Goodman, Sena; Albuquerque, 1971, p. 330).

Durante cerca de dez anos, as indústrias instaladas em Montes Claros ajudaram a região na geração de empregos; depois de passado esse período, várias indústrias foram desativadas no Distrito Industrial da cidade, transformando-se em um verdadeiro “cemitério de indústrias”.

Quando se tenta relacionar a Geografia com as questões ligadas ao desenvolvimento da cidade e da região, observa-se, por meio das análises dos programas das disciplinas e entrevistas obtidas, que, na realidade, a preocupação com o desenvolvimento da região norte-mineira envolve o ensino da Geografia porque:

Geralmente, os alunos saem da universidade apenas transferindo conhecimentos numa demonstração evidente do desempenho de uma função calcada prioritariamente em livros didáticos. Em suas práticas, não fica explícita uma dimensão educativa em que o porquê e o quê ensinar são a base do processo pedagógico, o que revela, em suma, uma postura que evita a problematização e a investigação dos problemas concretos do cotidiano, principalmente os do norte-mineiro (Almeida; Pereira, 2004, p. 53).

Um ensino contextualizado com os problemas e temáticas da região favoreceria um ensino mais crítico e interessante. A inquietação das autoras é confirmada por uma ex-aluna e professora do curso de Geografia da FUNM ao afirmar, em entrevista, que a pesquisa abrangendo temas regionais e a participação em eventos em outros estados ou outros municípios só apareceu de fato, de forma mais frequente, na década de 1980.

A monografia naquela época era apresentação com projetos, sendo um desses projetos o Geografando Municípios Norte-Mineiros (1980 a 1990), quem coordenava era eu e Marina Carneiro. Os Trabalhos de campo relacionados ao Meio Ambiente eram feitos com a professora Maria Ivete. Houve alguns Congressos, Encontros e Simpósios Nacionais e Internacionais, essas viagens foram todas por via da AGB. Os alunos realizaram viagens para participarem de Encontros Nacionais e Internacionais sendo eles em: Belém (primeiro encontro que os alunos da FUNM participaram), Porto Alegre, Salvador, Recife, Buenos Aires e Cuba. Mas toda essa movimentação aconteceu entre 1980 e 1990 (Costa, 2013).

Salvo algumas exceções, como os temas para o seminário da disciplina Geografia Agrária, não se perceberam discussões relevantes sobre assuntos da época. Para alunos, professores, gestores municipais e demais políticos envolvidos com o Ensino Superior, e especificamente os envolvidos com a Geografia, a Sudene representou a chegada do desenvolvimento, mas, em nenhum momento, questionaram que desenvolvimento era esse, e quem realmente foi ou seria beneficiado por ele.

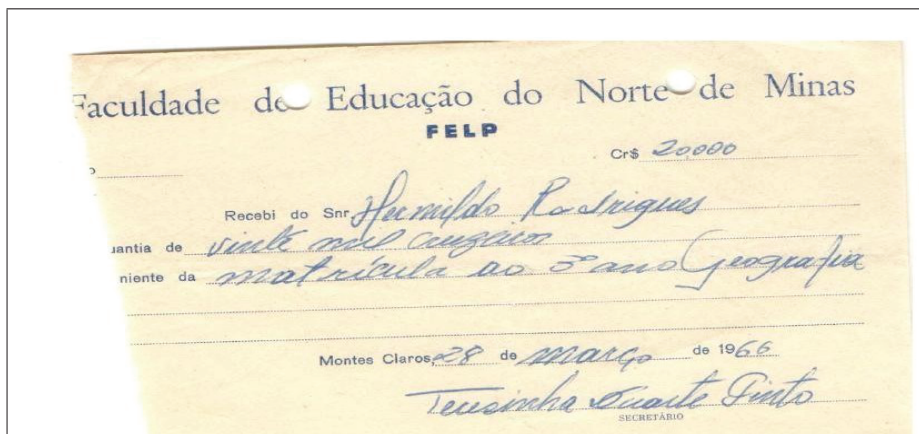
Por outro lado, o Ensino Superior por meio da FUNM, e o curso de Geografia em especial, apesar de não serem suficientemente críticos, colaboraram para mudar o cenário segregado e desigual da região.

A Geografia pode fomentar na direção de um ensino mais crítico e dialético, romper com a visão estática da realidade, romper com a visão umbilical da própria Geografia de fechar-se em si mesma e mostrar claramente aos alunos que são eles, como seres humanos, os sujeitos construtores do espaço que estudam e habitam (Kaercher, 1999, p. 77).

As ideias desse autor corroboram bem o tão propalado desenvolvimento de Montes Claros e região na época da implantação da Sudene, também observadas nas falas dos ex-alunos da FUNM; alguns (não foi unanimidade) afirmaram que o ensino superior era excludente porque foram poucos os cidadãos montesclarenses e norte-mineiros que tiveram a oportunidade de nele (ensino superior) ingressar; todavia, ao mesmo tempo, ter um curso superior no Sertão das Gerais foi um bom princípio de mudança.

O valor da mensalidade era alto, conforme se verifica no recibo a seguir, datado de 1966, 3º ano do Curso de Geografia. Isso por si só já excluía uma parcela da população, visto que não daria conta de arcar com essa despesa, conforme a Figura 1.

Figura 1 - Recibo de pagamento de um acadêmico da 1ª turma do Curso de Geografia – 3º ano/1966



Fonte: Rodrigues, 2024, acervo próprio.

A Figura 1 mostra o recibo de pagamento de um acadêmico da FUNM. Para efeito de comparação, o valor do salário mínimo em 1966, cuja moeda corrente era Cruzeiro, era de Cr\$ 84.000,00; a mensalidade era Cr\$ 20.000,00, correspondendo a 24% do salário mínimo. Parece pouco, mas o poder de compra do salário mínimo nessa época não equivalia ao atual (2015). Portanto, considera-se o valor da mensalidade alta, tendo em vista que a cidade de Montes Claros apresentava problemas sociais e econômicos, com destaque para o desemprego.

A maior parte das despesas da Fundação, inclusive o salário dos professores, era paga com as anuidades dos alunos que, muitas vezes, viam-se ameaçados de interromper seus estudos por inadimplência com a instituição. Essa situação sempre gerava grandes impasses e inquietações: de um lado, professores com salários defasados; de outro, alunos carentes sem condições de pagar aumentos de anuidade (Barbosa et al., 2002, p. 27).

Em 1989, ocorreu o processo de estadualização da FUNM, transformando-se na Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), com a extinção das mensalidades e a oferta de ensino gratuito. Antes da criação da FUNM, não havia ensino superior na cidade de Montes Claros e as escolas secundárias eram poucas para atender a demanda da juventude, por isso:

As famílias mais abastadas enviaram seus filhos para os grandes centros, para dar continuidade aos estudos, pois não havia aqui uma faculdade, e o maior centro mais próximo de Montes Claros era Belo Horizonte, e por dificuldades geradas pela distância muitos não chegavam a concluir seus cursos (Veloza, 2008, p. 45).

O curso de Geografia vivenciou essa realidade, uma vez que as fundadoras eram moradoras da cidade que foram estudar na UFMG e retornaram com o objetivo de contribuir para a implantação do curso superior na região. Mais uma vez, observa-se que a demanda local, juntamente com o interesse da comunidade, foi a mola propulsora para a criação do curso de Geografia em Montes Claros (MG).

Assim, esse curso nasceu no contexto da expansão do ensino superior, tanto no nível nacional quanto no nível global, pois, segundo Santos (2002, p. 339), [...] cada lugar é, ao mesmo tempo, objeto de uma razão global e de uma razão local, convivendo dialeticamente. O Curso atendeu às aspirações da comunidade montes-clarense, disseminando o saber e propiciando a qualificação de um significativo contingente de professores que, sem habilitação legal, já exerciam o magistério.

Com base na análise da primeira estrutura curricular do curso de Geografia e na fala dos ex-alunos e ex-professores entrevistados, nota-se, ainda que de forma sutil, a relação entre esse curso e o desenvolvimento regional, com destaque para a cidade de Montes Claros (MG). O resultado

foi uma dinamização cultural e até mesmo econômica que o Ensino Superior legou à região.

Para Andrade (1992, p. 9), [...] ao fazermos Geografia devemos levar em conta tanto o processamento do que vai ocorrendo diariamente na superfície do Planeta, como as ideias que norteiam a ação do homem nas transformações que provocam. Esse processamento reflete toda uma vontade política da comunidade local que não mediu esforços para contribuir para o desenvolvimento de Montes Claros e da região. Entretanto, esse desenvolvimento estava centrado no desenvolvimento econômico, o qual não deu conta e (ainda não dá) de solucionar os problemas referentes à desigualdade social na região. Contudo, alguns aspectos positivos merecem destaque, como a participação em um processo de desenvolvimento regional, atuando como agência formadora de recursos humanos, colaborando na estrutura educacional do Norte de Minas em parceria com o Governo estadual, cooperando com outras instituições no estudo e resolução de problemas e interesses do povo norte-mineiro.

Esse desenvolvimento baseado na industrialização, na infraestrutura e na intervenção do estado, especialmente no caso em estudo da Sudene, priorizou os aspectos econômicos em detrimento dos aspectos sociais, refletindo o que acontecia também em nível nacional conforme afirma Andrade (1992, p. 10), [...] o Brasil um dos maiores países do mundo, vive esse problema de crescimento com desigualdade que desafia seus pensadores na procura de soluções as mais diversificadas.

Nesse cenário, como a Geografia pode contribuir para enfrentar esses problemas? Ressalta Fiori (2013, p. 47) que:

Esta crença na ciência geográfica como mote do desenvolvimento é uma visão simplista, porque vê a ciência só como técnica, como possibilidade de progresso, sem considerar que o conhecimento tem relação com a ideologia, com a política e com

diversificados tipos de intencionalidades, que não se resumem apenas à dimensão técnica.

Percebe-se que o curso de Geografia reuniu um pouco de ideologia, política e técnica porque ao formar profissionais para o exercício do magistério, a população regional foi a grande beneficiada. Waibel (*apud* Fiori, 2013) afirma que para a solução dos problemas de um país ainda não desenvolvido, como é o caso do Brasil, nenhuma ciência é mais indicada do que a Geografia. Contextualizando essa afirmação, considera-se que o curso de Geografia foi o mais indicado para início, numa região que enfrentava problemas econômicos, sociais e, principalmente, da desigualdade a qual abrange todos esses aspectos.

O curso de formação de professores de Geografia, ou seja, a Geografia no ensino ou o ensino da Geografia, colaborou para o aumento da escolarização da população, provendo ao ensino médio professores habilitados. Além disso, pôde ter despertado, nos alunos desse curso, futuros professores das gerações seguintes e em outras profissões por eles escolhidas, um olhar crítico, indicando caminhos para uma sociedade mais justa e igualitária.

Nas entrevistas, percebe-se também que os primeiros alunos e os primeiros professores eram oriundos de uma classe social mais elevada, e a preocupação primeira desses era oferecer cursos superiores para que seus filhos não tivessem que se deslocar para os grandes centros e formar esses professores para trabalharem nas escolas da região, melhorando a qualidade do ensino, especialmente nos cursos de licenciatura.

Concluindo esta seção, afirma-se que a geração de empregos por meio da industrialização via Sudene era compreendida na época, tanto pela elite econômica quanto para as classes menos favorecidas, como o principal recurso contra os problemas sociais, com destaque para o desemprego. No entanto, Braga (2008, p. 108), ao realizar um estudo minucioso sobre a industrialização da área mineira da Sudene, afirma que:

Nesses quase vinte e cinco anos de existência, a Sudene não atingiu os objetivos a que se propôs quando foi criada – promover o desenvolvimento na sua área de atuação. O Estado planejando, subsidiando, estimulando, divulgando, gera condições para implantação de diversos estabelecimentos industriais, principalmente nos centros urbanos de maior significado, provoca e acelera o crescimento dos mesmos. Entretanto, sucede que estes estabelecimentos, na maioria das vezes privados, têm como obrigação a competição no mercado, utilizam muito mais o fator capital que o fator trabalho, não originando, assim, o número de empregos que pudesse vir a absorver a mão-de-obra que se incorpora a cada ano no mercado, agravando as tensões sociais.

O argumento daqueles que apostavam na industrialização por meio da Sudene para diminuir a desigualdade residia apenas nos aspectos econômicos, relegando a segundo plano os aspectos sociais de responsabilidade do Estado.

Quanto ao curso de Geografia, nota-se uma ausência de discussões sobre temas relacionados às questões sociais. Autores, como Élisée Reclus (francês) e Piotr Kropotkin (russo), não eram utilizados, talvez porque eles pregavam ideias de reforma social e defendiam as classes menos favorecidas, como expressa Andrade (1992, p. 57):

Para Reclus, os geógrafos deveriam fazer uma análise a partir dos seguintes princípios: que a sociedade está dividida em classes sociais, em consequência das formas de apropriação dos meios de produção; que esta diferença de classes provoca a luta entre as classes dominadas que aspiram a melhor sorte e as classes dominantes que não querem perder o controle do poder e das riquezas; finalmente, que há

uma tendência ao aperfeiçoamento individual e à melhoria das estruturas sociais em face do aperfeiçoamento progressivo do homem.

Ressalta-se que não era somente o curso de Geografia da FUNM que não se valiam desses autores em seus programas; na verdade, o pensamento de Reclus foi pouco estudado e explorado nas universidades e pouco utilizado pelos geógrafos brasileiros. Questiona-se, então: se utilizavam tanto os geógrafos franceses, por que não trabalharam com Reclus? Talvez o contexto histórico do período (Regime Militar) e a própria Geografia Quantitativa não proporcionavam espaços para discussões sobre aspectos de ordem política, econômica e social, que Reclus chamava de meio dinâmico, contrapondo o meio estático representado pela natureza e pelo clima.

A atualidade desses temas tratados por Reclus e Kropotkin, leva a crer que a Geografia não deve ser dicotomizada entre a Geografia Física ou Humana, mas que deve haver uma interação entre os fatos físicos com os processos de ação do homem na sociedade.

Kropotkin preocupava-se com o ensino da Geografia, ou seja, preocupava-se com o papel da Geografia a ser desempenhado no processo educativo, tema também muito atual no recorte temporal estudado, bem como no presente (2015).

Muito preocupado com a educação e a formação da juventude e admirando os princípios de Pestalozzi, Kropotkin condenou a forma como era feito o ensino de modo geral, e o ensino de Geografia em particular, que, por ser muito teórico e rico em nomenclatura, não despertava o interesse dos estudantes; achava que os professores deveriam usar livros de viagens, de descrições de hábitos e de costumes dos vários países para despertar o interesse dos estudantes; levá-los ao campo a fim de que, pela observação compreendessem melhor as formas de relevo, a

estrutura do meio rural e urbano, enfim, da paisagem (termo que ele usava com frequência) e, a partir daí, pudessem melhor compreender e interessar-se pelos textos didáticos, a respeito de áreas que não poderiam ser diretamente contactadas (Andrade, 1992, p. 61).

Baseando-se nas ideias desses geógrafos considerados libertários, surge algo a ser analisado, se o ensino de Geografia da FUNM era neutro. Sendo basilares os estudos e pesquisas realizados no transcorrer deste trabalho, imagina-se que havia certa indiferença em relação às questões sociais – segundo esta pesquisa, as bolsas de estudos oferecidas pela FAFIL/FUNM, por exemplo, eram poucas e não davam conta de atender a demanda dos estudantes carentes –, ao desenvolvimento e até mesmo em relação à atuação da Sudene na região.

Os recursos da Sudene eram destinados mais para a indústria do que para a agricultura e menos ainda para a educação, apesar de uma das direções técnicas do Plano Diretor da Sudene ser o aperfeiçoamento progressivo do fator humano pela eliminação da barreira do analfabetismo e ampliação da oferta de pessoal técnico. Enfim, a educação não foi uma preocupação da Sudene em Montes Claros (MG), as principais ações dessa Superintendência foram os incentivos para instalação de indústrias. A implantação da FUNM e do curso de Geografia foi importante para o desenvolvimento da cidade e da região, pois facilitou o acesso ao Ensino Superior para a população da cidade de Montes Claros (MG) e região e, principalmente, contribuiu para a formação docente ao habilitar professores para atuarem no ensino ginasial e secundário nas escolas públicas e particulares, além de ser um fator de atração para as indústrias que aqui começavam a se instalar nesse período.

Considerações Finais

A fundação da FAFIL, com cursos na área de licenciatura, está

ligada, de certa forma, à preocupação de um grupo de professores da cidade de Montes Claros e egressos da UFMG com a formação de professores, tudo isso com respaldo da elite política e econômica da região. A criação de outros cursos, ainda na década de 1960 e início da década de 1970, estaria diretamente relacionada a conter a evasão de vários jovens de Montes Claros e região para outras cidades e estados, também devido a um aumento do mercado de trabalho, ocasionado pela instalação de algumas indústrias na cidade de Montes Claros (MG).

Em relação à relevância do papel da FUNM/Unimontes no norte de Minas Gerais, observou-se no decorrer deste trabalho que, quando se trata da importância dessa instituição no desenvolvimento regional, seja econômico, tecnológico, formação de capital humano, entre outras expressões, está-se fazendo referência a uma educação imprescindível para que as pessoas formadas atendam as necessidades do desenvolvimento do capital. Os relatos dos entrevistados indicam que o ensino superior veio para beneficiar o desenvolvimento regional.

A apresentação da estrutura curricular da primeira turma do curso de Geografia foi de suprema importância para analisar se as disciplinas elencadas colaboraram para o desenvolvimento do raciocínio geográfico, no sentido de formar professores capazes de entender o espaço como componente da sociedade. A fala dos acadêmicos dessa primeira turma permite afirmar, embora parcialmente, que o desenvolvimento de raciocínios geográficos e a formação de uma consciência espacial dizem respeito ao olhar geográfico, à maneira particular de a Geografia ler o mundo, estudar a sociedade. Mesmo que, no período de 1964 a 1967, os estudos fossem de certa forma um pouco descontextualizados, a Geografia trabalhada tinha menos conteúdo político.

Constatou-se que a criação do curso de Geografia na FUNM nasceu por meio de uma conjugação de fatores, sendo o mais importante a demanda existente por cursos de formação de professores para atuarem nas escolas da região. As primeiras tentativas perpassaram pela sensibilização das autoridades regionais e da comunidade local, a partir daí, as ideias fluíram e o “sonho” dos idealizadores foi concretizado.

Referências

ALMEIDA, M. I. S.; PEREIRA, A. M. (org.). *Leituras geográficas sobre o Norte de Minas Gerais*. Montes Claros: UNIMONTES, v.1, 2004. 130 p.

AMORIM FILHO, O. B. Entrevista. *Geosul*, Florianópolis, v. 20, n. 40, p 191-209, jul./dez. 2005.

ANDRADE, M C. *Geografia: ciência da sociedade*. Recife: Editora Universitária, 1992.

BARBOSA, C.C.; JARDIM, A.F.; BATISTA, D.J., ANTUNES, F.V. A genealogia de uma universidade: 1962 a 1989. In: CALEIRO, R.C.L.; PEREIRA, L.M. (org.). *Unimontes 40 anos de história*. Montes Claros: Unimontes, 2002. p. 15-48.

BRAGA, M. A. F. *Industrialização da área Mineira da Sudene: um estudo de caso*. Montes Claros, MG: Unimontes, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Federal de Educação. Parecer nº. 292, de 14 de novembro de 1962. Trata da parte pedagógica dos currículos mínimos relativos aos cursos de licenciatura. *Documenta*, Brasília, n. 10, p. 95-100, 1962a.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Federal de Educação. *Parecer nº. 672, de 4 de setembro de 1969*. Brasília: ME/CFE, 1969.

BRASIL. Decreto-lei nº. 1.190, de 4 de abril de 1939. Dá organização à Faculdade Nacional de Filosofia. *Diário Oficial da União*, Rio de Janeiro, Seção 1, p. 7929, 6 abr. 1939.

BRASIL. Decreto-lei nº. 9.092, de 26 de março de 1946. Amplia o regime didático das faculdades de filosofia, e dá outras providências. *Diário*

Oficial da União, Rio de Janeiro, Seção 1, p. 4566, 28 mar.1946.

BRASIL. Lei nº. 2.594, de 8 de setembro de 1955. Dispõe sobre o desdobramento dos Cursos de Geografia e História nas Faculdades de Filosofia. *Diário Oficial da União*, Rio de Janeiro, Seção 1, p. 17273, 14 set.1955.

BRASIL. Lei nº. 4.024, de 20 de dezembro de 1961. Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF: Centro de Documentação e Informação, 1961.

FIORI, V. *As condições dos cursos de Geografia no Brasil: uma análise territorial e de situação*. 2013. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

FUNDAÇÃO NORTE MINEIRA DE ENSINO SUPERIOR. *Programa da Disciplina Prática de Ensino - Curso de Geografia*. Montes Claros: FUNM,1967.

FUNDAÇÃO NORTE MINEIRA DE ENSINO SUPERIOR. *Programa da Disciplina Prática de Ensino - Curso de Geografia*. Montes Claros: FUNM,1969.

GOODMAN, D. E.; SENA, J F. F; ALBUQUERQUE, R. C. de. Os incentivos financeiros à industrialização do Nordeste e a escolha de tecnologias. *Pesquisa e Planejamento*, Recife, v. 1, n. 2. p. 359, dez. 1971.

GUIA, D. A. S. *Geografia na Universidade Estadual de Montes Claros e o perfil de seus acadêmicos*. 2009. Monografia (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros/MG, 2009.

KAERCHER, N. A. *Desafios e utopias no ensino de Geografia*. 3. ed. Santa

Cruz do Sul: EDUNISC, 1999.

MARTINS, M. de F. A.; COELHO, A. M. S. *A prática na formação do professor de Geografia*. 10º Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia. ENPEG. Porto Alegre, 2009.

PIMENTA, S. G. *O estágio na formação de professores: unidade teoria e prática?* 7. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

ROIZ, D. S. A institucionalização do ensino universitário de Geografia e História na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo entre 1934 e 1956. *Ágora (UNISC)*, Santa Cruz do Sul, v. 13, n. 1, p. 65-104, 2007.

ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. São Paulo: Nova Aguilar, 1994.

SAVIANI, D. *A nova lei da educação: trajetória, limites e perspectivas*. 7. ed. Campinas: Autores Associados, ISBN 85-857-0145-5, 2001. 242 p. (Coleção Educação Contemporânea).

SANTOS, M. *A natureza do espaço: técnica, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 2002.

SILVEIRA, Y. A importância da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras no Norte de Minas. *Vínculo*, Montes Claros, n. 4, p. 17-18, 1989.

THRALLS, Z. A. *O ensino da Geografia*. Tradução de Dalilla C. Sperb. Porto Alegre: Editora Globo, 1965.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS. Secretaria Geral. *Estrutura curricular do curso de Geografia da FUNM (1964-1971)*. Montes Claros: Unimontes, 2012.

VELOZO, D. R. *A participação das mulheres na criação do Ensino Superior em Montes Claros/MG na década de 1960*. Centro Ciências Humanas. 2008. Trabalho de Conclusão de Curso, UNIMONTES, Montes Claros, 2008.

Memórias das Geografias Física e Humana na Licenciatura do Curso de Geografia da Unimontes - 1992 - 2023

Cássio Alexandre da Silva
Ana Ivania Alves Fonseca

Introdução

A presente proposta textual é apresentar experiências vividas referentes a narrativas do período de 31 anos (de 1992-2022) como discentes e docentes no curso de licenciatura de Geografia da Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes.

A reafirmação de identidades, pertencimento e territorialidades estão presentes na *História e Memória*, como bem expressa Le Goff (2003). Para Ricoeur (2003),

Ora, a fenomenologia da memória, já na época de Platão e Aristóteles, propôs uma chave de interpretação do fenômeno mnemônico, a saber, o poder da memória de tornar presente uma coisa ausente ocorrida anteriormente. Presença, ausência, anterioridade, representação formam assim a primeiríssima cadeia conceitual do discurso da memória. (Ricoeur, 2007, p.241).

O primeiro momento refere-se ao tempo compreendido entre os anos de 1992 a 1995, tensiona enfatizar as disciplinas de Geografia Física que possibilitaram a consolidação para futura docência, breves observações sobre a Geografia Humana como desafio teórico e das rápidas modificações realizadas no espaço montesclarenses no momento.

O segundo momento referente ao tempo entre os anos de 1996 a 1998, trazem a memória e participação da primeira “Pós-Graduação de Geografia Regional do Brasil e Minas Gerais”, com módulos apresentados por docentes da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG até o

momento da seleção pública e do concurso realizado para docentes da Unimontes.

Por fim, serão trazidas aqui as memórias que tiveram lugar em meados de agosto de 1998 até 2002, as quais possibilitaram a exposição de várias situações e cenários na tentativa de reconhecer um espaço na Geografia do norte de Minas Gerais.

Na Geografia Clássica, as Geografias Física e Humana marcam uma dicotomia com categorias epistêmicas que foram apresentadas na ciência geográfica em geral.

Nos primeiros momentos da Geografia, considerada como Moderna, de acordo com Immanuel Kant,

no manual do curso de Geografia Física ministrado por ele na Universidade de Königsberg “nossa razão dá-nos conhecimento da razão pura, mas os conhecimentos advindos da experiência obtêm através dos sentidos/sensação”¹ (p.256). Assim, existem dois tipos de conhecimento: a *priori* e a *posteriori* ². O conhecimento *a posteriori* é dado na experiência e o conhecimento *a priori* são conhecimentos que não se fundam na experiência, mas a ela dão suporte. Assim, todo conhecimento começa com a experiência, mas nem todo conhecimento se funda (desenvolve) nela (Sales, 2013, p.187).

Já na História do Pensamento Geográfico, o marco da Geografia Humana é apresentada na França, momento em que a Alemanha também

¹ “Our reason gives us knowledge of pure reason, but knowledge of experience we obtain through the senses” (p.256); “Nossa razão nos dá o conhecimento da razão pura, mas o conhecimento da experiência obtemos através dos sentidos”.

² Esta distinção dos conhecimentos parece estruturar todo o pensamento de Kant, desde a forma de classificar as ciências como a maneira de buscar conhecimento por meio delas.

organizava um pensamento geográfico aprofundado na perspectiva do Estado-Nação. Conforme Capel,

El geógrafo francés Jean Brunhes (1869-1930) fue el primero en utilizar la expresión ‘geografía humana’ em uma tESIS doctoral: Étude de Géographie humaine, L’irrigation, ses conditions géographiques, ses modes et son organisation dans la Péninsule iberique e dans l’Afrique du Nord (1902). Mais tarde escribiria el primer tratado general de esta rama de la geografía publicado em la escuela francesa: Traité de Géographie Humaine (1910) (Capel, 1984, p.14).

Essas duas explicitações das categorias reconduzidas e pensadas na proposta da narrativa aqui apresentada, fortalecem a iniciativa de articular investigações geográficas no norte de Minas Gerais, a partir dos anos de 1960-70 na conjuntura desenvolvimentista da época.

Memórias das Primeiras Ações que tiveram lugar entre os anos de 1992 à 1995

No ano de 1992, a turma de Licenciatura de Geografia-noturno “inaugura” o prédio de Centro de Ciências Humanas no Campus Darcy Ribeiro, ladeado com as três outras turmas do curso que reconheciam nesse espaço predial o “recomeço”, pois a estrutura do antigo prédio da Escola Normal (1878) que tornou-se a Fundação Norte Mineira de Ensino Superior - FUNM já não oferecia segurança e adequação. A junção do espaço de formação da Geografia Licenciatura aos demais cursos das Ciências Humanas significou não só emancipação, mas abertura de novas perspectivas para pesquisas.

O curso de Geografia com sua estrutura disciplinar anual era reconhecido no “antigo prédio da FUNM - o Casarão da Fafil³” como o que mais possibilitava oportunidades aos seus discentes de conhecerem por meio de viagens executadas como excursões (trabalhos de campo) várias paisagens, regiões, lugares e territórios no norte de Minas Gerais. Todo o processo desenvolvimentista do país podia ser observado em Montes Claros com a marca da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste - SUDENE. As estruturas fabris empregaram e alavancaram esse setor da economia, na região projetos de grande escala eram implantados no setor agropecuário. Os dois setores alavancam o comércio de Montes Claros e fazem da cidade uma cidade média geograficamente.

No campus universitário apresenta-se uma diversidade de ônibus onde podia-se elencar o trajeto para as cidades vizinhas de Januária, Mirabela, São Francisco, Janaúba, Capitão Enéas, Bocaiúva e outras demais da nossa região. O Ensino Superior da Unimontes que havia tornando-se autarquia em 1990⁴ consolidava-se como fonte do tripé Ensino, Pesquisa e Extensão em todo o norte de Minas Gerais.

Ações técnicas e didáticas eram realizadas no curso de Licenciatura de Geografia, com trabalhos de campo, palestras e eventos no antigo prédio da FAFIL. Dessas parcerias, muitas delas eram realizadas com o Clube Excursionista de Montes Claros - CEMC (Clube de Montanhismo com

³ FAFIL- Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, onde em 1963 iniciou-se o Curso de Geografia, bem como o de História, Letras e Pedagogia, neste ano nas dependências do Colégio Imaculada Conceição.

⁴ Através da Constituição Estadual de 1989, a FUNM foi transformada na Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), instituída através do Decreto Estadual nº 30.971, de 09/03/1990. A efetiva integração da Unimontes como ente público (autarquia) ocorreu, no entanto, a partir de 01/08/1990, quando os servidores da extinta FUNM foram incorporados ao quadro pessoal do Estado. O primeiro estatuto da universidade foi aprovado através do Decreto Estadual nº 31.840, de 24/09/1990. Fonte: Site Unimontes nossa história. Disponível em: <<https://unimontes.br/apresentacao/historico/#1439451714158-bb294f91-8919>>. Acesso em Abril de 2024.

atividades de Defesa Civil) e do Espeleogrupo Peter Lund (Grupo de Espeleologia) que enfatizava a Geografia Física, em especial com temáticas sobre a Geomorfologia Cárstica, paisagem determinante no sítio urbano da cidade, área rural, municípios limítrofes e que se expande até o sul da Bahia.

A turma de 1992 apresentava uma divisão entre acadêmicos, alguns com experiência na docência que retornaram à Universidade para complemento e expansão de seus certificados e diplomas na licenciatura e outros iniciando seus estudos no ensino superior. As diferentes vivências ampliaram e aguçaram a capacidade e dinamismo da turma com trabalhos de campo⁵ - no meio rural e urbano; atividades de teatro; estágios nas escolas com temáticas ambientais - momento de confecção de cartilhas didáticas; eventos musicais com artistas da terra; ações voluntárias de dia de limpeza pelo campus; plantio de mudas nos estacionamentos; estratégia de uso de rifas para equipar os laboratórios e demais ações educativas de extensão.

As disciplinas de Petrologia, Petrografia, Biogeografia, Hidrografia, Geologia Geral, Climatologia e Cartografia possibilitaram a consolidação de uma excelente base para a compreensão das categorias envolvidas com a natureza e as relações humanas. As disciplinas de Geografia Regional; Geografia Mundial, Urbanização e Região juntamente com as disciplinas e temáticas didáticas possibilitaram reconhecer o ensino e aprendizagem. Os colegas das demais cidades faziam o elo entre suas experiências diárias e a interrelação e comparação com Montes Claros, fato importante que ampliava e potencializava a teoria e prática, bem como os fatos históricos relevantes dos Gerais.

A visita do professor Carlos Walter Porto Gonçalves (Universidade Federal Fluminense-UFF/Associação dos Geógrafos Brasileiros - AGB) ao CAA - Centro de Agricultura Alternativa, literalmente “abriu caminhos” estabelecendo novos contatos com geógrafos pelo país e principalmente no sentido de atualizar sobre os temas do debate nacional, em específico a Amazônia, os Seringueiros e o Desenvolvimentismo. O visitante atendeu um

⁵ No distrito Industrial; nas cavernas do Parque da Lapa Grande; em Santa Rosa de Lima (coleta de amostras de rochas para o laboratório); em Januária no Vale do Peruaçu e outros.

grupo de acadêmicos do curso e conversamos no escritório dos sindicatos – no bairro Vila Guilhermina, sede de vários sindicatos - lugar melhor não haveria, ambiente oportuno e propício naquele momento específico, pois a abertura democrática do país e a luta pelos direitos eram pautas relevantes, principalmente para a ciência Geográfica como vanguarda em seus debates. Carlos Walter nos apresentava a importância do CAA para a região como instituição, no momento de surgimento de muitas Organizações não-Governamentais - ONGs pelo país. O geógrafo produziu o texto, “História Ecológica no Sertão Mineiro e a Formação do Patrimônio Cultural Sertanejo” (2000, p.47-106) que foi editado na obra “Cerrado e Desenvolvimento - Tradição e Atualidade” em 2000. Retornou a Montes Claros no “4º Encontro/Feira dos Povos do Cerrado: Cuidadores do Território, da Cultura e da Biodiversidade” de 14 a 18 de setembro de 2005, evento que produziu o documento denominado ‘Carta de Montes Claros’. Na mesa de honra da abertura do XII ENANPEGE com o tema, “Geografia, Ciência e Política: do pensamento à ação da ação da ação ao pensamento”, em Porto Alegre, 2017, o próprio Carlos Walter mencionou sua estada em Montes Claros, referindo-se como um momento empírico pelo Sertão dos Gerais de Guimarães Rosa, onde degustou uma boa pinga norte mineira, tirando risadas da plateia.

Pelo país outros momentos de estruturação de várias comissões aconteceram, como foi o caso da consolidação da CNPCT - Comissão Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais - criada pelo Decreto de 13 de julho de 2006, para coordenar a implementação da Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais - PNPCT, via Decreto nº 6.040, de 7 de Fevereiro de 2007. Nessa comissão a presença do norte mineiro, Geraizeiro, Sr. Braulino Caetano dos Santos⁶, ambientalista de raiz, foi fundamental

⁶ Em 2019, a Unimontes concede ao Sr. Braulino o título “Doutor Honoris Causa” – com o reconhecimento de um saber que vem das comunidades, conforme menciona RODRIGUES, Luciene (2021). Fonte: Revista Verde Grande. Disponível em: <<https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/verdegrande>>. V.3 n.1. 2021. Acesso em Abril de 2024.

para visibilidade dos povos originários, comunidades tradicionais e a articulação política e ambiental entre eles.

A Associação Mineira dos Municípios da Sudene - AMANS, reconhecia-se como um espaço que agregava cultura, política, turismo, economia e empreendimento pelos 89 municípios do norte de Minas Gerais, bem como demonstrava aos governos estadual e federal as posições de vanguarda e iniciativas da região.

As revistas, Vínculo e Caderno Geográfico, relatavam e traziam a voz das pesquisas da universidade. De maneira historiográfica, muitos artigos eram publicados o que revelava as espacialidades regionais.

Com a chegada da seção local da AGB em Montes Claros, houve uma tentativa de aproximar o curso das demais universidades pelo país, ampliando o diálogo com docentes e discentes nas diversas esferas geográficas. O momento da posse do cargo contou com a presença do professor Wilian Rosa Alves da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG/AGB, representante atuante na esfera nacional, principalmente sob o olhar político da instituição, dentro e fora dos muros universitários.

Tendo acontecido em 1993 o XXII Congresso Brasileiro de Espeleologia - CBE contou com a estrutura da Universidade. A sede da Sociedade Brasileira de Espeleologia-SBE é transferida oficialmente para o congresso, nesse momento vários grupos de expressão estiveram debatendo o futuro da Espeleologia Brasileira, pois na Câmara e no Senado Federal a legislação ambiental revela-se pulsante com a teoria de que a Amazônia era o “pulmão do mundo” e a ECO-92⁷ "Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento - Cúpula da Terra" em junho deste ano, com a presença de mais de 180 estadistas no Rio de Janeiro-Brasil. Outras disciplinas e temas ambientais foram elevados à categoria de importância nacional e mundial, enriquecendo o ensino e a pesquisa geográfica no país.

⁷ Guitarrara, Paloma. "ECO-92"; *Brasil Escola*. Disponível em:< [https:// brasil escola. uol. com. br /geografia/eco-92.htm](https://brasil.escola.uol.com.br/geografia/eco-92.htm)>. Acesso em março de 2024.

Estava por acontecer em 1995, Havana-Cuba, o V Encontro de Geografia da América Latina - EGAL. Seria um sonho a saída de um estudante de Geografia ir em tal envergadura de evento. A presença de dois discentes⁸ e dois docentes⁹ representaram circunstancialmente a nossa Universidade. No evento houve a oportunidade de conhecer o professor Dr. Antônio Nunes Ximenes, o maior geógrafo cubano, que ladeou uma mesa com o brasileiro Milton Santos sobre a temática da Globalização.

Na universidade, o concurso de professores de 1995, proporcionou a estabilidade de vários docentes que de maneira estrutural passou a consolidar as relações epistêmicas e práticas tanto da Geografia Física quanto da Geografia Humana entre os objetos e sujeitos nas espacialidades e suas transformações no norte de Minas Gerais.

Memórias das Ações Ocorridas entre os anos de 1996 à 1998

De posse dos “canudos”, já licenciados em Geografia e com a vontade de todo iniciante, após várias tentativas de conseguir aula em Montes Claros ou áreas limítrofes, passamos a reconhecer nas cidades de Claro dos Poções - MG¹⁰ e de Grão Mogol - MG¹¹, espaços de vivências. A migração das “Minas para os Gerais” como uma experiência latente da licenciatura, das paisagens e culturas em dinâmicas, bem como familiares. A Escola Pública na práxis da docência ainda em formação configurou-se e consolidou como meio, instrumento e sujeito do processo ensino/aprendizagem para esse início na educação.

⁸ Rômulo Carvalho do Curso de Licenciatura em Geografia da Unimontes, na AGB de BH, e Cássio Alexandre da Silva.

⁹ A professora Maria Ivete Soares de Almeida e a Professora Aparecida Malta, ambas do curso de Licenciatura Plena em Geografia da FUNM\Unimontes.

¹⁰ Autora Ana Ivania Alves Fonseca, no distrito de Água Boa.

¹¹ Autor Cássio Alexandre da Silva, na sede municipal e no distrito de Barrocoão.

Em 1996, já na primeira Pós-Graduação *Latu Sensu* do Curso - Geografia Regional do Brasil e Minas Gerais - pode-se afirmar que representou a comunhão de um acordo de transferência de tecnologias sociais, educativas e de pesquisa com a UFMG. Em trabalhos de campo na disciplina de Geografia Física do professor Roberto Valadão, a confecção dos perfis topográficos, geológico e geomorfológico uniram as bases cartográficas da Professora Janine Le Sann. É importante destacar que a colega Romana de Fátima Cordeiro Leite produziu um artigo e o publicou na revista - Caderno Geográfico - volume 01 nº 03 em outubro de 1999, “Norte de Minas: estudo de campo realizado nos municípios de Francisco Sá, Montes Claros e Mirabela” juntamente com Maria Edna Pinheiro e Márcia Libreton.

Ainda sobre a pós, na Geografia Humana, destacava-se o professor Ailton Mota, que já havia produzido estudo sobre a urbanização e industrialização de Montes Claros e que posteriormente possibilitou a orientação do mestrado da Professora/colega Anete Marília Pereira, referenda com “Louvor Acadêmico” pela banca.

No início de 1998, a Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes, realizou uma seleção pública, momento em que foram aprovados vários docentes em diversas áreas do conhecimento como na Geografia Física, na Biogeografia e na Geomorfologia.

Memórias das Ações Ocorridas entre os Anos de 1998 até 2002

Iniciamos na docência do Ensino Superior com a sede e a vontade de atuação, e ministrando aulas tanto da Geografia Física quanto das Humanas¹².

Em Presidente Prudente - SP na I Jornada Brasileira de Biogeografia (1998), evento que contou com as presenças de Helmut Troppmair, autor da obra *Biogeografia e Meio Ambiente* (1995); Adler Guilherme Viadanna -

¹² Ana Ivania Alves Fonseca na Geografia Agrária e Cássio Alexandre da Silva na Geomorfologia e na Biogeografia.

UNESP - Rio Claro - SP ministrando o curso de “Marxismo e Darwinismo” e de Messias Modesto dos Passos - UNESP -Presidente Prudente lançando a obra “Biogeografia e Paisagem: um estudo integrado”, um marco para a Biogeografia brasileira que apresentava poucas fontes literárias da temática. Nesse evento o diálogo com acadêmicos da Geografia, tanto bacharéis quanto licenciados, ambos agebeanos locais, ampliou a concepção política da importância da AGB nas universidades, inclusive com a doação de revistas da AGB.

Ainda em 1998, ano do XI Encontro Nacional de Geógrafos - ABG - “A Geografia Brasileira e as Transformações o Trabalho e no espaço”, tivemos dois¹³ trabalhos reconhecidos e publicados no Caderno de Resumo - Volume II. Com a temática, “A GEOGRAFIA NORTE MINEIRA, SUAS TENDÊNCIAS E PERSPECTIVAS”, tendo em destaque as palavras-chave, - Universidade, Pesquisa, Integração e Alternativas - o resumo apresentado faz uma síntese do curso de Geografia em Licenciatura.

O Norte de Minas apresenta uma única Universidade que objetiva a integração social, econômica, cultural, política, filosófica e ambiental da população. Nesse contexto o Curso de Geografia representa, em primeira instância, tendências e perspectivas no trinômio “pesquisa-ensino-extensão”. A Pesquisa técnico-científica ainda pouco explorada, exige ênfase na metodologia científica, didática, estudo laboratorial e de campo, além das relações humanas Professor- Aluno diante da filosofia pesquisadora. Criar Bacharelado em Geografia não seria a única forma de levar o aluno a pesquisa, pois mesmo em Licenciatura a produção científica pode ser trabalhada. O Ensino de Licenciatura vem ampliando a criatividade, e qualidade diante do discurso crítico da Geografia, porém ainda formando uma clientela de perfil heterogêneo, o que pouco facilita o dinamismo esperado pela

¹³ O trabalho da Professora Anete Marília Pereira intitulado, “O Globo - O Nacional e o Local- e a questão ambiental (1998, p. 36) e o do autor Cássio Alexandre da Silva (1998, p.48) já citado no texto.

sociedade. A Extensão, atualmente com uma unidade no município de Pirapora-MG, vem ampliando o trinômio. A Universidade atinge uma área territorial que abrange 131 municípios o que equivale à 30% do território mineiro. Na busca de novas tendências e perspectivas, faz-se uma análise construtiva do Curso de Licenciatura em Geografia da UNIMONTES - Universidade Estadual de Montes Claros, que vem capacitando o seu corpo docente com Mestres e Doutores. Partindo da análise que a Educação Brasileira vem dia-a-dia criando alternativas, confirma-se a necessidade do aprimoramento Acadêmico. (Silva, 1998, p.48).

O principal relato memorial desse evento em Vitória da Conquista-BA, foi a presença de Milton Santos que debateu sobre a Globalização, deixando a todos maravilhados pela concisão de fala e sua análise de discurso.

No *“XII Encontro Nacional de Geógrafos - Os outros 500 anos na formação do território brasileiro”* de 16 a 23 de julho de 2000, na capital Florianópolis - SC, mesmo sem nenhuma produção acadêmica foi uma oportunidade de poder estar presente diante da realidade dos mais elevados pesquisadores da época. Uma excursão de acadêmicos e professores possibilitou, além da participação no evento a oportunidade pela segunda vez de ver e ouvir Milton Santos que lotou mais uma vez uma plenária. O contato direto com a professora Dirce Suertegaray (Universidade Federal do Rio Grande do Sul-UFRGS\AGB) e Carlos Augusto Figueiredo Monteiro - Universidade de São Paulo-USP, que juntos realizaram o curso de Geografia Física e Meio Ambiente, que possibilitou uma avaliação preliminar dos nossos trabalhos regionais em comparação com os demais apresentados no momento. Um *“tour”* pelo sul do país, passando por várias localidades como, em Gramado - RS; Balneário Camboriú - SC; Beto Carreiro World - Penha - SC; Blumenau - SC, na Fábrica da Hering e de Cristais. De maneira marcante trazemos a memória da descida da Serra de Petrópolis para o litoral fluminense, próximo ao Rio Janeiro, experienciamos o uso do equipamento denominado de barômetro, onde registramos dados

das diferenças de pressão atmosférica entre a máxima e mínima, sendo esse momento uma aula prática no interior do ônibus.

Outros Decênios - 2003 a 2023

Nesse marco temporal, a nossa Geografia da Licenciatura aprimorou-se com efetivação de novos concursos públicos, presença de novos docentes com experiências em outras instituições e a consolidação das áreas de atuação e referências da Geografia Física e Humana, em Montes Claros e Pirapora-MG.

Mais uma vez o curso de Geografia da Unimontes apoiou a Sociedade Brasileira de Espeleologia-SBE em dois outros grandes eventos, o 27º Congresso Brasileiro de Espeleologia - CBE (2003) em Januária-MG, local de campi da Universidade com acesso direto às comunidades da região que vivem nas vizinhanças do Parque Nacional Cavernas do Peruaçu. Em 2009 no 30º Congresso Brasileiro de Espeleologia - CBE (2009), esse mesmo evento aconteceu interligando a Sociedade Brasileira de Espeleologia-SBE e a *Federación Espeleológica de América Latina y del Caribe*- FEALC sendo representada pelo presidente , Efraim Mercado, portoriquenho que fazia parte da União Internacional de Espeleologia - UIS, colocando assim Montes Claros em evidência mundial, em especial com a identificação e divulgação das maiores pérolas de Cavernas do Mundo na cavidade da Lapa D'água. Essa cavidade natural subterrânea está hoje no território do Parque Estadual da Lapa Grande - Unidade de Conservação de Proteção Integrada, criado em 2006, sob a gestão do Instituto Estadual de Floresta - IEF-MG.

Especializações *Latu Sensu* foram realizadas até conquista do mestrado do Programa de Pós-Graduação em Geografia - PPGeo, que completa 10 anos comemorativos, agora em 2024. Todas essas realizações fortaleceram a pesquisa, ensino e extensão da Geografia na Unimontes.

Alguns eventos que participamos serão citados nesse período de um quarto secular:

- 2002, ONU - Habitat V - Rio de Janeiro - RJ;

- 2004, VI Congresso Brasileiro de Geógrafos, AGB / UFG, Goiânia-GO;
- 2008, XV Encontro Nacional de Geógrafos - ENG - O Espaço não para por uma AGB em Movimento, São Paulo - SP;
- 2008, Colóquio Internacional (Des) envolvimento contra a pobreza: mediações teóricas, técnicas e políticas, com duas produções: “(Des)mitificando a ‘lógica’ do desenvolvimento; - “Uma reflexão sobre os índios Xakriabá de São João das Missões-MG” -, solo e “Desenvolvimento Social no Sertão dos Gerais: uma reflexão sobre transformação regional a partir das redes de base local” com o colega Hebert Canela Salgado, Montes Claros - Unimontes;
- 2009, XII ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA - EGAL - em Montevidéu, Uruguai;
- 2009, II Colóquio Internacional PPGDS - Globalização da Pobreza - pobreza da Globalização: Experiências Inovadoras e Perspectivas de Mudança, Lisboa - Sesimbra - Portugal;
- 2010, II Congresso em Desenvolvimento Social e II Seminário Norte - Mineiro de Ensino e Pesquisa em História da Educação - Desenvolvimento e Educação em uma Perspectiva Histórica, apresentando, - “Trabalho de campos nas terras indígenas Xakriabá: a cultura da resistência”- ; Montes Claros - MG\ Unimontes;
- 2010, Colóquio Internacional - Recursos na luta contra a pobreza: entre controle societal e reconhecimento social - “Xakriabá: modos de apropriação dos recursos institucionais”- Montes Claros-MG\Unimontes;
- 2010; XVI Encontro Nacional dos Geógrafos - ENG -Crise, Práxis e Autonomia: Espaços de Resistências e de Esperança - “Território, análise de poder: estudo de caso dos Xakriabá no norte de Minas Gerais”, Porto Alegre - RS;
- 2011, XII SIMPURB - Simpósio Nacional de Geografia Urbana - Belo Horizonte-MG. Com o trabalho: - “De espaço Público a Território Vivo: Análise da Avenida Deputado Esteves Rodrigues em Montes Claros - MG”; Unimontes, Montes Claros - MG;

- 2012, III Congresso em Desenvolvimento social (Des)igualdades Sociais e Desenvolvimento; com o trabalho: -“Territori”ar” nas relações Geográficas: os Xakriabá” - Montes Claros-MG\Unimontes;
- 2012, VI Seminário de Literatura Brasileira - Minas e o modernismo: memórias, subjetividades e ruínas. - “Análises do espaço geográfico em “O homem e a montanha” de João Camillo de Oliveira Torres” - Montes Claros - MG, Unimontes;
- 2012, XVII Encontro Nacional de Geógrafos: Entre escalas, poderes, ações, Geografias- ABG - UFMG - “Abordagens do Território: Ação “Territori’ar’ dos Xakriabá” - Belo Horizonte - MG;
- 2014, IV Congresso em Desenvolvimento Social: Mobilidades e Desenvolvimento - Terra Indígena e Unidades de Conservação: considerações sobre o território Xakriabá, no norte de Minas Gerais - Montes Claros - MG, Unimontes;
- 2016, IV Colóquio Internacional Povos e Comunidades Tradicionais – Estado, Capital e Territórios Tradicionais: dinâmicas Territoriais em Disputa.
- “Inventário Cultural de Proteção do Rio São Francisco-fontes para pesquisa das referências culturais”, com base no projeto do curso de História com os colegas, Carla Cristina Barbosa; Cesar Henrique de Queiroz Porto; Denilson Meireles Barbosa e Luis Gustavo Molinari Mundim; Montes Claros-MG\Unimontes;
- 2016, V Congresso em Desenvolvimento Social - Estado, Meio Ambiente e Desenvolvimento, com a produção, “A “utopia” dos princípios da política indigenista brasileira versus a ‘distopia’ da PEC-215” - Montes Claros-MG\Unimontes;
- 2017, VI Encontro do REA - Rede de Estudos Agrários - Pelotas - RS;
- 2017, XII ENANPEGE com o tema, “Geografia, Ciência e Política: do pensamento à ação da ação da ação ao pensamento”, UFRGS em Porto Alegre, - RS;
- 2018, XIX Encontro Nacional de Geógrafos - ENG - Pensar e fazer a Geografia Brasileira no Século XIX: escalas, conflitos socioespaciais e crise na nova Geopolítica Mundial, João Pessoa - PB;

- 2019, XII Encontro Regional de Geografia e VI Colóquio Cidade e Região - Pensar e fazer a Geografia Regional na Contemporaneidade Montes Claros - MG;
- 2019, VI Colóquio Internacional Povos e Comunidades Tradicionais, com o tema “Direitos e Bem Viver”. Organizado pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social da Universidade Estadual de Montes Claros – PPGDS/UNIMONTES;
- 2019, XIII ENANPEGE. O tema do evento é "A Geografia Brasileira na Ciência-Mundo: produção, circulação e apropriação do conhecimento". Momento de reunião e encontro do REA-Rede de Estudos Agrários, que inclui o nosso laboratório NEPGer da Unimontes, São Paulo - SP ;
- 2019, III Simpósio Internacional de Geografia Política e Territórios Transfronteiriços- GEOTRANS & V Simpósio Nacional de Geografia Política, Território e Poder- GEOSIMPOSIO, Alfenas-MG;
- 2020, XX ENG - AGB - Brasil-periferia: A Geografia para resistir e a AGB para construir São Paulo - SP;
- assim como outros vários eventos que possibilitaram a consolidação e formação do curso, como das disciplinas em questão.

Momento Pandêmico, um Salto na História, Ciência em Xequê(...)

A tela dos computadores via *internet* passaram sobremaneira a constituírem valor fundamental em nossas vidas, principalmente no momento em que a ciência e suas “verdades” foram atacadas por um negacionismo sem precedentes. As aulas, eventos, seminários passaram a serem apresentadas de maneira remota - *on-line/lives* e demais instrumentos de comunicação para ampliar e sustentar o debate e diálogo da nossa ciência geográfica. Em 2021, o XIV Encontro Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia (XIV ENANPEGE virtual), o tema central foi “A Geografia que fala ao Brasil: ciência geográfica na pandemia ultraliberal”, acontece bem como dezenas de outros em todo o país e mundo.

Após o momento pandêmico, reestabelece-se o diálogo de aproximação e os eventos presenciais retornam com os devidos cuidados contra o COVID-19. Em 2023, Palmas - TO - XV Encontro Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia - Geografias da Esperança: Revisitar o Brasil, dialogar com o Mundo.

Os demais colegas docentes e seus orientandos, ampliaram e ofereceram mais subsídios para os estudos especializados em seus laboratórios em específico. Com o fomento de vários projetos as bolsas ampliaram, o que possibilitou a presença em vários eventos, grupos de estudos e ações por todo o Brasil e exterior (Rede de Pesquisadores sobre Cidades Médias - RECIME; Rede de Estudos Agrários -REA) e com várias outras instituições.

A consolidação do FEPEG - Fórum, Ensino, Pesquisa, Extensão e Gestão da Unimontes, em várias edições que acontecem anualmente, passa a ter o caráter internacional denominado de I Congresso Internacional de Educação e Inovação da Unimontes em 2023.

A nossa proposta para o doutoramento vem aglutinando esforços dos docentes e parceiros institucionais dentro e fora dos muros universitários, sendo um sonho esperado para nossa realidade.

O esforço em “romper” essa dicotomia é dada a partir do Ensino, que participamos com o “Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID” (desde 2007 até 2024). Essas várias edições deixaram nitidamente expressiva que o processo ensino-aprendizagem fortalece as várias áreas do conhecimento geográfico, além de aproximar da realidade, e das “experiências do mundo vivido”, como diria Anne Buttmer (1985, p. 165-193).

Em dezembro de 2023, em Santiago de Compostela-Espanha, na Universidade de Santiago de Compostela junto ANTE - Grupo de Investigación de Análises Territorial em Santiago de Compostela-Espanha, tivemos a oportunidade de proferir a palestra, *“CARTOGRAFIA'S' e suas REPRESENTES': Povos e Comunidades Tradicionais no Norte de Minas Gerais-Brasil”* e realizamos reuniões com geógrafos locais, cambiando informações técnico-científicas. Em Salamanca, levantamos dados da

obra e vida da brasileira Dr^a Maria Geralda de Almeida (*in memorian*) que estabeleceu relações com a Geografia espanhola.

Esses espaços que ocupamos ao longo desse tempo, revelam e consolidam a Geografia praticada na Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes em seu aniversário de 60 anos e possibilita ampliar novos “sonhos” para alcançar diversos espaços inovadores que indicam sujeitos e suas histórias, locais e regionais.

Referências

BUTTNER, A. Apreendendo o Dinamismo do Mundo Vivido. In: CHRISTOFOLETTI, A. *Perspectivas da Geografia*. 2.ed. São Paulo: DIFEL, 1985. p.165-193.

CAPEL, H. Geografia Humana y Ciencias Sociales: uma perspectiva histórica. Montesinos Editor – Biblioteca de Divulgación Temática/38- Barcelona, Espanha, 1984.

LE GOFF, J. *História e Memória* - Tradução Irene Ferreira; Bernardo Leitão; Suzana Ferreira Borges. 5. ed. – Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2003.
RICOEUR, P. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução Alain François [et al.] - Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2007.

SALES, A. L.P. Conceitos de Geografia de Kant: e sua relação com o pensamento geográfico recente. *Revista OKARA: Geografia em debate*, v.7, n.1, p. 186-188, 2013. ISSN 1982-3878. João Pessoa, PB, DGEOC/CCEN/UFPB-Site: Disponível em: <<http://www.okara.ufpb.br>>. Acessado em 07/03/2024.

SILVA, C. A. da. A Geografia norte mineira, suas tendências e perspectivas. *XI Encontro Nacional de Geógrafos - ABG - “A Geografia Brasileira e as Transformações o Trabalho e no espaço* - Caderno de Resumo - Volume II, 1998.p.48.

TROPMAIR, H. *Biogeografia e Meio Ambiente*. 4. Ed. Rio Claro: Graff Set, 1995. V. 1. 260p.

EDUCAÇÃO E PANDEMIA: ESTRATÉGIAS E DESAFIOS FRENTE AO ENSINO DE GEOGRAFIA DURANTE A COVID-19

Ricardo Henrique Palhares

Introdução

Os dois primeiros anos da década de 2020 serão lembrados como os mais desafiadores e impactantes da humanidade. Os efeitos da pandemia da COVID-19 variaram amplamente, incluindo impactos diretos na vida das pessoas, acarretando milhões de mortes, reflexos negativos na economia e nos empregos devido ao distanciamento imposto, bem como efeitos indiretos, como a perda de aprendizagem no ensino dos alunos. Este, por conseguinte, foi um dos setores mais afetados pela pandemia, necessitando de uma emergente reformulação no seu planejamento, visando a segurança de alunos, professores, e demais profissionais nas instituições de ensino de todo o país.

Dentro desse cenário, é importante salientar que muito pouco se fez para diminuir o avanço da doença. Algumas situações como: interesses partidários, minimização da ameaça do vírus, medicamentos ineficazes e potencialmente perigosos para tratar a doença, atrasos para a compra de vacinas, desencontros sobre a importância do uso de máscaras, a não obediência em relação ao isolamento social e aglomerações por parte da população levaram ao colapso socioeconômico do país.

O Brasil configurou entre os países mais afetados pela pandemia da COVID-19¹. Entre março de 2020 a março de 2021, o país alcançou a marca de pouco mais de 15 milhões de casos confirmados e mais de 400 mil mortes pela covid-19. A distribuição dos casos ocorreram em maior número na região Sudeste (5,6 milhões), sendo São Paulo (2,9 milhões) e

¹ Dados disponibilizados pelo Ministério da Saúde através do Painel Coronavírus. Dados de 26 março de 2021. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em 15/04/2024.

Minas Gerais (1,4 milhão) os estados com maior número de casos confirmados. O estado de Minas Gerais, no fim de março de 2021, já havia registrado pouco mais de 35 mil mortes, ou seja, são 108,1 mortes para cada 100 mil habitantes (SES, 2021).

Diante desse cenário crítico e desafiador, o setor de educação, seguindo as orientações da Organização Mundial de Saúde – OMS, recomendou o ensino emergencial a distância na educação.

O Ministério da Saúde editou a Portaria nº 188, de 3 de fevereiro de 2020, publicada no Diário Oficial da União (DOU), em 4 de fevereiro de 2020, declarando Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional, em razão da infecção humana pelo novo Corona vírus (COVID-19) (MEC, 2020, p.32).

Após a publicação da Portaria n.188/2020 pelo DOU, estados e municípios editaram decretos e outros instrumentos legais e normativos para o enfrentamento da emergência de saúde pública, principalmente a suspensão das atividades escolares.

Por meio da Portaria nº 343, de 17 de março de 2020, o Ministério da Educação (MEC) se manifestou sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais, enquanto durar a situação de pandemia da COVID-19, para instituição de educação superior integrante do sistema federal de ensino (Ministério da Educação, 2020, p.32).

Posteriormente, o Conselho Nacional de Educação (CNE) acrescentou as Portarias 345/2020 e 356/2020, visando atender aos demais sistemas e redes de ensino, de todos os níveis, etapas e modalidades, considerando a necessidade de reorganizar as atividades acadêmicas por conta de ações preventivas à propagação da covid-19. Estados e municípios, diante do cenário preocupante, emitiram também diversas

resoluções e pareceres visando orientar as instituições de ensino pertencentes aos seus respectivos sistemas sobre a reorganização do calendário escolar e uso de atividades não presenciais, implementando o ensino remoto.

O ensino a distância ou ensino remoto, atrelado às tecnologias de redes sociais, tornou-se uma importante ferramenta de auxílio para o sistema educacional e para metodologias de ensino no cenário pandêmico. Aqui cabe um parêntese, pois muitos cursos técnicos ou superiores no país já faziam uso de tais tecnologias. Os cursos na modalidade de Ensino a distância - EaD consistem na modalidade educacional na qual docentes e discentes estão separados, física ou temporalmente e, por isso, faz-se necessária a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação. Assim, a comunidade educacional de cursos superiores não enquadrados nessa modalidade, ou seja, exclusivamente presenciais, tiveram que buscar meios e possibilidades de adaptação que permitissem a continuidade do processo de ensino-aprendizagem.

A cidade de Montes Claros-MG, situada na mesorregião Norte de Minas Gerais, é considerada um polo universitário regional, com três instituições públicas de ensino superior: o Instituto Federal do Norte de Minas Gerais - IFNMG Campus Montes Claros, a Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, por meio do Instituto de Ciências Agrárias, e a Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES, Campus Sede²; além de diversas faculdades privadas que oferecem cursos nas mais diversas áreas.

A Unimontes é uma autarquia de regime especial do estado de Minas Gerais, criada em 24 de maio de 1962, abrangendo uma área superior a 196.000 km², correspondendo a uma área total de 40% do estado de

² A Universidade, além do *campus* sede em Montes Claros-MG, reforça suas atividades nos *campi* de Almenara, Bocaiúva, Brasília de Minas, Espinosa, Janaúba, Januária, Paracatu/Unaí, Pirapora, Salinas e São Francisco. As ações também são incrementadas nos núcleos de Joáima e Pompéu (UNIMONTES, 2024. Disponível em <https://unimontes.br/apresentacao/>).

Minas Gerais, incluindo as regiões Norte e Noroeste de Minas e os Vales do Jequitinhonha e do Mucuri. Alcança 342 municípios e atende potencialmente uma população que ultrapassa dois milhões de habitantes. Atualmente, a universidade possui uma comunidade discente de pouco mais de 11,4 mil alunos, distribuídos de acordo com a Tabela 1.

Tabela 1 – Número de discentes por cursos na UNIMONTES - 2023

Cursos de graduação presenciais	9.000
Graduação à distância	1.022
Pós-Graduação Stricto sensu	766
Pós-Graduação Latu sensu	445
Técnico-profissionalizantes - Pronatec	180

Fonte: Unimontes, 2023.

Apesar de demonstrar a educação a distância como um dos destaques da Universidade, fortalecida pelo programa da Universidade Aberta do Brasil (UAB), desenvolvido em parceria com o Ministério da Educação, a maioria dos discentes (9.000) estão concentrados nos cursos de graduação presenciais. Não obstante, inúmeros desafios foram enfrentados pela comunidade acadêmica, muitos professores e alunos estavam desconectados do ambiente virtual. Segundo Kenski (2004, p.67), essa realidade precisa ser resgatada por novas linguagens, que os representem e os identifiquem para todos os demais.

Em março de 2020, o curso de Geografia (Bacharelado e Licenciatura), assim como os demais cursos da Unimontes foram comunicados e orientados a respeito das aulas a distância e sobre a necessidade do isolamento social como forma de evitar o contágio pelo vírus. Tal iniciativa rápida, mas necessária, acabou trazendo muitos desafios para professores, que, sem tempo para organização e planejamento de suas aulas, se viram perdidos em relação a como elaborar e colocar na prática os conteúdos individuais de suas disciplinas.

Soma-se ao fato, a dificuldade enfrentada por muitos docentes em relação ao uso de tecnologias (aulas digitais), visto que, muitos não sabiam

utilizar plataformas de comunicação e vídeos (Ex.: Google Meet, Zoom, Youtube, Teams, Skype, *Whatsapp*, etc.), ou mesmo, a prática de preparar suas aulas em Office *Powerpoint* ou qualquer outro software de apresentação de textos e/ou imagens. Muitos professores tiveram que se capacitar para que os alunos não saíssem prejudicados, e estes por sua vez, também tiveram que se adaptar frente ao “novo normal”. Sobre este termo, Cordeiro (2020) afirma que, assim como reaprender a dirigir ou reaprender a escrever, reaprender a ensinar torna-se um novo desafio, notadamente, quando voltado a ministrar aulas com novas tecnologias.

Em relação aos debates sobre o “novo normal”, Schirato (2020) complementa:

O novo normal, na verdade, seria a proposta de um novo padrão que possa garantir nossa sobrevivência. Temos ainda algum tempo, não há como prever exatamente quanto, de termos que apostar em um novo modelo de vida. E também descobrimos algumas vantagens desse novo modelo. Temos alternativa de *home office*, atualmente, e estamos vendo que funciona – descobrimos que é possível e econômico. Percebemos que não precisamos percorrer grandes distâncias ou enfrentar chuvas torrenciais para fazermos reuniões. Continuamos em casa e fazemos nossa própria comida. O trânsito é menor e temos menos poluição (Schirato, 2020, p.2).

A nova realidade do ensino remoto trouxe mudanças na vida de alunos e professores. E dependendo da forma que são encaradas, essas mudanças podem adquirir uma conotação de trauma ou insegurança. Muitos professores e alunos devem ter se perguntado: será que serei incluído? Estarei apto a ensinar ou aprender nesse novo formato? O medo da exclusão é inerente ao novo, ao não conhecido, ao não praticado.

O ensino remoto na Geografia: experiências e desafios

Neste tópico, tentarei expor em primeira pessoa um pouco das experiências, bem como os desafios enfrentados, como professor no uso do ensino remoto de Geografia durante o período pandêmico. É importante antes destacar, que a universidade é um espaço que reúne um conjunto de pessoas ou grupos em relações recíprocas. Nesse sentido, reforço a importância das atividades presenciais para a fluidez e sucesso do processo ensino-aprendizagem.

Em 11 de março de 2020, a COVID-19 foi declarada pela OMS como uma pandemia em todo o Brasil. E seguindo as regulamentações de segurança impostas pelos referidos órgãos de saúde federais, estaduais e municipais, a Unimontes iniciou a transição para as aulas on-line em todas as suas unidades de ensino. Enquanto professor do 1º período do curso de Geografia (bacharelado e licenciatura), os desafios tornavam-se ainda maiores. Primeiro porque tivemos que nos conhecermos através de uma tela de computador. O primeiro contato à distância do aluno com a universidade, com o curso, a disciplina, o professor e os colegas. Muitos ainda aprendendo a utilizar as novas ferramentas, seja por computadores, ou na falta deles, através dos celulares. A facilidade de aproximar pessoas em vários lugares distintos propiciou ao mesmo tempo uma dificuldade. A socialização em sala de aula, relação natural professor/aluno naquele momento, foi substituída pelas câmeras mantidas fechadas, uma parte talvez pela inibição, ou por estratégias individuais para pouca participação nas aulas. Soma-se ao fato questões como espaços inadequados para acompanhar as aulas, problemas de iluminação ou barulhos familiares no ambiente doméstico, e/ou dificuldades de acesso à internet.

Um segundo desafio enfrentado estava relacionado às dificuldades de assimilação do conteúdo, muitas vezes, tido como complicado por parte dos alunos, como da Cartografia e Sistema de Informações Geográficas – SIG. O plano de ensino das disciplinas ministradas possui uma carga horária de 72 horas, sendo dividida em teórica e prática. Esta última, sendo

bastante prejudicada, devido à impossibilidade de acesso aos laboratórios da universidade, ou acompanhamento presencial de algumas atividades, como trabalho de campo. A disciplina de SIG, por exemplo, é ministrada no laboratório de geoprocessamento do curso de Geografia, espaço dotado por computadores e softwares específicos com rede de internet. Além da dificuldade de acesso a esses recursos por parte de alguns alunos, o acesso à internet de qualidade era uma barreira a ser superada. Sobre isso, Costa (2020, p.5) acrescenta:

Os ensinos remoto e híbrido tiveram seus lados positivos, uma vez que permitiram interações salutares, ainda que com uma frequência bem abaixo do esperado na esfera pública. Questões colaboraram para a pouca adesão dos estudantes e pouca aprendizagem: acesso deficitário a um computador ou celular de qualidade para acompanhamento das aulas e atividades, problemas de conexão à internet, bem como problemas de acompanhamento de estudo pela família (Costa, 2020, p.5).

Uma estratégia para driblar a situação adotada foi a utilização de softwares livres, de modo que os alunos conseguissem ter acesso gratuito aos programas e liberdade para o acesso sem a necessidade de licença. Os que não possuíam o equipamento, utilizavam de algum amigo ou parente. As aulas eram gravadas (semelhante a um tutorial) com o passo a passo da atividade ministrada, e disponibilizada em ambiente virtual (Google Drive) para posterior acesso, ou mesmo para que os alunos ausentes no dia da atividade pudessem acompanhar posteriormente, não ficando assim prejudicados.

As mesmas estratégias foram adotadas para os acadêmicos da Pós-Graduação em Geografia. Devido ao fato de as turmas serem tradicionalmente menores em número de alunos, a interação acabava sendo mais tranquila e as aulas mais produtivas. Entretanto, um ponto em

comum entre todas as turmas, destaco o cansaço, visto que as aulas no sistema remoto tendem a ser menos fluidas e interativas do que as ministradas em sala de aula, tornando, em boa parte das vezes, entediantes. O aluno quando se vê parado em frente a uma tela de computador, sozinho, sem algo que o estimule durante toda a aula, tende a dispersar-se com maior facilidade, perdendo a concentração e o estímulo para o conteúdo. Estratégias como indagações constantes, perguntas direcionadas para alunos pouco participativos, ou intervalos de descanso maiores minimizavam a nova rotina.

O desinteresse, o esgotamento, a falta de estímulo e de socialização, ou mesmo o trancamento ou abandono do próprio curso foram os obstáculos mais enfrentados durante praticamente os dois anos do distanciamento pela covid-19. É importante salientar que os impactos da pandemia nas atividades acadêmicas agravaram também a saúde mental de muitos estudantes.

Um estudo desenvolvido pelo Instituto Oswaldo Cruz (IOC/Fiocruz) relata que boa parte dos alunos no Brasil, durante o período da pandemia, foram diagnosticados com ansiedade generalizada, depressão, principalmente durante o primeiro ano, dificuldades para dormir e crises de ansiedade, além de quase 80% relatarem falta de motivação e problemas de concentração (Corrêa, *et al.*, 2022).

Nesse sentido, os critérios avaliativos foram outro ponto que sofreram mudanças, tendo em vista a necessidade de flexibilizá-los, devido às dificuldades de acompanhamento presencial, monitorias, envio das atividades etc. e, principalmente, devido aos quadros de saúde mental relatados. Muitos alunos, por exemplo, retornaram para suas cidades de origem, casas de familiares ou sítios nas zonas rurais, tendo em vista as atividades na universidade e de emprego estarem paralisadas; ou mesmo por medo de contágio propriamente, visto que, a maioria dos casos e/ou mortes pela covid-19 concentraram-se inicialmente nos grandes centros urbanos, ou lugares com grande concentração de pessoas.

É oportuno destacar que todas as estratégias de flexibilização adotadas foram tentativas de incluir todos os discentes nesse novo normal

da educação, visando minimizar a falta de compasso que a pandemia da covid-19 acarretou. Por mais distintos que sejam os métodos utilizados, a aprendizagem é constante e tende a ser adaptável a situações diferentes. Esse deve ser o papel do professor, ser responsável, agente de mudanças e de inovação frente às distintas circunstâncias no processo de ensino-aprendizagem.

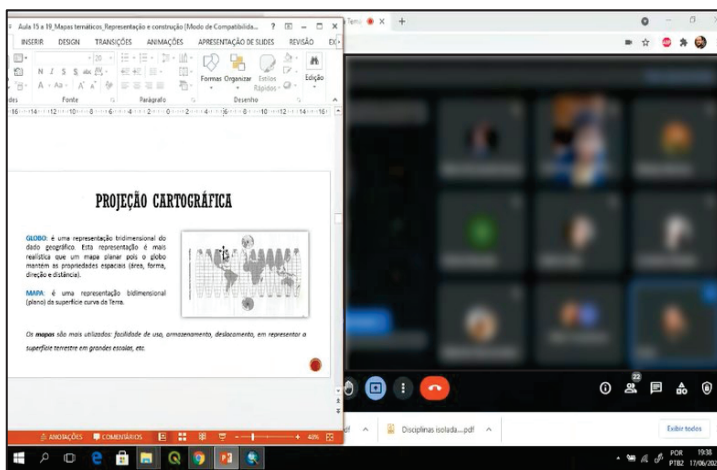
Considerações finais

A pandemia da covid-19 trouxe inúmeros impactos na vida de todos. Após 4 anos do ocorrido, estamos ainda tentando suprir as lacunas deixadas na aprendizagem de nossos alunos, seja remotamente, de forma híbrida ou presencial. Ambos, professores e alunos vivenciaram desafios e incertezas, principalmente em relação à continuidade de um ensino-aprendizagem de qualidade, adaptação ao novo ritmo de trabalho, organização e planejamento em relação às novas tecnologias de ensino.

Os resultados demonstraram que os alunos que permaneceram mais tempo no ensino remoto durante a pandemia, sem interação com professores e colegas, tiveram um ritmo mais lento de aprendizado. Nesse caso, incluímos nessa estatística os acadêmicos do curso de Geografia que ingressaram na universidade em 2020 e 2021.

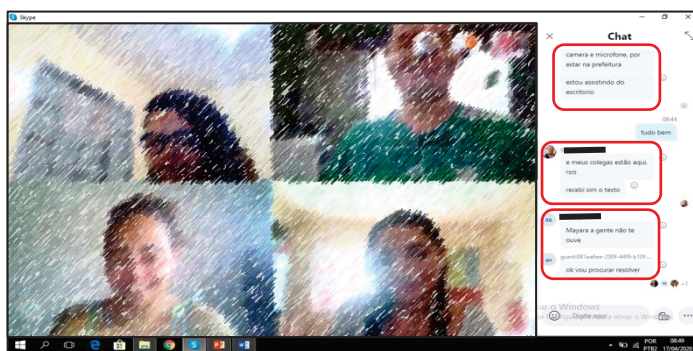
No entanto, em meio a tantas dificuldades, algo de positivo que levamos adiante são as novas estratégias incorporadas e que passaram a fazer parte da formação continuada de muitos professores, associadas às ferramentas digitais que tornaram ainda mais eficazes o ensino-aprendizagem, tornando-o mais resiliente, satisfatório e igualitário.

Figura 1: Aula ministrada via plataforma Google Meet. Curso Geografia Licenciatura – Unimontes. Disciplina: Cartografia Temática. Turma: 2º período. Data: jun.2021. Fonte: o autor (2021)



Fonte: O autor, 2024

Figura 2: Aula ministrada via plataforma Skype. Data: abr.2020. Turma de Pós-Graduação em Geografia – PPGeo/ Unimontes. Disciplina: Espaço, Cultura e Religião. Data: abr. 2020. Fonte: o autor (2020). Obs: nas figuras podemos perceber algumas das dificuldades enfrentadas durante as aulas online, como câmeras fechadas, alunos em locais de trabalho e falhas de comunicação (equipamento/internet)



Fonte: O autor, 2024.

Referências

CORDEIRO, K. M. de A. *O Impacto da Pandemia na Educação: A Utilização da Tecnologia como Ferramenta de Ensino*. São Paulo, 2020. Disponível em: <http://repositorio.idaam.edu.br/jspui/handle/prefix/1157>. Acesso em: 30 mar. 2024.

CORRÊA, R. P. As percepções de estudantes de pós-graduação brasileiros sobre o impacto da covid-19 em seu bem-estar e desempenho acadêmico. *Revista Internacional de Pesquisa Educacional Aberta*. Rio de Janeiro, v.3, 2022.

COSTA, F. E. N. Relato de experiência com os alunos durante a pandemia da covid-19. Fortaleza-CE. Disponível em: <https://meuartigo.brasile escola.uol.com.br/educacao/relato-de-experiencia-com-os-alunos-durante-a-pandemia-da-covid-19.htm>. Acesso em 26 mar. 2024.

KENSKI, V. M. *Tecnologias e ensino presencial e a distância*. 6ª ed. São Paulo: Papirus, 2004.

SEE/MG. (2020-21). Coronavírus. *Boletim Epidemiológico*. Minas Gerais, mar. 2020 a mar. 2021. Disponível em: <https://coronavirus.saude.mg.gov.br/boletim>. Acessado em: 31 mar. 2021.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Conselho Nacional de Educação (2020). *Reorganização do Calendário Escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais*. Relatório parecer homologado parcialmente CF. Despacho do Ministro, publicado no D.O.U. de 1º/6/2020, Seção 1, p. 32. Ver Parecer CNE/CP nº 9/2020. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=145011-pcp005-20&category_slug=marco-2020-pdf&Itemid=30192. Acesso em 10 mar. 2024.

SCHIRATO, M. A. Novo normal: entenda melhor esse conceito e seu impacto em nossas vidas. *Revista Insper*, São Paulo, 2020.

Universidade Estadual de Montes Claros. *Sobre a Unimontes*, 2023.

Disponível em: <https://unimontes.br/apresentacao/>. Acesso em: 30 de mar. de 2024.

EXPERIÊNCIAS COM A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NO CURSO DE GEOGRAFIA DA UNIMONTES

Romana de Fátima Cordeiro Leite
Rachel Inêz Castro de Oliveira
Chistian Yago Vieira de Souza
Graziele Pereira Santana

Introdução

Neste ano de 2024, o curso de Geografia da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes) comemora 60 anos de relevante trabalho prestado ao norte de Minas Gerais, dado o grande número de egressos: professores e, mais recentemente, bacharéis. O escopo deste trabalho é apresentar algumas experiências da extensão universitária com a participação do Departamento de Geociências e de acadêmicos, predominantemente, de maneira voluntária.

A universidade, em âmbito estadual ou federal, estruturada no tripé Ensino, Pesquisa e Extensão, expressa seu comprometimento com a sociedade em que está inserida. Nesse contexto, quanto às diretrizes e políticas para a Extensão, Nogueira (2000, p. 35) assevera que:

A política de extensão de cada universidade, no âmbito interno, deve propiciar a participação da comunidade universitária privilegiando ações integradas com as administrações públicas, em várias instâncias, em com as entidades da sociedade civil.

Um ponto forte para o desenvolvimento das ações de extensão está relacionado à participação de parceiros internos e externos. No curso de Geografia da Unimontes, os parceiros internos são, na maioria, professores do Departamento de Geociências, e os externos, professores das escolas

atendidas. Há de se destacar a relevante contribuição dos acadêmicos, sem os quais a prática extensionista se inviabiliza.

O propósito da extensão universitária, além de transpor o conhecimento acadêmico para fora dos muros da universidade, é trazer a realidade social para dentro da academia. Conforme Nogueira (2000, p. 69-70): [...] as universidades promovem condições de revitalizações de ensino através da extensão, capazes de formar profissionais críticos, competentes, transformadores e que intervenham sobre a realidade. Ainda, segundo Nogueira (2000, p. 91):

A relação ensino/extensão supõe transformações substantivas no processo pedagógico. Alunos e professores constituem-se em sujeitos do ato de aprender, levando à democratização e a socialização do saber acadêmico e estabelecendo uma dinâmica de intercâmbio e participação das comunidades internas e externas na vida universitária.

Desse modo, os projetos de extensão capacitam os acadêmicos a enfrentar desafios reais e a desenvolver habilidades práticas. Na Unimontes, destacam-se, entre vários projetos e programas, o Práticas Pedagógicas: Reflexão e a Ação da Licenciatura e do Bacharelado em Geografia na Unimontes, o Programa Unimontes Solidária e o Programa Biotemas.

Isso posto, o objetivo deste trabalho é descrever atividades desenvolvidas pelos acadêmicos/professores do curso de Geografia da Unimontes relacionadas à extensão universitária. Quanto ao caminho metodológico, foram utilizadas a pesquisa bibliográfica e a pesquisa documental.

Nas seções seguintes são apresentados alguns aspectos do Projeto e dos Programas mencionados.

O Projeto “Práticas Pedagógicas: reflexão e a ação da licenciatura e do bacharelado em Geografia na Unimontes”

O projeto de extensão “Práticas Pedagógicas: Reflexão e a Ação da Licenciatura e do Bacharelado em Geografia na Unimontes” foi aprovado em 2011 e permanece ativo até o presente ano de 2024. Esse projeto surgiu em razão da inexistência de uma Extensão Universitária na complementação do tripé base do ensino universitário.

Evidencia-se que o profissional de Geografia, professor ou bacharel, que na graduação teve a oportunidade de desenvolver Pesquisa e Extensão juntamente com o Ensino estará mais aberto às inovações. Nesse sentido, Guimarães, Brito e Maciel (2008, p.122) destacam que [...] com a inovação é possível que formem cidadãos críticos e autônomos. Características importantes para quem vai trabalhar com a Ciência Geográfica.

Na sua criação em 2011, o Projeto intencionava valorizar e estimular a Licenciatura em Geografia e teve sua equipe técnica formada neste início pelas professoras: Romana de Fátima Cordeiro Leite, Cármen Cássia Velloso e Silva e Gildette Soares Fonseca. Após 11 anos de existência, surgiu a necessidade de inserir o Bacharelado, considerando as dificuldades de conseguir acadêmicos voluntários da Licenciatura, hoje bolsistas com remuneração do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) e Residência Pedagógica (RP). Para melhor atender os acadêmicos da Licenciatura e do Bacharelado, o Projeto tem priorizado, em suas ações, atividades ligadas à preservação e recuperação do meio ambiente. As questões que envolvem o meio ambiente e a educação ambiental são muito importantes, e a Extensão como prática acadêmica deve, portanto, dirigir seu foco para as questões ambientais e sociais demandadas pela comunidade.

Nos quadros 1, 2 e 3, são apresentados alguns resultados das ações extensionistas no recorte temporal de 2019 a 2023.

Quadro 1 - Professores da Equipe Técnica, 2019/2023

Ano	Resolução CEPEx nº.	Professores	Departamento
2019	159/2018*	Romana de Fátima Cordeiro Leite, Iara Maria Soares Costa da Silveira, Carlos Alexandre de Bortolo, Luiz Andrei Gonçalves Pereira	Geociências
2020	245/2019	Romana de Fátima Cordeiro Leite, Iara Maria Soares Costa da Silveira	Geociências
2021	219/2020	Romana de Fátima Cordeiro Leite, Iara Maria Soares Costa da Silveira, Rachel Inêz Castro Oliveira, Ana Ivânia Alves Fonseca	Geociências
2022	285/2021	Romana de Fátima Cordeiro Leite, Iara Maria Soares Costa da Silveira	Geociências
2023	350/2022	Romana de Fátima Cordeiro Leite, Iara Maria Soares Costa da Silveira, Rachel Inêz Castro Oliveira, Ana Ivânia Alves Fonseca, Vivian Mendes Hermano	Geociências

*O ano de aprovação da Resolução é anterior ao ano de sua vigência.

Fonte: Adaptado de Unimontes (2018, 2019, 2020, 2021, 2022).

Os componentes da equipe técnica do projeto “Práticas Pedagógicas: Reflexão e a Ação da Licenciatura e do Bacharelado em Geografia na Unimontes” totalizaram, no período de 2019 a 2023, sete professores, todos efetivos no Departamento de Geociências, conforme as resoluções do CEPEx (2019-2023) e observado no Quadro 1.

Além dos professores do Departamento, na execução das ações, contou-se com um número de acadêmicos, na maioria voluntários, e professores parceiros das escolas atendidas, como observado no Quadro 2.

Quadro 2 - Total de acadêmicos atendidos e professores parceiros

Ano	Total de Acadêmicos	Total de Professores Parceiros
2019	29	99
2020	01	00
2021	36	10
2022	38 + 1 bolsista	19
2023	41 + 1 bolsista	53

Fonte: Dados da pesquisa, 2024.

As ações foram desenvolvidas em conformidade com as demandas das escolas e com as sugestões propostas na aplicação do Projeto, que compreendeu diversas oficinas, palestras, mostras fotográficas, roda de conversa, minicursos, seminário, entre outras. Destaca-se que, em 8 de novembro de 2023, realizou-se o 1º Seminário de Educação Ambiental no Centro Paula Elizabete, nos turnos matutino e vespertino, em que foram aplicadas cinco oficinas diferenciadas, algumas oferecidas até duas vezes para atender a todo o público de estudantes do Ensino Fundamental. As atividades foram planejadas por acadêmicos e orientadas e acompanhadas pelos professores da equipe técnica, com capacitações e recursos materiais, em parte, do Laboratório de Educação Geográfica, outra parte doada pelos professores e pelos acadêmicos. Essas ações atenderam sete escolas do município de Montes Claros, além de outros municípios do

Norte de Minas, como Glaucilândia em 2019, 2022 e 2023 e Grão Mogol, no ano de 2019, conforme descrito no Quadro 3.

Em 20 de julho de 2022, foi realizado no Auditório do Centro de Ciências Humanas o I Seminário “Aspectos Geográficos e a necessidade de conservação da riqueza natural do PELG Paulinho Ribeiro”, estando presentes a comunidade acadêmica e segmentos da sociedade civil montes-clarense, a Secretaria de Meio Ambiente, guias do Parque e representante da Novo Nordisk¹.

Após as ações, os acadêmicos, juntamente com os professores, produziram trabalhos científicos que foram submetidos a congressos, fóruns e programas da Unimontes, os quais foram aprovados, apresentados e constam nos anais desses eventos na forma de resumos simples e expandidos. Citam-se, entre outros, o 16º Fórum de Ensino, Pesquisa, Extensão e Gestão (FEPEG) 2022, com oito trabalhos; o Biotemas de 2023, com cinco trabalhos, e o I Congresso Internacional de Educação e Inovação - 2023, com cinco trabalhos.

Quadro 3 - Local e total geral de atendidos no período 2019/2023

Ano	Educandário	Município	Total de Atendimentos
2019	E.E. Levi Durães	Montes Claros	2.612
	E.E. Maria Carneiro da Cruz	Glaucilândia	
	E.E. Américo Martins	Montes Claros	
	E.E. Antônio Pimenta	Glaucilândia	

¹ Empresa global de saúde que, por quase 100 anos, desenvolve produtos biológicos inovadores para tratamento de pessoas em todo o mundo com diabetes, obesidade e doenças raras do sangue e endócrinas. Sua unidade produtiva no Brasil está localizada em Montes Claros-MG (Novo Nordisk, 2019).

	E.E. Nita Nassau	Grão Mogol	
	E.E. Delfino Magalhães	Montes Claros	
2020	Atividades desenvolvidas na Universidade devido ao período pandêmico	Atividades desenvolvidas na Universidade devido ao período pandêmico	Atividades desenvolvidas na Universidade devido ao período pandêmico
2021	Projetos desenvolvidos na Universidade	Projetos desenvolvidos na Universidade	Projetos desenvolvidos na Universidade
2022	Casarão Fonseca e Santana	Glaucilândia	24
2023	E.E. Américo Martins, E.E. Augusta Valle, E.E. Antônio Figueira, E.E. Cristina Guimarães, Centro Paula Elizabete	Montes Claros	988
2023	E.E. Antônio Pimenta	Glaucilândia	12

Fonte: Dados da pesquisa, 2024.

Durante os anos de 2020 e 2021, houve uma lacuna nas ações nas escolas de Educação Básica devido ao período pandêmico da Covid-19 que, por medidas sanitárias, as instituições de ensino trabalharam na modalidade remota e as atividades de extensão ficaram reduzidas a *lives* direcionadas apenas aos acadêmicos, conforme planejamentos da Coordenação Didática e do Departamento de Geociências, com destaque para os Geo Seminários.

Breves Considerações sobre o Projeto Biotemas/Programa Biotemas

O Projeto/Programa Biotemas representa um componente importante da Extensão da Unimontes, uma vez que promove a aproximação da Instituição com a sociedade, interligando suas atividades de ensino e pesquisa com as demandas sociais. Com a ampliação das atividades do Projeto Biotemas, ocorreu a transformação de Projeto em Programa Biotemas. Nesse sentido, o Programa representa um espaço para creditação curricular para os cursos de Licenciatura, de cumprimento de atividades de AACC, atuação de PIBIDEANOS e residentes já que atua junto a professores e alunos da Educação Básica (Unimontes, 2020).

O Projeto Biotemas foi idealizado pela professora Luzimara Silveira Braz Machado com uma turma do 6º período do curso de Licenciatura em Biologia da Unimontes, em 2004, por meio da disciplina Estágio Curricular Supervisionado, no anseio de dar dinamicidade e inovação aos trabalhos de estágio. Em 2004, foi criado o 1º Fórum de Biotemas Educação Básica em parceria com a Escola Estadual Professor Plínio Ribeiro, com minicursos, oficinas, palestras, exposições nas diversas áreas das Ciências Biológicas para alunos e professores da Educação Básica. Como a iniciativa foi bem sucedida, repetiu-se nos anos seguintes. Posteriormente, esse evento passou a ser Projeto Biotemas.

Machado e Guerra (2013, p. 81) assim relatam:

O Projeto Biotemas, em parceria com escolas de Educação Básica, busca por meio de suas ações dar um novo significado ao processo de ensino e aprendizagem, articulando o saber acadêmico com o saber a ser ensinado no campo profissional através da transposição didática, para que o processo de apropriação do conhecimento não seja abstrato e proporcione aos acadêmicos, que participam do Projeto, habilidades e competências para ensinar e aos os alunos do ensino fundamental e médio a oportunidade de vivenciarem uma aprendizagem de conteúdos das mais diversas

áreas do conhecimento de forma integrada, contextualizada, em espaços e tempos escolares diferenciados por meio de minicursos, oficinas, palestras, pôsteres, exposições, stands, visitas técnicas, trabalhos de campo, concurso literário, agenda cultural e outros durante a realização do FÓRUM DE BIOTEMAS.

Machado e Guerra (2013, p. 83) prosseguem dizendo que o Projeto Biotemas

[...] representa para a educação um momento privilegiado de divulgação e difusão dos conhecimentos acadêmicos, científicos e culturais, além de ser um espaço para a discussão de temas ligados multi, inter e transdisciplinaridade, contemplando diversas áreas do conhecimento [...].

O Projeto Biotemas/Programa Biotemas favorece a parceria entre a Universidade e a Educação Básica, promovendo o processo de ensino e aprendizagem. O evento Fórum de Biotemas é uma das várias ações desse Programa, é um momento privilegiado de aprimoramento e/ou aquisição de novos conhecimentos. Constituiu-se, portanto, em um espaço de diálogo entre a Unimontes e a Educação Básica, pois divulga e difunde conhecimentos (Unimontes, 2020).

O Fórum de Biotemas acontece anualmente desde 2004, mas a publicação em anais se deu em 2006, fato que deu um caráter mais científico ao evento. Nesse contexto, as atividades do Fórum de Biotemas tem sido uma oportunidade para os acadêmicos do curso de Geografia vivenciarem a prática de ensino.

Conforme o Projeto Político Pedagógico do curso de Licenciatura em Geografia, os acadêmicos devem ser capacitados para atuar como docentes de Geografia na Educação Básica. Nesse sentido, verifica-se que as atividades direcionadas para o ensino básico, com a participação de acadêmicos/professores do Curso de Geografia da Unimontes no Fórum de Biotemas, têm demonstrado que o verdadeiro aprendizado acontece quando se alinha a teoria à prática. O número de atividades científicas desenvolvidas por esses discentes e docentes no Fórum de Biotemas na Educação Básica, incluindo resumos, minicursos, oficinas, exposições e pôsteres de 2006 a 2023, é bem expressivo; aproximadamente, 157 atividades, segundo levantamento feito nos Anais do 3º, 4º, 5º, 6º, 7º, 8º, 9º, 10º, 11º, 12º, 13º, 14º, 15º, 16º, 17º, 18º e 19º Fóruns de Biotemas (Fórum Biotemas na Educação Básica, 2006, 2007, 2008, 2009, 2010, 2011, 2012, 2013; Unimontes, 2020).

Nota-se, nos minicursos/oficinas, a predominância de temas relacionados ao meio ambiente: Educação Ambiental na Escola; Confecção de objetos através de materiais recicláveis; O problema do lixo: Conscientização ainda é a solução; Reciclar, reutilizar e reduzir: O uso sustentável do papelão; Meio ambiente e conservação de parques e cavernas em Montes Claros; Degradação Ambiental no Rio São Lamberto; Interpretando os problemas ambientais relacionados ao curso d'água do rio Vieira, entre outros.

A perspectiva ambiental, consoante os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (Brasil, 1998, p. 189-190):

[...] deve remeter os alunos à reflexão sobre os problemas que afetam a sua vida, a de sua comunidade, a de seu país e a do planeta. Para que essas informações os sensibilizem e provoquem o início de um processo de mudança de comportamento, é preciso que o aprendizado seja significativo, isto é, os alunos possam estabelecer ligações entre o que aprendem e a sua

realidade cotidiana, e o que já conhecem (Brasil, 1998, p. 189-190).

No que se refere aos temas relacionados à Geologia, Solos e Hidrografia, observa-se número significativo de trabalhos, como Viajando no interior da Terra; Compreendendo os abalos sísmicos; A sua casa vem da mineração; Minerais e rochas; Convivendo com os tremores em Montes Claros; Riquezas da terra: desvendando rochas e minerais; Jogar e aprender com o ciclo das rochas; Eras geológicas; Descobrimos os mistérios do solo; Erosão hídrica: a importância da cobertura vegetal; Água: se não cuidar pode acabar; Água cada gota conta; Águas de Minas: potencial, aproveitamento, degradação e poluição; A preciosidade dos recursos hídricos; Água: na Terra e na vida, entre outros. Evidencia-se, assim, a importância de disseminar o conhecimento relacionado a esses temas para que a sociedade compreenda os benefícios que eles proporcionam no seu cotidiano.

Outro tema com um número expressivo de trabalhos é o Cartografia, ressaltando, principalmente, o estudo dos mapas. Podem ser citados, por exemplo: Aprendendo a ler mapas; Desvende o enigma dos mapas; Brincando de construir mapas: a função social da cartografia; A importância da cartografia escolar para a compreensão do espaço de vivência: experiências com o minicurso “Brincando de construir mapas”; Coordenadas geográficas; Alfabetização cartográfica: elementos do mapa; Orientando-se na terra: a cartografia no cotidiano; entre outros. Aprender e exercitar a linguagem cartográfica proporciona ao aluno compreender a função social que os mapas contêm. Para Simielli (2003), por meio deles, pode-se ter o domínio espacial e fazer a síntese dos fenômenos que ocorrem num determinado espaço.

Apesar de não ter sido tão expressivo, o tema Música esteve presente. O minicurso Geografia em canção fez uma leitura da cultura norte-mineira, usando a música como instrumento metodológico nas aulas de Geografia, visto que, por meio das letras das canções, pode-se fazer uma interação entre a sala de aula e o meio como um todo.

Unimontes Solidária e suas Contribuições para Formação nos Cursos de Geografia

O projeto Unimontes Solidária é uma iniciativa da Coordenadoria de Apoio ao Estudante (CAE), vinculada à Pró-Reitoria de Extensão da Unimontes, que atua em parceria com as prefeituras de municípios mineiros que estejam interessadas nas ações do Projeto. Esse conta com a colaboração de acadêmicos voluntários de diversas áreas do conhecimento, como Geografia, Direito, Educação Física, Medicina, Odontologia, Administração, Pedagogia, Engenharia Civil e Enfermagem, entre outros. Os discentes são supervisionados por professores da Universidade que estão vinculados ao Projeto.

A inscrição dos acadêmicos é realizada por meio de formulário no *Google Forms* disponibilizado no *site* da Unimontes, ou presencialmente na CAE em período determinado, em geral, no fim de cada ano. São ofertadas, em média, 30 vagas para os discentes da Unimontes, organizados por equipe. O quantitativo de acadêmicos pode variar conforme as demandas apresentadas pelo município contemplado.

Podem-se inscrever estudantes regularmente matriculados nos cursos de graduação da Universidade, sem distinção de idade ou sexo, contanto que tenham disponibilidade de tempo para atuar no desenvolvimento do Projeto, desde reuniões para alinhar as propostas de ações segundo as necessidades solicitadas pelos representantes dos municípios, repassar orientações e capacitações até a execução das atividades.

Os critérios de seleção dos discentes consideram o plano de ação proposto para ser desenvolvido, o perfil do candidato segundo o plano de ação, as necessidades do projeto e demandas solicitadas pelo município; há prioridade para os acadêmicos que se encontram mais próximos dos períodos finais, assim como para aqueles que apresentam melhor rendimento acadêmico. O Projeto acontece no período de férias letivas da Unimontes, em especial no início do ano, entre os meses de janeiro e fevereiro, dado o número de dias que os acadêmicos e professores deverão

se dedicar às ações, em geral, dez dias, de modo a não os prejudicar ao longo do semestre letivo. Os acadêmicos são distribuídos em dois grupos, cada um desses vai para um município diferente, podendo atuar em áreas urbanas ou rurais.

A Unimontes Solidária, desde 2003, ano inaugural das atividades, atendeu municípios inseridos em regiões carentes de Minas Gerais, sobretudo, os localizados na porção norte do estado (Quadro 4), podendo ter atuado em um mesmo município mais de uma vez, mas em períodos diferentes.

Quadro 4 - Municípios atendidos pelo Projeto Unimontes Solidária

Municípios		
Angelândia	Grão Mogol	Ninheira
Berizal	Ibiaí	Novorizonte
Bonito de Minas	Ibiracatu	Olhos D'Água
Botumirim	Indaiabira	Paracatu
Brasília de Minas	Itacambira	Patis
Campo Azul	Japonvar	Salinas
Capitão Enéas	Jequitaí	Santa Cruz de Salinas
Catuti	Joaíma	São Francisco
Claro dos Porções	Josenópolis	São João da Lagoa
Cônego Marinho	Juvenília	São João da Ponte
Coração de Jesus	Lontra	São João das Missões
Cristália	Minas Novas	São João do Pacuí
Curral de Dentro	Mirabela	São João do Paraíso
Engenheiro Navarro	Montalvânia	São Romão
Francisco Sá	Monte Formoso	Serranópolis de Minas
Fruta de Leite	Montes Claros	Urucuaia
Gameleira	Montezuma	Varzelândia

Fonte: Dados da pesquisa, 2024.

Atinente à escolha dos municípios atendidos pelo Projeto, essa ocorre por meio de seleção; em primeiro momento, a Unimontes disponibiliza um período específico para que os representantes dos municípios interessados possam se inscrever. É responsável pelas inscrições a CAE, que está localizada no *campus*-sede Professor Darcy Ribeiro, na cidade de Montes Claros.

Após o período de inscrições, são escolhidos, em geral, dois municípios, atendendo os principais critérios de seleção que são: localidades que manifestam elevadas taxas de mortalidade infantil, analfabetismo e os mais baixos índices de Desenvolvimento Humano (IDH) e Produto Interno Bruto (PIB), ou seja, são elegíveis aqueles espaços com indicadores sociais e econômicos menos expressivos.

O Unimontes Solidária visa levar os conhecimentos construídos pelos acadêmicos até a população de baixa renda de municípios carentes, colocando a Universidade a serviço das pessoas, ofertando de forma gratuita ações relacionadas à arte, cultura, saúde, educação, meio ambiente, desenvolvimento sustentável, empreendedorismo, cidadania, assistência social, justiça, direitos humanos, entretenimento, esporte e lazer, entre outras atividades que podem ser solicitadas pelo município escolhido.

Pontua-se que, frequentemente, o Projeto conta com a participação de acadêmicos dos cursos de Geografia que estão presentes em outras ações de extensão promovidos pela CAE, ao longo do ano, além do Unimontes Solidária, a exemplo do multicampi que desenvolve atividades similares ao da Unimontes Solidária, entretanto, em um período menor de tempo.

Nesse contexto, a iniciativa possibilita aos acadêmicos dos cursos de Geografia Licenciatura e Bacharelado, assim como das demais graduações da Instituição, atuarem em projetos de extensão na sua área de formação, divulgando e colocando em prática os conhecimentos edificados na Unimontes para além de seus muros.

Sousa (2020, p.115) assevera que: “É por meio das atividades

extensionistas que ocorre a democratização e a difusão dos conhecimentos produzidos na universidade, propiciando uma complementação na formação inicial aos alunos do curso de Geografia”. É merecido destaque à articulação propiciada pelo Projeto, que permite aos acadêmicos dos cursos de Geografia colocarem em prática os saberes teóricos. Diversos autores, entre os quais Barreiro e Gebran (2006), Pimenta e Lima (2004), Saviani (1994), Kulcsar (1991), há décadas, já evidenciavam a relevância da relação entre teoria e prática na formação acadêmica.

Nas palavras de Sousa (2020, p.115): [...] é por meio de aplicações dos projetos de extensões que os discentes são levados a aprender e compreender a realidade a qual estão inseridos. O contato com os contextos social, econômico, cultural e ambiental da área de atuação do projeto proporciona a sensibilização dos futuros profissionais, oportunizando o exercício de valores, a exemplo da empatia, solidariedade e amor ao próximo.

A Geografia é uma ciência que compartilha saberes de outras áreas, como História, Pedagogia, Economia, Administração, Medicina, Biologia, Direito e Engenharia Agrícola, Geológica e Civil, entre outras. Portanto, é válido reforçar que, como a iniciativa abrange todas as graduações da Universidade, há uma articulação da Geografia com os demais cursos, criando um ambiente propício para troca de saberes entre as áreas.

A relevância do papel interdisciplinar na formação de profissionais é destacada por Favarão e Araújo (2004, p. 107):

A interdisciplinaridade corresponde a uma nova consciência da realidade, a um novo modo de pensar, que resulta num ato de troca, de reciprocidade e integração entre áreas diferentes de conhecimento, visando tanto à produção de novos conhecimentos, como a resolução de problemas, de modo global e abrangente.

Ao longo das atividades do Projeto, os acadêmicos do curso de

Geografia estiveram envolvidos com palestras sobre temas variados da ciência geográfica, mostra e catalogação de rochas e minerais, passeatas de sensibilização do combate à dengue, preservação do meio ambiente, colônia de férias para crianças, trilhas ecológicas, dinâmicas e brincadeiras educativas, sobretudo sobre as questões ambientais; foram, ainda, desenvolvidas oficinas de artesanato com materiais reciclados, limpeza de praças e próximas de rios, além de atividades relacionadas aos demais cursos que, no momento da realização, careciam de auxílio de mais pessoas para atender a demanda.

Considerações Finais

O Projeto de Extensão “Práticas Pedagógicas: Reflexão e a Ação da Licenciatura e do Bacharelado em Geografia na Unimontes” tem procurado desenvolver a política de extensão com a participação de acadêmicos e professores. As ações desenvolvidas priorizam escolas da Educação Básica no município de Montes Claros ou em outros municípios do Norte de Minas, dependendo de suas demandas e com forte viés voltado para as questões ambientais.

Percebe-se que o Curso de Geografia da Unimontes tem contribuído expressivamente no Fórum de Biotemas na Educação Básica com diversas áreas temáticas para a formação dos alunos desse nível de ensino. O Fórum tem sido um evento privilegiado de divulgação e difusão dos conhecimentos científicos, culturais, entre outros, proporcionando pesquisa e produção de novos conhecimentos para a teoria e a prática de ensinar.

As contribuições para a formação dos acadêmicos provenientes do Projeto Unimontes Solidária não se limitam a criar condições para que os estudantes possam unir a teoria à prática; as ações permitem que os acadêmicos ampliem seus conhecimentos da realidade regional, em que, possivelmente, atuarão como profissionais. As atividades desenvolvidas pelos acadêmicos dos cursos de Geografia na Unimontes Solidária são consideravelmente diversificadas, pois tanto a Licenciatura quanto o

Bacharelado permitem, em razão da variedade de disciplinas, que os discentes desenvolvam atividades relacionadas a temáticas em que os extensionistas apresentam melhores aptidões.

Isso posto, é possível afirmar que as atividades de Extensão realizadas no curso de Geografia sustentam a indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão. Sendo assim, acredita-se que as atividades extensionistas contribuem de maneira significativa para evidenciar a importância da Geografia, seja na Licenciatura, seja no Bacharelado.

Referências

BARREIRO, I. M. de F.; GEBRAN, R. A. Prática de ensino: elemento articulador da formação do professor. In: BARREIRO, I. M de F.; GEBRAN, R.A. *Prática de ensino e estágio supervisionado na formação de professores*. São Paulo: Avercamp, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

FAVARÃO, N.R.L.; ARAÚJO, C. de S. A. *Importância da Interdisciplinaridade no Ensino Superior*. EDUCERE, Umuarama, v.4, n.2, p.103-115, jul./dez. 2004.

FÓRUM BIOTEMAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA, 3., 2006, Montes Claros. *Anais [...]*. Montes Claros: Unimontes, 2006.

FÓRUM BIOTEMAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA, 4., 2007, Montes Claros. *Anais [...]*. Montes Claros: Unimontes, 2007. 1 CD-ROM.

FÓRUM BIOTEMAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA, 5., 2008, Montes Claros. *Anais [...]*. Montes Claros: Unimontes, 2008.

FÓRUM BIOTEMAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA, 6., 2009, Montes Claros. *Anais [...]*. Montes Claros: Unimontes, 2009.

FÓRUM BIOTEMAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA, 7., 2010, Montes Claros. *Anais [...]*. Montes Claros: Unimontes, 2010.

FÓRUM BIOTEMAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA, 8., 2011- 2012 Montes Claros. *Anais [...]*. Montes Claros: Unimontes, 2011- 2012.

FÓRUM BIOTEMAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA, 9., 2012-2013, Montes Claros. *Anais [...]*. Montes Claros: Unimontes, 2012-2013.

GUIMARÃES, J.M. de C; BRITO, M. P.R.; MACIEL, F. E. A. As práticas docentes inovadoras como impulso para aprendizagem significativa. In: MEIRA, J. N. G. (org.). *Revista Educação Escola e Sociedade*, Montes Claros, v. 01, n. 01, 2008.

KULCSAR, R. O estágio supervisionado como atividade integradora. In: PICONEZ,

BERTHOLO, S. C. (org.). *A prática de ensino e o estágio supervisionado*. São Paulo: Papirus, 1991. p. 63-74.

MACHADO, L. S. B.; GUERRA, M. de F. M. Nos cinquenta anos da Unimontes o Projeto Biotemas tecendo a integração Universidade-Escola. In: MACHADO, Luzimara Silveira Braz; SOUTO, M. G.F. ; OLIVEIRA, R. I C. de; PALHARES, L. T. N. (org.). *A Letra e a Voz da Extensão: Projeto BIOTEMAS, uma década de integração Universidade e Educação Básica*. Montes Claros: Unimontes, 2013. p. 79-98.

NOGUEIRA, M. das D. P. *Extensão universitária: diretrizes conceituais e políticas*. Documentos básicos do Fórum Nacional de Pró-Reitores de

Extensão das Universidades Públicas Brasileiras 1997-2000. Belo Horizonte: Proex/UFGM; O Fórum, 2000, 196p.

NOVO NORDISK. *História e presença no Brasil*. Montes Claros: Novo Nordisk, 2019. Disponível em: <https://www.novonordisk.com.br/about/historia-e-presenca-no-brasil.html>. Acesso em 24 jan. 2024.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. *Estágio e Docência*. São Paulo: Cortez, 2004. SAVIANI, D. *Saber escolar, currículo e didática*. Campinas: Autores Associados, 1994.

SIMIELLI, M. H. R. Cartografia no Ensino Fundamental e Médio. In: CARLOS, A. F. A. et al. (org.). *A Geografia na sala de aula*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

SOUSA, M. G. de. A Importância da Extensão Universitária para o Processo de Formação Inicial em Geografia. Form@re, *Revista do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica*, Teresina, v.8, n. 1, p.111-119, jan. / jun. 2020. Disponível em: <https://comunicata.ufpi.br/index.php/parfor/article/view/10486>. Acesso em: 28 jan. 2024.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS. *Programa Biotemas*. Montes Claros: Unimontes, 2020. Disponível em: <https://www.biotemas.unimontes.br/>. Acesso em: 06 fev. 2024.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS. Resolução CEPEx/Unimontes nº. 350, de 15 de dezembro de 2022. *Aprova a renovação do Projeto/Programa de Extensão: Práticas Pedagógicas, Reflexão e Ação da Licenciatura e do Bacharelado em Geografia da Unimontes*. Montes Claros: Unimontes, 2022.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS. Resolução CEPEX/Unimontes nº. 219, 18 de novembro de 2020. *Aprova a prorrogação da Ação de Extensão Práticas Pedagógicas Reflexão e Ação da Licenciatura em Geografia*. Montes Claros: Unimontes, 2020.

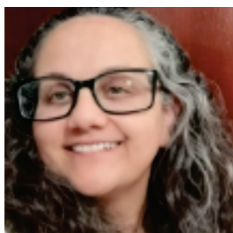
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS. Resolução CEPEX/Unimontes nº. 285, de 08 de dezembro de 2021. *Aprova a prorrogação da Ação de Extensão: Práticas Pedagógicas Reflexão e Ação da Licenciatura em Geografia*. Montes Claros: Unimontes, 2021.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS. Resolução nº. 159 - CEPEX/2018. *Aprova a prorrogação de projetos extensão pelo período de um ano*. Montes Claros: Unimontes, 2018.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS. Resolução nº. 245 - CEPEX/2019. *Aprova a prorrogação das ações de extensão pelo período de um ano*. Montes Claros: Unimontes, 2019.

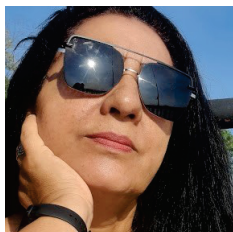
SOBRE OS AUTORES

ADRIANY DE ÁVILA MELO SAMPAIO



Doutora em Geografia (UFRJ), Mestre e Licenciada pela UFU, onde é Professora Titular no Instituto de Geografia e no Programa de Pós-Graduação. Coordena os grupos de pesquisa GPEGPSHI e GPEEE, vinculados ao LAGEPOP. Atua nas áreas de Formação Docente, Educação do Campo, Educação Quilombola e Indígena, Geografia e Educação Popular, Ensino de Geografia, Cartografia Escolar, Questões de Gênero, Educação Inclusiva e Antirracismo, com foco na articulação entre geografia, educação e justiça social.

ANA IVÂNIA ALVES FONSECA



Doutora em Geografia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - Unesp (2012). Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia - UFU (2003). Graduada em Geografia pela Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES (1995). Graduação em Pedagogia (Centro Universitário Facvest, 2019). Professora do Departamento de Geociências e do Programa de Pós Graduação em Geografia/PPGEO, Nível Mestrado, da Universidade Estadual de Montes Claros/Unimontes. Atuou como chefe de departamento (2019-2020), coordenadora de curso (2005-2009). Tem experiência na área de Geografia, com ênfase em Geografia Agrária e Regional, atuando principalmente nos seguintes temas: agroecologia; agricultura familiar; multifuncional, ruralidade, cerrado, sustentabilidade, agroextrativismo, dinâmicas territoriais, desenvolvimento rural, espaço rural e geografia regional.

CARLOS ALEXANDRE DE BORTOLO



Doutor em Geografia pela Universidade Estadual de Maringá -UEM- PR. Mestre em Geografia pela Universidade Estadual de Londrina - UEL-PR. Licenciado e Bacharel em Geografia pela Faculdade de Ciências e Tecnologia - FCT/Unesp. Atualmente é Professor no Departamento de Geociências na Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes-MG e também coordenador e professor no Programa de Pós Graduação Mestrado e Doutorado em Geografia da mesma instituição, orientando dissertações e pesquisas que versam sobre a temática da Geografia Humana e a Produção do Espaço Urbano. Também coordena a licenciatura em Geografia da Universidade Aberta do Brasil (UAB/Unimontes).

CÁSSIO ALEXANDRE DA SILVA



Doutor em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia - UFU (2014). Mestre em Desenvolvimento Social pela Universidade Estadual de Montes Claros- Unimontes (2007). Especialista em Geografia Regional do Brasil e Minas Gerais-Unimontes (1997) e em Turismo e Desenvolvimento Regional - Faculdades Integradas Pitágoras Claros-FIP/MOC (2003). Graduação em Geografia, Licenciatura Plena, pela Unimontes (1995), onde atua como docente no Departamento de Geociências, nos cursos de Geografia (Licenciatura e Bacharelado). Atuou como Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Geografia - PPGeo-Unimontes, onde é docente e pesquisador. Participa como professor colaborador do Núcleo de Estudos e Pesquisa em Geografia Rural-NEPGER. Tem experiência na área de Geografia, com ênfase em Desenvolvimento Regional, atuando principalmente nos seguintes temas: Geografia Cultural, Território, Desenvolvimento Social, Desenvolvimento Sustentável, Relações entre o Urbano e o Rural, Turismo e Representações Geográficas e Cartográficas. Participou do PIBID de 2014 a 2018; de 08/2018 até 01/2020; de 10/2020 até 04/2022 e o último de 06/2023 a 03/2023.

CHRISTIAN YAGO VIEIRA DE SOUZA



Mestre em Geografia, com especializações em Didática e Metodologia do Ensino Superior, Orientação, Supervisão e Inspeção Escolar, e Educação a Distância. Graduação em Geografia e em Pedagogia (Licenciaturas). Professor de Geografia na rede estadual de ensino de Minas Gerais e professor bolsista pelo Centro de Educação a Distância CEAD/Unimontes, nos cursos de licenciatura em Geografia e Pedagogia.

DULCE PEREIRA DOS SANTOS



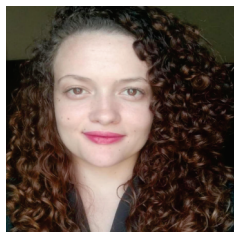
Doutora em Geografia (UFU). Mestre em Desenvolvimento Social (Unimontes). Licenciada em Geografia e Pedagogia. Professora da Unimontes, com experiência em Ensino de Geografia, Estágio Supervisionado, Geografia Urbana e Educação. Desenvolve pesquisas sobre Educação Básica, Espaço Urbano e Educação Superior e integra os grupos de pesquisa LEGIDEPE, GPEGPSHI, GPEEE e LAGEPOP. Coordenou o Programa Residência Pedagógica e atualmente coordena o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência.

FILOMENA LUCIENE CORDEIRO REIS



Doutorado em História pela Universidade Federal de Uberlândia (2013). Mestrado em História pela Universidade Severino Sombra (2005). Pós graduação lato-sensu em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Montes Claros (1996) e Gestão da Memória: Arquivo, Patrimônio e Museu pela Universidade do Estado de Minas Gerais (1998). Graduação em História pela Universidade Estadual de Montes Claros (1994), e em Pedagogia pelo Centro Universitário UniSant'Anna (2021-2024). Atualmente é professora do Departamento de História e do Programa de Pós Graduação em História da Universidade Estadual de Montes Claros e do Centro Universitário Funorte, no curso de Direito. Chefe da Divisão de Pesquisa e Documentação Regional da Unimontes, de 1995 a 2009, e Diretora de Documentação e Informações da Unimontes, desde 2023.

GRAZIELE PEREIRA SANTANA CORDEIRO



Graduada em Geografia (Licenciatura) pela Universidade Estadual de Montes Claros. Realizou pesquisa sobre áreas verdes em Montes Claros, com ênfase em praças públicas, e integrou o laboratório de Educação Geográfica (LAEDGEO).

IARA MARIA SOARES COSTA DA SILVEIRA



Doutora em Geografia da Saúde pela Universidade Federal de Uberlândia (2013). Mestrado em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia (2003). Especialista em Geografia e Meio Ambiente (2002), Saneamento e Meio Ambiente (2002), Psicologia do Trabalho e Desenvolvimento Organizacional (UNB/FUNM, 1991), Ciências Sociais Área III (FUNM/UFNMG, 1983). Licenciada em Geografia pela Fundação Norte-Mineira de Ensino Superior (1973). Atualmente é professora da Unimontes, atuando principalmente nos seguintes temas: Geografia Regional, Geografia da Saúde, Crescimento Urbano, Globalização, Educação Ambiental e Cerrado.

JANETE APARECIDA GOMES ZUBA



Doutorado e Mestrado em Geografia na linha de pesquisa Ensino Métodos e Técnicas em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia. Licenciatura em Geografia pela Universidade Estadual de Montes Claros, e em Pedagogia pela Faculdade Verde Norte. Professora e pesquisadora da Universidade Estadual de Montes Claros, com experiência na área de Geografia, atuando principalmente nos seguintes temas: Ensino de Geografia, Estágio Curricular Supervisionado, Formação de Professores, Didática de Geografia, Educação a Distância, Formação Continuada de Professores.

MÁRCIA VERSSIANE GUSMÃO FAGUNDES



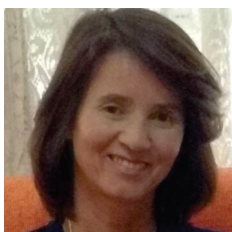
Doutorado e mestrado pela UFU. Graduada e pós-graduada em Geografia pela Unimontes, onde atua como Professora do Departamento de Geociências, tendo sua trajetória comprometida com a Geografia crítica, além de atuar na coordenação didática do curso (2009/2013 – 2023/2024). À frente do NEPEX-GEPop (Unimontes) e integrante do GPEGPSHI (UFU).

PRISCILLA CAIRES SANTANA AFONSO



Doutorado em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia – Dinâmicas Territoriais e Estudos Ambientais – Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Atua, desde o ano de 2004, como professora no Departamento de Geociências da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes). Membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Geografia Rural – NEPGer, desde 2024.

RACHEL INÊZ CASTRO DE OLIVEIRA



Doutorado em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia – Tratamento da Informação Espacial, na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Graduada em Engenharia Geológica pela Universidade Federal de Ouro Preto. Atua, desde o ano de 1996, no Departamento de Geociências da Universidade Estadual de Montes Claros. Tem experiência na área de Geociências, com ênfase em Geologia Ambiental/Geologia Geral/Petrologia/Mineralogia, atuando principalmente nos seguintes temas: Geodiversidade, Geoturismo, Recursos Hídricos, Análise Ambiental e Solos.

RAHYAN DE CARVALHO ALVES



Doutor e Mestre em Geografia (UFMG). Professor da Unimontes e do Programa de Pós-Graduação em Geografia. Licenciado em Geografia e Pedagogia, com diversas especializações em educação e meio ambiente. Atua nas áreas de Geografia Escolar, Formação Docente e Geografia Cultural. Coordena o LEGIDEPE/CNPq e participa de projetos de pesquisa, ensino e extensão. Exerce funções de gestão acadêmica e integra conselhos editoriais. Possui experiência na educação básica, superior e programas institucionais como PIBID e PRP.

RICARDO HENRIQUE PALHARES



Doutorado em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia – Tratamento da Informação Espacial – PUC Minas. Atua no Departamento de Geociências e no Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGEO) da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes). Desde 2018, é coordenador do Laboratório de Cartografia do Departamento de Geociências, atuando como professor colaborador em projetos de ensino, pesquisa e extensão nas áreas de Geocartografia, Cartografia Tátil, Meio Ambiente e Turismo, Geografia Cultural e da Religião.

ROMANA DE FÁTIMA CORDEIRO LEITE



Mestrado em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), com área de concentração em Análise e Planejamento Socioambiental. Professora aposentada na Educação Básica pelo Colégio Tiradentes da Polícia Militar de MG em Montes Claros. Professora do Departamento de Geociências da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), desde 1997. Atuou como Coordenadora do Curso de Geografia, Chefe do Departamento de Geociências, Coordenadora de Projeto de Extensão e do Laboratório de Educação Geográfica.